

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**O PROCESSO FORMATIVO DOS SEMINARISTAS SALESIANOS:
OS QUE PERMANECEM, COMO PERMANECEM? OS QUE
DESISTEM, POR QUE O FAZEM?**

ADENILSON LOPES RUBIM

VILA VELHA-ES
FEVEREIRO/2021

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**O PROCESSO FORMATIVO DOS SEMINARISTAS SALESIANOS:
OS QUE PERMANECEM, COMO PERMANECEM? OS QUE
DESISTEM, POR QUE O FAZEM?**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

ADENILSON LOPES RUBIM

VILA VELHA-ES
FEVEREIRO/2021

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

R896p

Rubim Adenilson.

O processo formativo dos seminaristas salesianos : os que permanecem, como permanecem? os que desistem, por que o fazem? / Adenilson Rubin. – 2021.

105 f. : il.

Orientador: Diogo Silva Corrêa.
Dissertação (mestrado em Sociologia Política) -
Universidade Vila Velha, 2021.

Inclui bibliografias.

1. Sociologia Política. 2. Padres da igreja. 3. Seminaristas formação. I. Corrêa, Diogo Silva. II. Universidade Vila Velha. III. Título.

CDD 306.2

ADENILSON LOPES RUBIM

**O PROCESSO FORMATIVO DOS SEMINARISTAS SALESIANOS:
OS QUE PERMANECEM, COMO PERMANECEM? OS QUE
DESISTEM, POR QUE O FAZEM?**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2021.

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
Bruno Mafra Ney Reinhardt
Data: 24/05/2021 07:40:58-0309
CPF: 052.307.276-75
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Bruno Mafra Ney Reinhardt
Universidade Federal de Santa Catarina

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'P. Ornelas'.

Prof. Dr. Pablo Ornelas Rosa
Universidade Vila Velha

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Diogo Silva'.

Prof. Dr. Diogo Silva Corrêa (orientador)
Universidade Vila Velha

AGRADECIMENTOS

“Vejo-me como um menino andando em uma corda bamba! O segredo para se chegar ao final dessa corda é olhar sempre para frente, não se distrair, não olhar para os lados. Ter sempre os olhos fixos no Senhor” (Dom Bosco).¹

O agradecimento é uma espécie de movimento de saída e de chegada: saída de si mesmo e encontro com outros sujeitos que conosco interagem. Ou ainda, uma via de mão dupla, ao reconhecermos o valor de alguém e por este ser, de algum modo, reconhecido, e ambos se deixem influenciar.

Nessa compreensão, sou grato a meus amigos Geraldo e Marcelo, que me ajudaram a retomar o entendimento de que o conhecimento impulsiona e, de alguma maneira, nos redime. Pelos deliciosos momentos de discussão entre um café e outro, fazendo impensáveis conexões interdisciplinares, sou grato a Marcelo Inácio. Aos sobrinhos Cibely e Argilano, pela gentileza na organização e pesquisa textual.

Ao apoio e incentivo dado pela instituição salesiana, especialmente à Inspeção São João Bosco, sede e objeto da pesquisa, nas pessoas dos inspetores Orestes e Natale. No diálogo estabelecido com outras inspeções, agradeço pela gentileza, acolhimento e entusiasmo com que me trataram as referências da formação nas inspeções Nossa Senhora Auxiliadora (São Paulo-SP) e Santo Afonso Maria de Ligório (Campo Grande-MS).

Sou muitíssimo grato aos formadores, que ultrapassaram o fechamento inicialmente esperado e que, de forma interessada, prestativa e responsável com o processo formativo, contribuíram com a pesquisa.

Aos seminaristas, foco de nosso trabalho, mais que gratidão. O registro aqui é também de respeito e admiração pela corajosa, desafiadora e bela abertura ao novo em suas vidas. Escrever suas histórias e compartilhá-las é, mesmo em meio a dúvidas e incertezas, um ato de coragem. De nossa parte, ler suas trajetórias e ouvir suas intimidades, enquanto emergiam, fizeram-nos “escutadores” e confidentes, excedendo ao contrato inicial de pesquisador e pesquisado.

¹ Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/atualidade/comportamento/o-segredo-da-perseveranca-e-sempre-olhar-para-frente/>. Acesso em: 21 maio 2021.

De grande importância foram os professores do Programa de Mestrado em Sociologia Política, profissionais jovens na vida e entusiasmados com ela. Suas ideias, propostas e incansável empenho com a Ciência Social, e o que suas abordagens puderam suscitar, contribuíram para a base não somente deste trabalho, mas para as interlocuções que diariamente se tornaram possíveis e necessárias.

O tempo dedicado ao mestrado, curto e intenso, tornou possíveis os laços estabelecidos com pessoas que levarei na memória. Colegas que se achegaram de realidades e propósitos diferentes, encontrando-se em sala presencial ou virtual, mas privilegiando sempre um espaço para falarem de si. Por esse zelo e suas partilhas, muito obrigado!

A Fernando Vicente, colega do Mestrado, de forma especial, sou grato por sua gentileza desmedida, pela atenção às necessidades partilhadas, pelas dicas de leituras e, sobretudo, pela tradução dos capítulos que utilizei da obra *Religious conversion and disaffiliation*, de Gooren (2010).

Aos professores Pablo Rosa e Bruno Reinhardt, que compuseram as bancas, respeito e admiração pela lucidez e comprometimento com a pedagogia do caminhar junto na construção do conhecimento.

Um sincero agradecimento ao professor Diogo Corrêa, orientador desta pesquisa, por me apresentar e fazer-me encantar pela metodologia aqui adotada, recurso que possibilitou entender não somente a trajetória dos indivíduos, em especial a do biografado em seus “problemas íntimos”, mas também a trajetória do pesquisador, que se percebeu melhor enquanto acessava dados e interagiu com as histórias de vida. A Diogo, ainda, a admiração pela militância e comprometimento com a pesquisa que transforma ao questionar os envolvidos nos cenários pessoais e sociais.

Naturalmente, minha gratidão a Deus por tornar possíveis todos esses encontros, ajudando-me a compreender que há propósito neles. O tempo da pesquisa e da escrita foi, nesta interpretação, excelente aprendizado de que o Sagrado, por modos improváveis, influencia nossas decisões e empreendimentos.

A todas e todos que carinhosamente se alegraram e rezaram comigo para este propósito, a minha gratidão!

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	8
LISTA DE QUADROS E TABELAS	9
RESUMO.....	11
ABSTRACT.....	12
1 INTRODUÇÃO	13
2 O SURGIMENTO DE UMA CONGREGAÇÃO.....	18
2.1 A Congregação Salesiana	18
2.2 A instituição salesiana: entre o clerical e o secular	21
2.3 O Estado, a Igreja e as novas leis	22
2.4 Os religiosos salesianos no País da Santa Cruz	23
2.5 A extensão salesiana no Brasil	24
2.6 Como se forma um salesiano?.....	26
2.7 Os votos religiosos, a regra salesiana	31
3 O SEMINÁRIO.....	42
3.1 Origem e fim do seminário	42
3.2 O seminário salesiano: a oferta de um carisma	43
3.3 O jeito salesiano de avaliar.....	44
3.3.1 <i>O que os salesianos avaliam?</i>	46
3.3.2 <i>Um instrumento de avaliação: o escrutínio</i>	50
3.4 O diagnóstico de Goffman.....	51
3.5 A pluralidade do ator, de Lahire.....	52
3.6 O sujeito escrutinado que não permaneceu	55
3.7 Avaliação trimestral: observação dos formadores	66
3.8 Avaliação trimestral: observação dos formadores	67
4 O SEMINARISTA	72
4.1 O seminarista e o seminário.....	72
4.1.1 <i>O seminarista, esse vocacionado</i>	73
4.1.2 <i>O seminarista e os ecos dos pares</i>	74
4.1.2.1 <i>A personagem fictícia</i>	75
4.2 Amaral, o nosso biografado	76
4.2.1 <i>O sujeito Amaral: o início de uma carreira</i>	77
4.2.1.1 <i>A família de Amaral: contexto e perfis</i>	78

4.3	Amaral, o seminarista salesiano e os contextos de pandemias	80
4.4	Amaral: da teologia ao aspirantado, as memórias de cada fase.....	81
4.4.1	<i>O pré-noviciado</i>	82
4.4.2	<i>O noviciado.....</i>	83
4.4.3	<i>O pós-noviciado</i>	84
4.4.4	<i>O tirocínio</i>	86
4.4.4.1	<i>O segundo ano de tirocínio.....</i>	88
4.4.5	<i>A teologia: lugar de chegada e de retrospectiva.....</i>	89
4.5	Os espaços da teologia: função e ocupação	93
4.5.1	<i>O quarto, lugar da individualidade</i>	93
4.5.2	<i>Capela, o espaço de oração comum</i>	95
4.5.3	<i>O refeitório comunitário</i>	96
4.6	Amaral: permanecer e buscar pelo amor	97
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
	REFERÊNCIAS.....	102

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Salesianos no mundo	19
Figura 2. Salesianos nas nações.....	20
Figura 3. Inspetorias salesianas no Brasil	25
Figura 4. Localização da Inspetoria São João Bosco	26
Figura 5. Leitura da fórmula dos votos evangélicos por um noviço.	34
Figura 6. Acolhimento do novo religioso pelo padre inspetor e testemunhas.....	35
Figura 7. Corredor entre os quartos dos estudantes da Teologia.....	94
Figura 8. Celebração da missa.....	96
Figura 9. Refeitório da comunidade da teologia.	97

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1. Planejamento comunitário do aspirantado e pré-noviciado.	29
Quadro 2. Aulas ofertadas no aspirantado e pré-noviciado.....	30
Quadro 3. Programação comunitária do noviciado.....	33
Quadro 4. Programa de aulas do noviciado.	34
Quadro 5. Programação comunitária do pós-noviciado.....	37
Quadro 6. Programação comunitária de uma casa salesiana em que a fase do tirocínio pode ocorrer.	38
Quadro 7. Programação comunitária da teologia	40
Quadro 8. As dimensões avaliadas, suas justificativas e critérios negativos e positivos.	49
Quadro 9. Ator 1: maio de 2013. Avaliação trimestral: observação dos formadores.	56
Quadro 10. Comparativo de reclamações e avanços: ator 1.....	57
Quadro 11. Ator 1: outubro de 2013. Avaliação trimestral: observação dos formadores.	58
Quadro 12. Comparativo de reclamações e avanços: ator 1. Ano de experiência: 2013.	59
Quadro 13. Relatório de experiência formativa. Ator 1 (conclusão da etapa formativa).	60
Quadro 14. Ator 1: julho de 2014. Segundo ano do pré-noviciado. Avaliação trimestral: observação dos formadores.	61
Quadro 15. Ator 1: outubro de 2014. Segundo ano da primeira fase. Avaliação trimestral: observação dos formadores.	62
Quadro 16. Comparativo de reclamações e avanços: ator 1. Ano de experiência: 2014.	63
Quadro 17. Quadro comparativo de reclamações e avanços: ator 1. Ano de experiência: 2014.	64
Quadro 18. Relatório de encerramento de experiência do ator 1. Fim de 2014.	65
Quadro 19. Ator 2: maio de 2016.	66

Quadro 20. Ator 2: setembro de 2016.	67
Quadro 21. Comparativo de reclamações e avanços: ator 2. Ano de experiência: 2016.	67
Quadro 22. Comparativo de reclamações e avanços: ator 2. Ano de experiência: 2016.	68
Quadro 23. Relatório de encerramento de experiência do ator 2. Fim de 2016.	69
Quadro 24. Retrospectiva das fases de formação.....	91
Tabela 1. Sete nações com maior concentração de religiosos e noviços.....	20

RESUMO

RUBIM, Adenilson, L. M.Sc. Universidade Vila Velha - ES, fevereiro de 2021. **O processo formativo dos seminaristas salesianos: os que permanecem, como permanecem? Os que desistem, por que o fazem?** Orientador: Diogo Silva Corrêa.

Esta dissertação baseia-se em uma pesquisa bibliográfica cujo objetivo é entender o movimento de saída e permanência de seminaristas salesianos em casas de formação desses religiosos. A pergunta que nos norteou como problema de pesquisa nos ajudou a nos aproximar das realidades desses indivíduos que percorreram caminhos diferentes. Deixar o seminário ou ser “convidado a se retirar” dele são apontamentos marcantes na vida desses atores e, certamente, no histórico institucional da Congregação Salesiana. Quanto ao seminarista que permanece, as entrevistas nos possibilitaram entender sua trajetória e o diálogo que estabeleceu com a instituição seminário na construção de sua biografia. Apoiados na metodologia sociológica que se aproxima, interage e evidencia os sujeitos e seus “problemas íntimos”, estabelecemos estreito contato com esses atores portadores de “pluralidades”.

Palavras-chave: seminário, vocação, padres.

ABSTRACT

RUBIM, Adenilson, L., M.Sc. University of Vila Velha - ES, February 2021. **The formative process of Salesian seminarians: those who remain, how do they remain? Those who give up, why do they do it?** Advisor: Diogo Silva Corrêa.

This dissertation is based on a bibliographic research whose aim is to understand the dynamics of withdrawal from and permanence of Salesian seminarians in the houses of formation of these ecclesiastics. The question that guided us as the research problem helped us approach the realities of these individuals who followed different paths. Leaving the seminary or being “invited to withdraw from it” are remarkable occurrences in the lives of these actors and certainly in the institutional history of the Salesian congregation. As for the seminarians who have stayed, the interviews have enabled us to understand their trajectories and the dialogue that they have established with the seminarian institution in the construction of their biographies. Supported by the sociological methodology that approaches, interacts with, and highlights the subjects and their “intimate problems”, we were able to establish close contact with these actors bearers of “pluralities”.

Keywords: seminary, vocation, priests.

1 INTRODUÇÃO

“O meu amado é todo meu, e eu sou dele. Ele é um pastor entre os lírios até que surja o dia e fujam as sombras” (Ct 3,16).

A decisão de pesquisar a formação salesiana veio pela provocação do orientador, prof. Diogo Corrêa, com uma pergunta que conduziu nossas conversas iniciais a outra direção. Como se forma um salesiano? A formulação simples de uma temática complexa certamente pediria uma pausa para organizar as respostas que inserissem o ouvinte/leitor nesse desconhecido universo.

Em meio à pausa necessária para a organização do que falar sobre a formação salesiana, inevitavelmente me coloquei, como primeira bibliografia, um texto cuja leitura se dava a partir do que eu, como “objeto” estudado, respondia muito mais pelos trajetos empreendidos que pela teoria recebida ou aprendida de fato no seminário.

O diálogo que estabelecemos, orientador e orientando, oscilava entre a figura do pesquisador em início de pesquisa e o sujeito que percorreu o itinerário da formação salesiana e, por ter permanecido nos espaços do seminário e concluído suas etapas, tornou-se padre. O que construímos como projeto de pesquisa era, na verdade, a retomada de meu percurso e o interesse pelas experiências que faziam os atuais seminaristas salesianos.

Pesquisar a vida e a trajetória de seminaristas que construíram suas biografias de maneiras distintas ofereceu a mim, como pesquisador, um particular desafio, sobretudo quando percebi que o caminho percorrido e o desfecho possibilitado envolviam uma dimensão interativa entre as aspirações que podem os sujeitos assimilarem como suas e as propostas preestabelecidas pertencentes à instituição que os acolhe.

A distinção de trajetórias aparece aqui, para nós, nas biografias dos seminaristas que deixaram as casas de formação dos salesianos, diferindo os que optaram por encerrar o itinerário formativo dos que deixaram as casas por orientação da comunidade formadora. Evidenciamos, ainda, os sujeitos que permaneceram no seminário por terem feito essa escolha e por esta ter sido corroborada pelos religiosos formadores.

O acompanhamento dessas trajetórias, de modo especial, o mais estreitado deles com o seminarista que permaneceu na vida religiosa salesiana, permitiu-nos aproximar etnograficamente dele a partir dele mesmo. A aproximação se

deu ainda da instituição seminário pela ótica do seminarista. Logo entendemos que narrar essas construções ou trajetórias individuais nos fez aproximar das demais vozes que ecoam no espaço seminarístico, evidenciadas especialmente por nosso biografado.

Para tanto, a metodologia que possibilitou essas escutas de maneira contínua e estendida permitiu que acessássemos o cotidiano de seminaristas e ouvíssemos deles fatos passados e presentes, organizados pela perspectiva futura de se tornarem padres. Aproximar-se de elementos presentes no “horizonte de expectativa” desses sujeitos que, não raro, retornam em seus discursos, sendo por eles reelaborados, foi, nesta pesquisa, importante oportunidade para o emprego de uma “sociologia dos problemas íntimos” (CORRÊA, 2015).

Acompanhar de perto o sujeito que aqui apresentamos ficticiamente como Amaral nos ajudou a entender a “irreducibilidade da realidade que emerge no tempo presente” (CORRÊA, 2015, p. 344) e, pelas narrativas construídas, fez dialogar passado e futuro, lançando mão de uma espécie de “estoque de hábitos incorporados” (LAHIRE, 2002), naturalmente acumulados, de experiências anteriores.

A cartografia adotada neste trabalho tornou possível o entendimento da instituição seminário como lugar que acolhe o indivíduo vocacionado ou ainda como “instituição total” (GOFFMAN, 1974), a julgar por suas “práticas totais, únicas em um mundo diferenciado” (LAHIRE, 2002, p. 23). No entanto, quando compreendemos esse espaço pela narrativa dos usuários, somos levados a estender ao apresentado pelos autores. O seminário pode, portanto, ser uma “instituição total”, mas também um lugar de produção de subjetividades, levando em conta que as experiências podem variar mediante os atores que as provocam.

Desse modo, ao abordar a instituição seminário e seus seminaristas, entre eles os que saem e aqueles que permanecem, organizamos a pesquisa em três partes.

A primeira parte desta pesquisa destinamos à contextualização da instituição que acolhe os indivíduos cujas trajetórias narramos aqui, a Sociedade de São Francisco de Sales, os salesianos; em sua identidade autodenominada, os encontramos como “portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2003, art. 2). De origem europeia, a Congregação Salesiana expande-se da Itália para mais de uma centena de países. Dividindo-se geograficamente em inspetorias, linguagem própria da instituição, os religiosos estão no Brasil desde 1883. Somam seis inspetorias ao longo

dos Estados brasileiros. O recorte de nossa pesquisa se dá na Inspetoria São João Bosco (ISJB), com sede em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais. Sua extensão territorial compreende Rio de Janeiro, Goiás, Distrito Federal, Tocantins e Espírito Santo. Destinam-se à ISJB, como aspirantes à vida religiosa e presbiteral, os jovens vocacionados dessas localidades.

Na segunda parte deste trabalho, tratamos sobre aqueles que deixaram o seminário salesiano. Nossa abordagem se deu sobre os apontamentos que foram feitos a respeito dos atores que interromperam espontaneamente o itinerário formativo e também sobre os que do processo foram retirados.

A formação salesiana, regida especialmente pelo documento institucional *Ratio fundamentalis institutionis et studiorum* (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016), orienta-se mundialmente pelo que apregoam os “princípios e normas” presentes nessa bibliografia. Complementarmente, as equipes formadoras são auxiliadas pelas Constituições e Regulamentos, a Regra Salesiana e, ainda, pelo Diretório Inspetorial como instrumento de diálogo com a realidade na qual está inserida a inspetoria; e também de documentos oficiais da Igreja Católica que abordem a temática da formação de novos membros.

O norteamento ou registro da trajetória dos seminaristas é feito pela comunidade que os forma, especialmente pelo escrutínio, ferramental que aponta suas fragilidades, sugere correções e sentencia sua destinação. É também visto como o “diagnóstico” (GOFFMAN, 1974) institucional que admite a participação do seminarista, acolhendo e assimilando seu parecer.

Nossa leitura desse material baseou-se no que nele encontramos como parecer dos religiosos formadores sobre os seminaristas por eles acompanhados. Por sua vez, a interpretação se dá pela observação das quatro dimensões que são parâmetros especialmente para o período da “formação” tida como “inicial”. Por mais de uma década, o seminarista deve ser avaliado pelos pré-requisitos presentes nas dimensões humana, espiritual, intelectual e educativo-pastoral.

Resguardando os seminaristas que fizeram parte desse percurso formativo, construindo suas “trajetórias individuais” (COUTINHO, 2015), nós os tratamos como atores 1 e 2. Os escrutínios por nós manipulados trataram de histórico em que o sujeito optou por deixar a formação salesiana e, no segundo caso, em que ele foi “convidado” a se retirar. Ambos estavam na mesma etapa formativa, a primeira fase da formação salesiana: o pré-noviciado.

O questionamento que norteia esse capítulo, a partir do qual nos é possível como observadores externos, é entender a motivação dos que deixaram o seminário. No entanto, como o instrumento adotado para essa observação é um recurso de avaliação institucional, as motivações de seminarista e seminário poderão estar imbricadas.

Reservamos a terceira parte desta pesquisa para o acompanhamento de nosso biografado. Fizemos notar, com base nos autores com os quais dialogamos, que a escuta feita a um indivíduo que divide, de forma confinada, os espaços é o mesmo que captar as demais vozes que nele reverberam. Sua expressão é “singular de um ponto de vista sobre a totalidade” (CORRÊA, 2015, p. 336). Assim, apresentamos, de forma fictícia, o ator a quem denominamos Amaral, e nosso diálogo com ele assume caráter de interlocução comunitária.

Nossos encontros com Amaral ocorreram entre os meses de maio e outubro de 2020 e, com diálogos semanais, somamos 21 encontros. Mediante um contexto de pandemia, o adoecimento coletivo causado pelo novo coronavírus, nossas interações foram possíveis pelo recurso de webconferência, uma vez que o isolamento social foi uma orientação estabelecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

As escutas feitas a nosso biografado assumiram uma cadência inicialmente desordenada, ao ter como ponto de partida o presente vivenciado pelo seminarista da última fase da formação salesiana, a Teologia; e sua revisita às fases que antecederam a esse período em sua “carreira” (GOFFMAN, 1974; GOOREN, 2010). Amaral retrocede ainda à sua “primeira socialização” (LAHIRE, 2002), o núcleo familiar, onde pôde perceber-se como vocacionado a um estilo de vida por descobrir. Suas buscas se chocam com incompreensões familiares e negativas da primeira instituição a que recorreu: “Você não tem vocação”. Por alguma razão de cunho racional ou da ordem do mistério, Amaral decidiu permanecer, buscando as próprias respostas.

E é do lugar que o seminarista se pensa teologicamente que nos relacionamos com nosso personagem fictício. Da última fase da formação salesiana, provocado por nossas indagações, Amaral recontou sua história. Entendemos, com base nos recursos sociológicos de que dispomos, que o exercício de recontar a própria história faz o sujeito “justificar atitudes e sentimentos menos nobres” (COUTINHO, 2015, p. 32) e, também, são essas justificativas que nos interessam como pesquisadores.

O progresso que fizemos na interação com as escutas das narrativas que se misturavam nos tempos entre passado e presente pareceram funcionar para Amaral como oportunidade terapêutica de revisão de biografia e prospecção futura. Na organização de seu discurso, ao falar sobre a sua permanência na vida religiosa salesiana, o biografado deixou emergir, com relativa frequência, a expressão “aqui tem estabilidade”, e o seu corpo pareceu reagir a essa sensação de segurança.

Interagindo com essas escutas, buscamos entender, nesse capítulo, como permanecem os seminaristas que decidem ficar na vida religiosa salesiana e que para ela são aceitos.

2 O SURGIMENTO DE UMA CONGREGAÇÃO

2.1 A Congregação Salesiana

“Cada um de nós é chamado por Deus a fazer parte da congregação salesiana, para tanto recebe dele dons pessoais e, respondendo fielmente, encontra o caminho da sua plena realização em Cristo” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2003. p. 22).

A congregação religiosa salesiana tem sua origem no Norte da Itália, em Turim. Inaugurada pelo padre João Belchior Bosco, ela tem como foco o cuidado dos jovens e um ideal e uma máxima: “Dai-me as almas e ficai com o resto”.

Sua fundação ocorreu em 18 de dezembro de 1859, sob o título oficial de Sociedade de São Francisco de Sales. Trata-se de uma homenagem ao bispo Francisco de Sales, dado a seu suposto temperamento dócil, o que agregava e cativava as pessoas.

Os religiosos pesquisados são reconhecidos oficialmente como a Companhia de São Francisco de Sales e, pela Igreja católica, são concebidos como um instituto religioso com direitos assegurados pela Santa Sé. Sua composição é exclusivamente masculina e tem como foco principal a educação e promoção humana de jovens pobres.

O método denominado Sistema Preventivo é encontrado como aporte pedagógico na maneira de educar do fundador da instituição salesiana. Metodologia baseada na proximidade entre aquele que ensina e seu destinatário. No entanto, encontramos experiências similares exercidas, por exemplo, pelos irmãos das escolas cristãs, os lassalistas, entre os anos 1845-1846. Eles apregoavam um jeito de educar baseado nos valores do cristianismo. Possivelmente influenciaram na pedagogia e ação educativa do padre João Bosco (INSTITUTO HISTÓRICO SALESIANO, 2015).

Em comparação com as outras congregações católicas vinculadas à Santa Sé, os religiosos salesianos ranqueiam na segunda posição quanto ao número de membros: mais de 14 mil, sendo, entre esse número, mais de 10 mil padres. Vale saber que a Congregação é composta por padres e religiosos não ordenados, nomeados irmãos leigos ou coadjutores. Os salesianos perdem em número de membros apenas para os jesuítas. Estes são a maior congregação masculina do mundo, com mais de 16 mil membros, sendo mais de 11 mil padres, incluindo o Papa Francisco. A Ordem dos Frades Menores, os franciscanos “originais”, fundada por São

Francisco de Assis, está em terceiro lugar, com mais de 13 mil membros, sendo mais de 9 mil padres (KOLLER, 2017).

Entre os 14.486 membros, ao excluirmos os noviços, por não serem ainda religiosos, e os bispos, por não estarem mais a serviço da Congregação, esse número cai para 14.056 religiosos.^{2, 3}

Com esse número, os religiosos se fazem presentes em 134 nações, ocupando 7 regiões com maior concentração de atendimentos. Dividem-se em 90 províncias (chamadas de “inspetorias”).

Abaixo, na figura 1, é possível percebê-los geograficamente situados no mundo; os pontos retratados coloridos representam a presença dos religiosos salesianos na referida nação.

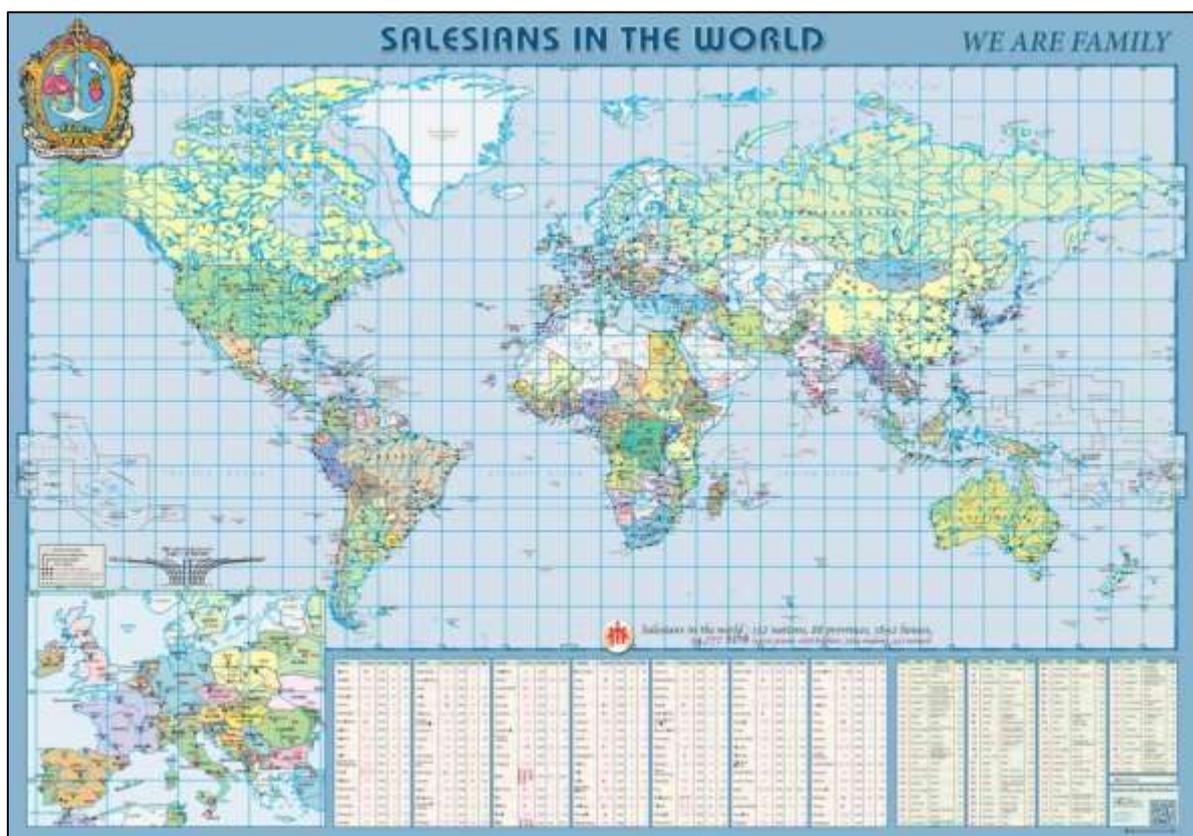


Figura 1. Salesianos no mundo

Fonte: Sociedade de São Francisco de Sales (2019, p. 1). (adaptado).

² Disponível em: <https://www.sdb.org/pt/CG28/Documenti>. Acesso em: 3 out. 2020.

³ Mediante a organização e a compreensão a partir das Constituições que os regem, a Congregação somente considera religioso o indivíduo que concluiu a terceira fase de formação: o noviciado. Informação que será detalhada mais adiante, quando tratarmos sobre as fases de formação.

Sobre as regiões, ou nações no mundo, aqui os salesianos também são representados pelos pontos coloridos, conforme a figura 2.

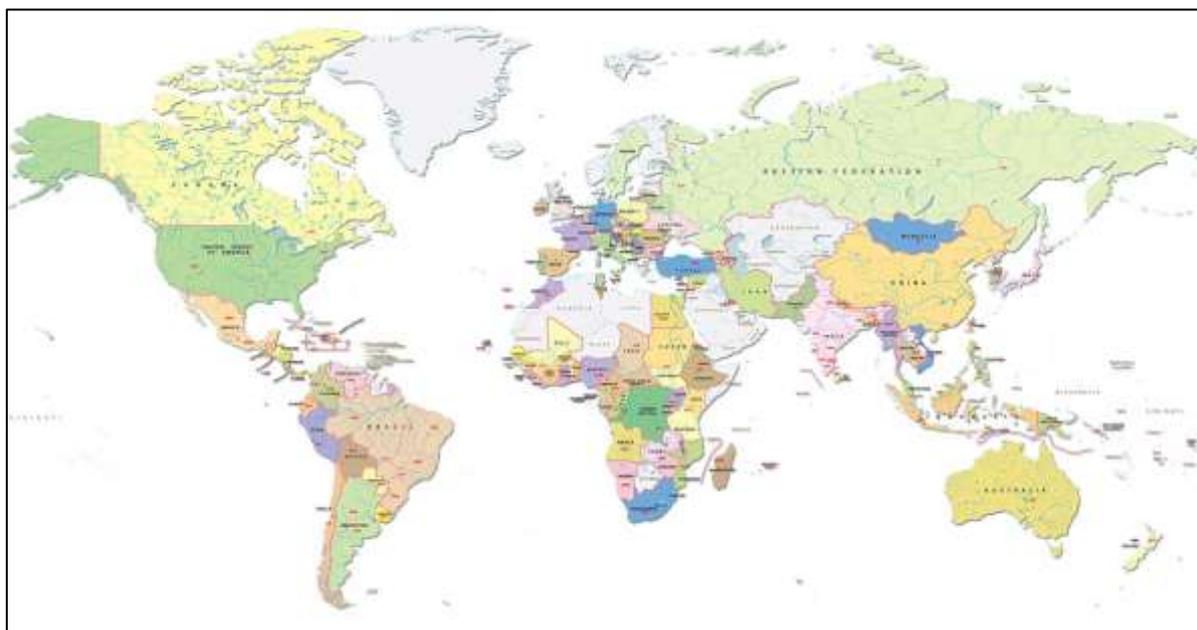


Figura 2. Salesianos nas nações

Fonte: Sociedade de São Francisco de Sales, 2020b.

Na tabela 1, a seguir, as sete nações com maior concentração de religiosos e noviços.

Tabela 1. Sete nações com maior concentração de religiosos e noviços.

Nação	Salesianos	Noviços	Total	%
Índia	2635	108	2743	19,1
Itália	1860	15	1875	13,1
Espanha	889	3	892	6,2
Polônia	854	4	858	6,0
Brasil	629	23	652	4,5
Argentina	336	13	349	2,4

Fonte: disponível em: <https://www.sdb.org/pt/CG28/Documenti>. Acesso em: 3 out. 2020.

2.2 A instituição salesiana: entre o clerical e o secular

Aqui demarcaremos os inícios da instituição salesiana, o itinerário de uma congregação que, só mais tarde, tornar-se-ia conhecida especialmente pelo modo como foi reunindo trajetórias individuais, particularmente identidades juvenis cujo perfil socioeconômico e religioso não se coadunava com a visão de um Estado e Igreja em crise.

Reuniram-se ainda em torno de João Bosco representações do clero que, motivados pela causa ou por aquele que a demandava, tornavam-se promotores de uma obra que marcaria como transição de um tempo e uma mentalidade política religiosa entre o novo Estado italiano e o Vaticano.

Era possível ainda notar, em torno do padre, perfis atípicos e doadores de tempo livre, donativos e até mesmo assessoria política na construção de uma identidade. A seu primeiro empreendimento chamou de “oratório” e “cooperadores” aos que dele se acercavam.

A Itália vivia um período de busca pela unificação como Estado, um projeto ambicioso e revolucionário do primeiro-ministro do Piemonte, o conde Camilo Benso de Cavour, popularmente chamado de conde Cavour. Sua voz ecoava sobretudo aos ouvidos dos revolucionários liberais que viam na Igreja e em seus privilégios especial motivação para mudança constitucional.

O que atritava na relação Estado e Vaticano era, na verdade, “microinsatisfações” incrustadas ao longo de negociações que, supostamente, facilitavam para a instituição Igreja confortável *status* e autonomia inquestionável. Situação que iniciou processo de mudança com a já mencionada unificação italiana e modificação do regime absolutista para a monarquia constitucional, provocação feita com a Constituição de 1848 (LENTI, 2013).

A educação das pessoas passava pelo crivo da Igreja Católica: a secundária, com os padres jesuítas, e o ensino superior, com os bispos. Para garantir seus direitos e interesses pessoais, bem como a situação de seus membros e perenidade de seus bens, a Igreja tinha jurisdição sobre essas e quaisquer demandas que pudessem ameaçá-la ou deixá-la exposta.

A soberania numérica da instituição Igreja também era notada ante o número de habitantes: no país de 5 milhões, por exemplo, 23 mil, entre homens e mulheres, eram religiosos. O que desagradava o Estado nessa estatística era a

condição dos religiosos: desde a liberação de obrigações civis, como o serviço militar e o pagamento de impostos.

2.3 O Estado, a Igreja e as novas leis

O confronto entre as instituições era nitidamente percebido. O Estado empenhava-se pela hegemonia, e a Igreja investia esforços para não a perder. Como parte do plano de ascensão, foi apresentado ao parlamento italiano pelo então ministro da Justiça, o conde Siccardi, um projeto de lei que mais tarde seria conhecido com seu nome.

A Lei Siccardi apresentava, em especial, a declinação dos tribunais eclesiásticos; o fim do direito de asilo para religiosos em caso de conflito com a lei estatal; a limitação dos chamados dias santos que tivessem implicação no cotidiano social e econômico. E, ainda, a aquisição de terras pela Igreja, devendo ocorrer somente mediante a aprovação do Estado (LENTI, 2013).

Em meio ao atrito de manifestações liberais e a Igreja, o conflito político parecia macular a primeira função dessa instituição. Um incidente com Pedro de Rossi di Santa Rosa, ministro da Agricultura, tensionou a já estabelecida crise interinstitucional. Há relatos de que o ministro, em seu leito de morte, solicitou a absolvição de seus pecados, o que lhe foi negado por ordens do arcebispo Frasoni. O moribundo foi impedido ainda de receber sepultamento cristão, sob a alegação de ter traído a Igreja. De Rossi teria participado ativamente na votação das leis que expunham a situação da Igreja diante do Estado. Convencido por um pequeno grupo, de seu exílio, o arcebispo retrocedeu de sua decisão sobre o sepultamento do ministro. O monarca era Vitor Emanuel II e, no papado, Pio IX.

Uma nova lei, talvez com propósitos mais acirrados, surgiu no cenário político-religioso. A Lei Ratazzi ou Lei dos Conventos, cujas disposições eram todas relacionadas às congregações religiosas, foi conduzida ao parlamento pelo já mencionado primeiro-ministro, conde Cavour.

A pretensão da nova lei era o requerimento da extinção das congregações religiosas, salvaguardando somente aquelas cujo escopo era cuidar do ensino, dos doentes e da pregação. A lei proibia ainda o surgimento de novas instituições. Prescrevia a diminuição no salário dos bispos, com repasse aos padres que tinham menor remuneração. No governo de Cavour, o Estado era responsável pelo subsídio

financeiro das paróquias pobres, devendo fazê-lo com um deficitário tesouro público (LENTI, 2013).

A população, especialmente católica, dividia-se entre o posicionamento da imprensa, acusada de anticlerical, e a exposição da Igreja cujos proventos eram estimados a um terço das finanças públicas, excetuando doações, terras, coletas e os salários da hierarquia, considerados nada modestos.

Esse cenário religioso, com condutas questionáveis e pronunciamentos igualmente duvidosos, foi passível de considerações e críticas. E foi nele que o projeto de assistência sociorreligiosa pensado pelo padre João Bosco começou a escrever sua história.

A ele se acercaram personalidades que pareciam mirar outro horizonte. Denotavam buscar o que se mostrava obnubilado por intenções pretensamente contrárias. Pessoas que futuramente seriam chamadas de salesianos cooperadores contribuíam com o padre na criação de um “vasto movimento em prol da juventude” e, por suas práticas, insistiam por dar “testemunho” (REINHARDT, 2016)

Reinhardt, em seu texto a respeito do testemunho, em um seminário pentecostal em Gana, pondera sobre a possibilidade de retenção de produtividade ética e social em meio a condições desfavoráveis (REINHARDT, 2016, p. 52) e o faz mediante o resgate dos testemunhos que antes foram “gênero de enunciação cristão” e doravante ambíguo, limitados, “saturado por contingências”. Parece-nos que o movimento de saturação pelas contingências mencionado pelo autor se torna uma espécie de estágio que delinea os passos seguintes, podendo inaugurar outros comportamentos, vislumbrar novos caminhos para a Igreja e também pelo movimento inaugurado por João Bosco.

2.4 Os religiosos salesianos na Terra de Santa Cruz

Em 1877, a Igreja do Rio de Janeiro tinha como bispo Dom Pedro Maria de Lacerda que, conhecendo antecipadamente os religiosos salesianos, viajou a Turim, para solicitar ao próprio padre Bosco o envio de seus religiosos para estas terras. Anteriormente à viagem do bispo a Turim, este tomara conhecimento dos salesianos numa escala em que os religiosos fizeram no porto da cidade do Rio, quando se destinavam à Argentina, em expedição missionária. Ou seja, quando já se expandiam territorialmente. O ano era 1841.

A chegada desses religiosos ao Brasil se deu no Rio de Janeiro. Era 14 de julho de 1883 quando desembarcam na Baía de Guanabara os salesianos Miguel Borghino, Carlos Peretto, Miguel Foligno; o seminarista Bernadino Monti; os coadjutores Domingos Delpiano, João Bologna e José Daneri; além do padre Luís Lasagna, que liderava a expedição. Ao todo, 7 religiosos e 1 seminarista. Os documentos consultados não deixam claro sobre a fase de formação do seminarista. Acreditamos que, por se tratar de envio a outro país, ele já estivesse, no mínimo, na fase que hoje é entendida por “tirocínio”.

Nesse período, a cidade do Rio de Janeiro registrava grande epidemia de febre amarela, motivo pelo qual o grupo decidiu seguir e estabelecer-se no bairro Santa Rosa, em Niterói. Os anais que registram a chegada dos religiosos descrevem como iguarias da primeira refeição queijo e rapadura. A julgar pela mesa, seria possível começar bem o exercício de inculturação (PAULA, 2003).

2.5 A extensão salesiana no Brasil

Os religiosos salesianos se dividem no Brasil por regiões. A essas delimitações se dá o nome de províncias, ou de inspetorias, nomenclatura utilizada pela Congregação Salesiana. As sedes das inspetorias se estendem, portanto, pelos Estados brasileiros. São elas: Inspetoria São Domingos Sávio, os salesianos missionários presentes na Amazônia; Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil (Inspetoria São Luís Gonzaga), sediada no Recife; Missão Salesiana de Mato Grosso (Inspetoria Santo Afonso Maria de Ligório), em Mato Grosso; Inspetoria Salesiana de Nossa Senhora Auxiliadora, com sede em São Paulo-SP; Inspetoria São João Bosco, sediada em Belo Horizonte-MG; Inspetoria São Pio X, em Porto Alegre-RS; e ainda a Visitadoria de Angola, Mamã Muxima, vinculada e mantida pela Cisbrasil (Conferência dos Inspetores Salesianos do Brasil). A seguir, na figura 3, veem-se as inspetorias demonstradas em mapa.



Figura 3. Inspetorias salesianas no Brasil

Fonte: Inspetoria São João Bosco, s.d.

No mapa a seguir (figura 4), demonstramos a localização da Inspetoria São João Bosco, perímetro e recorte de nosso objeto de pesquisa.



Figura 4. Localização da Inspetoria São João Bosco

Fonte: Inspetoria São João Bosco, 2021.

2.6 Como se forma um salesiano?

“Vivendo segundo a verdade, no amor, cresceremos sob todos os aspectos em relação a Cristo, que é a cabeça” (Ef 4,15).

Abordaremos, a seguir, a formação do seminarista salesiano. Buscaremos entender as etapas, os conteúdos abordados e o programa pensado para cada uma delas. A discussão aqui gerada é subsidiada por nossa compreensão da formação desses religiosos. Assim, marcaremos a transição para nossa próxima abordagem, a instituição seminário.

As fases da formação que aqui trataremos são voltadas exclusivamente para aspirantes à vida religiosa salesiana que tenham concluído as séries finais da educação básica, estando estes na faixa etária entre 17 e 29 anos. O tempo de cada fase varia em meses ou anos. Todas essas etapas são vividas em casas religiosas próprias, chamadas de casas de formação, exceto o tirocínio, que é o período intermediário entre os cursos de Filosofia e Teologia. Diferentemente das dioceses,

que classificam os candidatos como seminaristas, as congregações, especialmente a Congregação aqui pesquisada, trata-os por formandos.⁴

Para falar das fases da formação salesiana, utilizaremos, de modo especial, o documento interno da instituição que rege e norteia esse período idealizado para seus seminaristas, a *Ratio fundamentalis* (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016), além de nossas interlocuções com formadores e uma etnografia pessoal do pesquisador.

A partir daqui, trataremos objetivamente de cada fase da formação. Ressaltamos que o termo aspirante acima utilizado se refere ao sujeito que almeja algo, no caso presente, o estilo da vida religiosa salesiana. No relato que se segue, o aspirante ganha a conotação do sujeito que faz a primeira experiência numa casa salesiana de formação.

A primeira experiência do indivíduo vocacionado com os religiosos se dá no aspirantado, período que varia de 6 a 12 meses vividos numa comunidade formada por padres e leigos consagrados. Entre esses religiosos, embora todos estejam implicados com a formação dos candidatos ao estilo de vida salesiana, existe um, em especial, que responde como diretor da casa de formação, sendo ele diretamente responsável pelos jovens. A rotina habitual da comunidade gira em torno dos formandos, uma vez que é instituída com tal intuito.

A rotina, especialmente dos formandos, se dá em cuidados com a casa, limpeza de modo geral, aulas com temas específicos ministradas por um ou mais religiosos que compõem a equipe formadora. As aulas podem ser também ofertadas por uma pessoa leiga, ou seja, não religiosa. Geralmente eles recebem lições de gramática, redação e línguas. Os demais conteúdos distribuídos nas fases de formação são: liturgia, Bíblia, música, instrumentos e salesianidade, temática que aborda aspectos históricos e carismáticos da própria instituição. Desde a primeira fase, são possibilitadas terapias individuais e, ocasionalmente, em grupo. Sobre esses conteúdos bem como a rotina nas casas de formação e o planejamento comunitário, veremos de forma detalhada mais à frente, ainda neste capítulo.

Por decisão institucional, a experiência do aspirantado e a primeira fase da formação, o pré-noviciado, estão, a títulos provisório e funcional, ocorrendo na mesma casa, com a mesma composição comunitária.

⁴ Ainda que a instituição salesiana utilize a expressão formando ao invés de seminarista, optamos por fazer uso da segunda expressão.

O formando que passa da primeira etapa é considerado um integrante do pré-noviciado, fase que dura 12 meses. Nesse período, o candidato já se debruça sobre os estudos que o inserem na espiritualidade da vida religiosa. A comunidade permanecerá a mesma, uma vez que o formando não mudará de casa.

A seguir, apresentamos os planejamentos de cada casa/fase de formação. Todas as planilhas foram coletadas das respectivas etapas, e as informações são de responsabilidade dos diretores que as concederam.

⊕	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
6h	Despertar	Despertar	Despertar	Despertar	Despertar
6h30min	Meditação ⁵	Meditação	Meditação	Meditação	Meditação
7h	Eucaristia ⁶	Eucaristia	Eucaristia	Eucaristia	Eucaristia
7h30min	Café	Café; bom-dia com os educandos ⁷	Café; bom-dia com os educandos	Café; bom-dia com os educandos	Café; bom-dia com os educandos
8h	Aula	Aula	Aula	Aula	Aula
9h50min					
Intervalo	Cafezinho; assistência-presença no pátio ⁸	Cafezinho; assistência-presença no pátio	Cafezinho; assistência-presença no pátio	Cafezinho; assistência-presença no pátio	Cafezinho; assistência-presença no pátio
11h	Aula	Aula	Aula	Aula	Aula
11h50min					
12h	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13h15min	Acolhida; boa-tarde e oficinas com os educandos às 13h45min	Acolhida; boa-tarde e oficinas com os educandos às 13h45min	Boa-tarde com os educandos às 13h45min; limpeza da casa às 14h	Acompanhamento psicológico (13h30min às 17h30min); banho; lanche e estudo pessoal	Saída livre
15h45min					
16h	Banho; lanche e estudo pessoal	Limpeza da casa	Banho; lanche e estudo pessoal		

(continua)

⁵ Momento de reflexão individual utilizando texto bíblico ou textos ligados à espiritualidade, sob escolha de quem medita.

⁶ Celebração que retrata a última Ceia do Cristo com os seus discípulos, missa.

⁷ O “bom-dia” se trata de experiência deixada pelo fundador. A abordagem pode ser a partir de texto bíblico ou fato ocorrido, contextualizado na realidade.

⁸ Prática deixada pelo fundador, tratando-se da proximidade com os educandos, fora de sala de aula.

(conclusão)

🕒	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
18h	Leitura espiritual ⁹	Leitura espiritual	Leitura espiritual	Leitura espiritual	Leitura espiritual
18h10min	Vésperas ¹⁰	Vésperas	Vésperas	Vésperas	Vésperas
18h30min	Jantar	Jantar	Jantar	Jantar	Jantar
19h30min	Oração da noite; boa-noite ¹¹	Oração da noite; boa-noite	Oração da noite; boa-noite	Adoração, ¹² bênção do Santíssimo e boa-noite;	Filme com os pré-noviços ¹³
20h	Esporte (até 21h15min)	Estudo Pessoal	Esporte (até 21h15min)	estudo pessoal	
22h	Repouso	Repouso	Repouso	Repouso	Repouso

🕒	Sábado	🕒	Domingo
6h30min	Despertar	6h30min	Despertar
7h	Celebração eucarística; café	7h	Café
8h	Limpeza da casa; trabalho externo (jardins...)	8h	Celebração eucarística na capela do patronato; participação nos diversos grupos (pastoral)
12h	Almoço	12h	Almoço
13h	Oratório festivo ¹⁴	14h	Estudo e organização pessoal
16h			
18h	Momento mariano ¹⁵	18h	Jantar
18h30min	Jantar	22h30min	Repouso

Quadro 1. Planejamento comunitário do aspirantado e pré-noviçado.

Fonte: Comunidade Salesiana Maria Auxiliadora, 2020.

⁹ Momento individual ou comunitário com temas relacionados à espiritualidade.

¹⁰ Momento comunitário de oração da tarde.

¹¹ Momento comunitário de oração, seguido de reflexão para o recolhimento; costume deixado pelo fundador.

¹² Oração diante da hóstia consagrada exposta. Para os católicos, ela é o próprio corpo do Cristo.

¹³ Momento comunitário de entretenimento.

¹⁴ Atividades catequéticas e de entretenimento com crianças e adolescentes. Experiência deixada pelo fundador.

¹⁵ Geralmente a oração do terço ou meditação com base em dimensões da vida de Maria, a mãe de Cristo.

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
8h 9h50min	Formação humana	Doutrina cristã	Salesianidade	Música	Salesianidade
	Intervalo; café; assistência-presença no pátio				
10h50min 12h	Formação humana	Doutrina cristã	Música	Italiano	Formação humana

Quadro 2. Aulas ofertadas no aspirantado e pré-noviciado.

Fonte: Comunidade Salesiana Maria Auxiliadora, 2020.

A instituição determina que o acompanhamento dos seminaristas deve ser feito com base na observação de quatro dimensões: humana, espiritual, intelectual e educativo-pastoral. Na dimensão humana, o indivíduo é ajudado a perceber-se no convívio comunitário, com base nas relações que estabelece, nos desafios e confrontos com outros sujeitos. Deve buscar o autoconhecimento na gestão de suas fragilidades e no “exercício ascético” em direção à maturidade afetivo-sexual, exercida com liberdade responsável consigo mesmo e com o outro.

A dimensão espiritual apregoa a busca da intimidade com o Transcendente, sendo naturalmente provocada a vivência com os demais. O estímulo ao sujeito será a partir da pretensa motivação para sua vocação à vida religiosa consagrada. Para tanto, o candidato deverá “perseguir” aquilo que inicialmente o inquietou em nível espiritual: conhecer Deus e a Igreja como projeto divino, internalizar os valores exaltados pela vida religiosa mediante os ensinamentos de Cristo deverá se tornar metas para o seminarista.

Intelectualmente, o indivíduo será interpelado sobre seu empenho com a própria formação. Uma vez que estará sempre inserido em ambientes juvenis, educativos e naturalmente desafiadores, sendo convidado a neles exercer liderança e protagonismo, deverá ser exigente consigo mesmo, incitando a capacidade crítica e racional. O aproveitamento ao que normalmente é oferecido pela fase de formação e o que pode ser pelo seminarista buscado são itens preponderantes na hora de avaliá-lo.

Quanto à dimensão educativo-pastoral, o indivíduo em formação será observado em relação à sua predileção pelas realidades juvenis, em especial aos mais pobres dessa esfera. Inteirar-se de seus hábitos, estudar sua cultura e buscar

dialogar com seus códigos deve ser uma visível preocupação desses líderes em potencial, especialmente porque são convidados a “escutar Deus nas necessidades dos jovens” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2000).

Tendo a temática das quatro dimensões como pontos centrais, a comunidade avalia o seminarista a cada três meses e, ao término da fase, no mês seguinte. Dessa avaliação é gerado um documento, ou escrutínio, nome oficial na Congregação Salesiana. O escrutínio reporta-se, na verdade, à autoavaliação que os indivíduos produzem logo que chegam à instituição. A comunidade que avalia regularmente os seminaristas apropria-se dos dados pessoais desse indivíduo e delibera ao considerarem ou não seu amadurecimento psíquico, social e espiritual. Ao fim das conversas individuais, o seminarista tem acesso à avaliação que, após tomar ciência e emitir seu parecer, assina-o.

Sobre a temática a respeito do método avaliativo e de seus desdobramentos, vamos nos deter no próximo capítulo, quando abordaremos o olhar da instituição.

O noviciado é uma fase peculiar. Nela os candidatos debruçam-se sobre os estudos das *Constituições e Regulamentos* da Congregação enquanto se preparam para proferir, ao fim de um ano, os votos evangélicos de pobreza, castidade e obediência.

A submissão aos votos evangélicos é uma realidade e exigência para os membros de toda congregação ou ordem religiosa, diante da autoridade a quem a estes competem ouvir e obedecer, bem como aos padres diocesanos, que prometem igual observância ao superior imediato, o bispo.

2.7 Os votos religiosos, a regra salesiana

Aqui também cabem considerações sobre os três votos acolhidos pelos seminaristas salesianos após o noviciado. Imagina-se que a contribuição dada, desde a primeira fase, no que diz respeito ao confronto individual e coletivo com as discussões geradas sobre as quatro dimensões (intelectual, humana, espiritual e educativo-pastoral), subsidie os futuros religiosos para o acolhimento desses votos.

A obediência é devida e demonstrada ao padre superior da inspetoria à qual pertence o religioso e que vai conduzi-lo, mediante as orientações da própria instituição, em consonância com as normas da Igreja Católica. Cada membro é

chamado a internalizar as *Constituições* de modo que estas se tornem seu projeto de vida.

A pobreza deve ser assumida pelo religioso como convicção cristã, abdicando-se, por exigência institucional e apelo evangélico, de bens materiais. Como argumento, a *Ratio* recorre à carta do apóstolo Paulo escrita aos filipenses: “Renunciei a tudo para ganhar Cristo [...] E isso para que o possa conhecer e à eficácia de sua ressurreição” (FI 3,8-10) (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016).

A castidade é a condição vivida pelo consagrado, pela qual pode fazer a “experiência de saciedade no próprio Transcendente”. O seminarista deve acreditar que sua escolha o impulsiona para relações desinteressadas no quesito afetivo-sexual. “O testemunho de uma humanidade equilibrada e feliz são sinal do poder da graça de Deus na fragilidade da condição humana” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2000, p. 84).

Retomemos o noviciado em sua compreensão e especificidade institucional. Essa é, portanto, a fase em que o seminarista, com o auxílio do mestre, nomenclatura dada ao padre responsável pelos noviços, e da comunidade formadora, aprende a

Viver a vida consagrada apostólica salesiana mais diretamente sob o aspecto de experiência religiosa: aprofunda as motivações de sua escolha, adquire uma mentalidade de fé e interioriza os valores salesianos, verifica a sua idoneidade à vida salesiana de maneira a dar, a si mesmo e à comunidade, a possibilidade de chegar a uma certeza moral positivamente provada; orienta constantemente a sua vida à doação de si a Deus no serviço aos jovens segundo o espírito de Dom Bosco, e empenha-se a tender àquela graça de unidade que associa contemplação e ação apostólica; prepara-se para, com a primeira profissão, doar-se totalmente a Deus de modo consciente e livre, entrando num processo formativo que há de durar toda a vida (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2000, p, 362).

Entender o apelo apresentado pela regra de uma instituição religiosa pode não ser tarefa fácil por contrastar-se com a ótica de sociedades que buscam autonomia e portam discursos libertários. Agamben (2014), em *Altíssima pobreza*, distingue a ação de ser obrigado a algo do ato de dirigir para este a própria vida. É a relação entre norma, ou regra, e vida (AGAMBEN, 2014). Segundo o autor, o indivíduo que promete não se obriga a executar ações que inicialmente são externas a si; o que difere compreensões do campo do Direito e “linguagem ascética” serão os comportamentos dos indivíduos que “põem em questão seu modo de viver”. A promessa, na verdade, é de “viver segundo a regra”.

Aqui a promessa ou voto feito parece extrapolar uma compreensão textual e os comportamentos esperados do novo membro, passando à assimilação do que fora prometido pelos indivíduos como propósitos de uma *forma vivendi*.

Agamben (2014) fala ainda de uma espécie de ato contínuo da liturgia na vida do monge, objeto de sua pesquisa, que aqui podemos traduzir para o sujeito religioso, mais precisamente o religioso salesiano. O texto presente na regra confunde-se, segundo o autor, não somente na relação “Escritura e leitura”, como também certa fusão de “Escritura e vida”.

Passaremos a apresentar agora a rotina das casas de formação com suas respectivas fases, nas quais religiosos salesianos e aspirantes a esse estilo de vida dividem espaço, tempo e expectativas. O cotidiano aqui é marcado pelo labor, a produção intelectual também vista como tal, e pela oração, cujo exercício espiritual deverá lembrá-los do objeto motivador de sua reunião. Toda atividade manual, para Agamben (2014), “torna-se obra espiritual” quando assume “estatuto litúrgico”. Podemos dizer, portanto, que, quando o seminarista limpa o ambiente de convivência comunitária, retira das rosas do jardim as oportunistas pragas e, nos momentos comunitários de oração, estreita sua intimidade com o Sagrado, está sendo protagonista de uma obra divina.

Horário	Segunda a sexta	Horário	Sábado e domingo
5h30min	Despertar	6h30min	Despertar
6h15min	<i>Laudes</i> ; meditação; Eucaristia, café	7h15min	<i>Laudes</i> ; Eucaristia; café
8h10min	Conferência; aulas		
12h	Almoço	12h	Almoço
13h30min	Empenhos pessoais; trabalho; banho	13h	Oratório
17h30min	Vésperas; jantar	18h	Jantar
19h15min	Terço; esporte; estudo	19h	Grupo jovem; Fantástico; livre
21h45min	Completas; descanso	22h	Oração pessoal; descanso

Quadro 3. Programação comunitária do noviciado.

Fonte: Noviciado Salesiano Sagrado Coração de Jesus, 2020.

Horário das aulas					
Horário/dia	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
8h55min - 9h40min	História da Congregação	Sagrada Escritura	Catecismo	Catecismo	Constituições
10h - 11h55min	Italiano Português	Pastoral Juvenil	Constituições	Dom Bosco	Português Italiano

Quadro 4. Programa de aulas do noviciado.

Fonte: Noviciado Salesiano Sagrado Coração de Jesus, 2020.

Ao fim do noviciado, o formando, recebendo o aceite da comunidade formadora e manifestando desejo livre de continuidade, professa os votos evangélicos. O rito ocorre dentro de uma cerimônia religiosa, tendo presente o maior número de participantes possível, sobretudo familiares e amigos do candidato. A orientação é de que a celebração seja pública e não privada. Após o recebimento dos votos, os noviços são considerados religiosos, membros da Congregação Salesiana.

Na figura 5, vê-se o momento em que o noviço faz a leitura da fórmula dos votos evangélicos: pobreza, castidade e obediência, na presença do padre superior da inspetoria (chamado inspetor), demais religiosos e testemunhas.



Figura 5. Leitura da fórmula dos votos evangélicos por um noviço.

Fonte: acervo do setor formações, 2017.



Figura 6. Acolhimento do novo religioso pelo padre inspetor e testemunhas.

Fonte: acervo do setor formações, 2017.

Os votos proferidos nessa celebração são tidos como votos temporários, uma vez que o indivíduo está em formação. Essa mesma celebração é vivenciada ao longo dos seis anos seguintes de formação inicial, até o segundo ano da fase do tirocínio, período em que declara o recebimento dos votos não mais como temporários, mas perpétuos.

Uma nova vida, ou ao menos uma nova etapa, apresenta-se para aquele que conclui o noviciado. Inicia-se então a última fase da tríade: o pós-noviciado. O jovem religioso inicia seus estudos de Filosofia, cuja duração é de três anos. Nela, o neorreligioso tem a oportunidade de “amadurecer na identidade pessoal, na fé, na vocação salesiana, na competência intelectual-cultural-profissional, e na progressiva participação da missão salesiana” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2000, p. 234).

O pós-noviciado na Inspetoria São João Bosco, desde 2015, passou a funcionar em parceria com as demais inspetorias, exceto os salesianos presentes em São Paulo. Estudando em uma instituição própria, a Universidade Católica Dom Bosco, em Campo Grande-MS, os seminaristas compõem uma única casa de formação nessa etapa. Apresentamos, a seguir, a programação comunitária desse período.

Horário da comunidade					
Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
6h		<i>Laudes</i>	<i>Laudes</i>		<i>Laudes</i>
6h15min	<i>Laudes</i> (6h30min)	Meditação	Meditação	Adoração eucarística	Meditação
6h45min		Conclusão da meditação	Conclusão da meditação	Conclusão da adoração	Conclusão da meditação
6h50min	Café	Café	Café	Café	Café
7h15min	Saída para a UCDB	Saída para a UCDB	Saída para a UCDB	Saída para a UCDB	Saída para a UCDB
7h às 12h	UCDB (Universidade Católica Dom Bosco)				
8h	Conselho da casa				
12h15min	Leitura espiritual	Leitura espiritual		Leitura espiritual	Leitura espiritual
12h30min	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13h15min	Ocupação	Ocupação		Ocupação	Ocupação
		Salesianidad e (14h às 15h)		Italiano	Italiano
13h30min às 15h30min	Assembleia comunitária/ Encontro com o Diretor	Esporte Comunitário (15h30min às 17h)	Saída – Tempo livre (13h)		
			Estudo em Casa		
18h	Celebração Eucarística; jantar festivo	Eucaristia com vésperas; boa-noite	Eucaristia com vésperas; boa-noite	Eucaristia com vésperas; boa-noite	Eucaristia com vésperas; boa-noite
19h	Convivência	Terço; caminhada	Terço; caminhada	Terço; caminhada	Terço; caminhada
19h30min	Estudo pessoal	Estudo pessoal	Estudo pessoal	Estudo pessoal	Esportes
22h30min	Bons sonhos	Bons sonhos	Bons sonhos	Bons sonhos	Bons sonhos

(continua)

(conclusão)

Horário da comunidade			
Sábado		Domingo	
7h	<i>Lectio divina</i> ¹⁶	7h	<i>Laudes</i>
	Café da manhã	7h15min	Café da manhã
8h	Aula de canto; música; fono; etc.	7h45min	Pastoral; saída
11h30min	Celebração eucarística	11h30min	Retorno
12h	Almoço	12h30min	Almoço
13h15min	Pastoral; saída	13h15min	Tempo pessoal
18h	Jantar	18h	Vésperas; partilha pastoral
19h15min	Terço comunitário	19h	Estudo; tevê
19h30min	Filme comunitário (uma vez por mês, passeio cultural)		
22h	Descanso	22h	Descanso

Quadro 5. Programação comunitária do pós-noviciado.

Fonte: Instituto São Vicente, 2020.

O tirocínio ou assistência é o período em que o seminarista salesiano abdica dos estudos acadêmicos, dedicando-se às tarefas rotineiras da obra para a qual foi destinado. O envio de cada jovem se dá conforme o trabalho desenvolvido no lugar e o perfil de cada um. Nessa fase, o tirocinante pode ser enviado para quaisquer dos Estados abrangidos por sua província religiosa. Como já vimos, as sedes inspetoriais encontram-se em Minas Gerais, Manaus, Mato Grosso, São Paulo, Recife e Porto Alegre.

O tirocínio dura ordinariamente dois anos. O tirocinante vai para uma casa religiosa que tenha condições de acolhê-lo. Não sendo recebido por comunidades genuinamente formadoras, os religiosos dessa casa devem assegurar um ambiente propício para o indivíduo em formação. O seminarista, além da vivência própria de um religioso, ocupa-se das atividades laborais oferecidas por aquela obra que, por escopo, pode ser paróquia, instituição de ensino regular (básico ou superior), projeto social e até mesmo uma casa de formação.

¹⁶ Prática de leitura da Bíblia, seguida de reflexão conjunta e contemplação do episódio retratado no texto.

Nesta última possibilidade, o tirocinante pode realizar grande experiência e, ou, encontrar especiais desafios. Afinal de contas, ele será um formando entre formandos, exercendo sobre eles liderança. Importante notar que, embora a fase do tirocínio seja de dois anos, o período não é cumprido necessariamente na mesma casa. De modo geral, a experiência é feita em realidades diferentes.

Horário	Segunda a sábado	Horário	Domingo
6h30min	<i>Laudes</i> ; missa	6h30min	Missa na capela pública
7h30min	Café	8h – 11h	Missas paroquiais
12h	Almoço	8h30min – 11h30min	Projeto social (oratório festivo)
18h	Véspera	12h	Almoço
Livre	Jantar	18h – 19h	Missas paroquiais
Livre	Descanso	Descanso	Descanso

Quadro 6. Programação comunitária de uma casa salesiana em que a fase do tirocínio pode ocorrer.

Fonte: horário fornecido por uma comunidade religiosa salesiana, 2019.

Ao término do tirocínio, tendo renovado, a cada ano, a tríade dos votos evangélicos, o seminarista se torna, após submetido à aprovação, salesiano de votos perpétuos. A cerimônia religiosa é essencialmente a vivida no noviciado, quando da primeira profissão dos votos. A celebração é pública, com participação de familiares e amigos. Nela, o jovem religioso professa os votos perpétuos, ou seja, revela publicamente, diante de duas testemunhas, o desejo de viver, para sempre, obediente, pobre e casto. Ele recita a seguinte fórmula:

Deus Pai, no dia do batismo, me consagraste a vós. Respondendo ao amor do Senhor Jesus, vosso Filho, que me chama a segui-lo mais de perto, e guiado pelo Espírito Santo que é luz e força, eu, N. N., com plena liberdade, ofereço-me totalmente a vós, comprometendo-me a dar todas as minhas forças àqueles a quem me enviardes, especialmente aos jovens mais pobres, a viver na Sociedade Salesiana, em fraterna comunhão de espírito, e a participar, desse modo, na vida e na missão da vossa Igreja. Por isso, na presença dos meus irmãos, perante o padre N. N., que faz as vezes do Reitor-Mor da Sociedade de São Francisco de Sales, faço voto para sempre de viver obediente, pobre e casto, segundo a via evangélica traçada nas Constituições Salesianas. A vossa graça, ó Pai, a intercessão de Maria Santíssima Auxiliadora, de São José, de São Francisco de Sales, de São João Bosco e os meus irmãos salesianos me assistam todos os dias e me ajudem a ser fiel (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2003, p. 36-37).

E assina o documento que comprova sua pertença à Pia Sociedade de São Francisco de Sales.

A etapa seguinte é a teologia. Após o trabalho pastoral como tirocinante, realizado por dois anos em uma obra social, instituição de ensino básico ou superior, paróquia ou mesmo numa casa de formação, o jovem religioso inicia os estudos acadêmicos teológicos. Sobre o trabalho pastoral, veremos com mais detalhes em nossa pesquisa biográfica, no quarto capítulo deste trabalho.

A teologia é o tempo preparatório, com conteúdos e orientações próprios para o sujeito que aspira ao presbiterato, ou seja, tornar-se salesiano padre. A duração é de quatro anos e, desde o ano de 2013, ocorre no Estado de São Paulo, perímetro que extrapola a inspetoria aqui pesquisada, pois se trata também de experiência interprovincial. O instituto é próprio dos salesianos: a Unisal.

Na metade do curso teológico, ou seja, ao fim de dois anos, o seminarista apresenta à comunidade formadora seu pedido ao diaconato. O diaconato tem *status* diferentes dentro da Igreja Católica, podendo ser permanente ou transitório. Nessa fase, o religioso salesiano muda seu *status* clerical. Com a aceitação de seu pedido em tornar-se diácono, ele acessa o universo do clero. Sobre o tema, prescreve a *Ratio salesiana*:

Devem privilegiar: o anúncio da Palavra de Deus, onde se qualifica e faz experiência na pregação da Palavra e na educação da fé dos jovens; a animação litúrgica, onde aprofunda conteúdos e pratica o ministério, assumindo a presidência de celebrações e subsidiando seus ouvintes em suas necessidades catequéticas; a pastoral dos sacramentos e preparação para o exercício do sacramento da reconciliação (SOCIEDADE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2000, p. 273-274).

Nesse período, o diácono acompanha de perto as funções paroquiais de um padre experiente: liderando grupos, conduzindo celebrações da Palavra, ministrando batismos e matrimônios; não podendo exercer ainda a escuta da confissão auricular dos fiéis e a celebração eucarística (a missa). Isso somente será possível após a ordenação presbiteral. A aceitação do pedido ao diaconato é sucedida por celebração e cerimônia tão significativa quanto a ordenação presbiteral, a qual será realizada somente de seis a doze meses.

Para tornar-se diácono, o seminarista deve ser ordenado por um bispo, em celebração pública, com aprovação externalizada ao público por parte de seus superiores, ou seja, dos padres que o acompanharam. Essa fase não será abordada nesta pesquisa, uma vez que nosso biografado não a tinha alcançado quando o pesquisamos.

Segunda-feira (Dia da Comunidade)

6h45min	Despertar
7h15min	<i>Laudes</i>
7h45min	Café da manhã festivo
8h15min	Aulas
12h15min	Almoço
13h - 14h	Ocupação (2 ^a , 3 ^a , 5 ^a e 6 ^a)
14h30min	Estudo pessoal
18h	Celebração eucarística festiva
18h30min	Jantar, terço e estudos pessoais
21h30min	Completas (facultativa, na capela de cima)
22h30min	Silêncio e repouso

Terça a sexta-feira

6h	Despertar
6h30min	Meditação
7h	Celebração eucarística com <i>laudes</i>
07h45min	Café da manhã
08h15min	Aulas
12h15min	Almoço
13h -14h	Ocupações (2 ^a , 3 ^a , 5 ^a e 6 ^a). Às quartas-feiras, o horário é livre.
14h30min	Estudo pessoal. Às sextas-feiras, quinzenalmente, mutirão de limpeza, de acordo com o calendário, das 14h30min às 16h, seguido de prática esportiva até 17h30min.
18h	Vésperas/Leitura espiritual (terça e quinta-feira), celebração especial (sexta-feira), boa-noite (terça, quinta e sexta-feira)
18h30min	Jantar, terço e estudo pessoais
21h30min	Completas (facultativa, na capela de cima)
22h30min	Silêncio e repouso

Sábado e domingo

7h30min	Celebração eucarística com <i>laudes</i> (sábado)
8h	Café da manhã; atividades pastorais
12h	Almoço
18h	Jantar
22h	Silêncio e descanso

Quadro 7. Programação comunitária da teologia

Fonte: Comunidade Santo Tomás de Aquino, 2020.

Vimos, neste capítulo, como se deram os inícios da Congregação Salesiana, o contexto desse nascimento e expansão para o Brasil e, neste país, sua localização inicial e distribuição territorial como inspetorias. Introduzimos a temática da capacitação dos indivíduos recrutados ao estilo de vida inspirado nos primórdios da Igreja Católica, o dos monges, o qual é traduzido aqui por formação salesiana. Buscaremos entender, assim, o “fenômeno da vocação religiosa” (SEIDL, 2012).

Mediante a observação de indivíduos que buscam a proposta de vida dos religiosos salesianos, torna-se oportuno o entendimento dessa motivação. O que buscam os jovens que procuram a Congregação Salesiana? Como os interlocutores dos jovens vocacionados acolhem e conduzem esses “escolhidos” no processo formativo?

Seidl (2012), em seu trabalho *Sociologia da vocação religiosa: reprodução familiar e reprodução da Igreja*, provoca a discussão com base no que nomeia de “celeiro vocacional”. O autor remonta certa experiência tida como exitosa, numa espécie de campanha de recrutamento de seminaristas, em determinada instituição no Sul do País. A vocação à vida religiosa é, afinal, fenômeno “inexplicável”, de ordem misteriosa, “do Divino”? Se é uma escolha, quem escolhe de fato, o sujeito ou o Objeto da procura desse sujeito? (SEIDL, 2012, p. 3). Essas indagações poderão ser oportunas para o diálogo que teremos a seguir, cujos objetos serão a instituição que recruta e os sujeitos que não são escolhidos.

3 O SEMINÁRIO

“Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração” (Jr 3,15).

3.1 Origem e fim do seminário

O seminário é inegavelmente uma instituição situada em contextos plurais que, a partir de uma identidade peculiar, é provocado a interagir, dialogar, criticar e ser inquirido em suas abordagens sociais. Assim, podemos entendê-lo como dispositivo de captação e norteamo de um grupo com, supostamente, igual intencionalidade.

Como estabelecimento de recrutamento, é possível identificá-lo posteriormente na história com o “surgimento” das instituições disciplinares (BENEELLI, 2006 FOUCAULT, 1987b), cuja finalidade fora a “produção de uma modalidade específica de subjetividade” (BENEELLI, 2006, p. 1).

Em seu trabalho *O seminário católico e a formação sacerdotal: um estudo psicossocial*, Benelli (2006) aborda o lugar seminário como “agência de produção de subjetividade”. Entendendo as relações dos sujeitos como de poder, geradoras de práticas igualmente disciplinares.

Os sujeitos recrutados pela instituição seminarística assumem como codinome o desdobramento do espaço e da concepção geográfica/litúrgica, passando a responder e corresponder como seminarista.

A produção que as relações aí constituídas almejam tem naturalmente características e *performance* singular. Os profissionais que esse espaço enseja produzir serão conhecidos, após longo percurso formativo, como os novos padres católicos.

O objeto de transformação da estrutura seminário é certamente os sujeitos por ela captados, recrutados ou atraídos pelo próprio Cristo; como vimos relatado por um de seus seguidores, o evangelista Marcos: “Jesus subiu a um monte e chamou os que Ele quis” (Mc 3,13-15). Ser chamado, ou imaginar-se chamado ao serviço da Igreja, será, na vida desses sujeitos, o primeiro apontamento que farão em suas trajetórias individuais, um passo dado em direção à sua carreira moral eclesial.

O aspirante ao *modus vivendi* sacerdotal precisa, desde bem cedo, demonstrar sua inclinação ao estilo de vida esperado para o “embaixador de Cristo” (2Cor 5,20), sinalizar, com suas narrativas e práticas litúrgicas, a intencionalidade do

que ainda não pode ser medido ou comprovado pelo incipiente aceite como membro de uma comunidade e participante na experiência de transformação de adolescentes e jovens em “pastores de almas” (1Pd 5,1-4).

A ascendência do candidato ao presbiterato (ou ao *status* religioso, no caso dos salesianos) demandará desse embrionário pastor longo e exigente trajeto em busca das características ou lapidação das qualidades possivelmente adormecidas. Viver em comunidade, trabalhar e estudar juntos, sentar-se à mesa e alimentar-se das mesmas inspirações será rotina por sete anos, para o seminarista diocesano; e por doze, para o formando salesiano.

3.2 O seminário salesiano: a oferta de um carisma

Diante do sujeito vocacionado ao estilo de vida religiosa consagrada, ainda que inicialmente não tenha consciência, poderá descortinar-se significativa oferta de um “mercado religioso” (GUERRA, 2000). O que nem sempre significará para ele um facilitador na hora de optar pelo melhor carisma ou o mais condizente com suas aspirações, afinal o escopo do grupo eleito será acolhido pelo seminarista como sua escolha de vida.

Aderir ao estilo de vida salesiano é, portanto, fazer a escolha por um grupo religioso entre tantos, cujo *télos* reserva, em sua idealização e consumação, tênue distinção em um cenário de semelhanças carismáticas.

O carisma é compreendido, no interior dos grupos religiosos, na singularidade encontrada em sua proposta e apresentada aos novos membros e destinatários a quem pretendem atingir com o seu “serviço apostólico pluriforme” (JOÃO PAULO II, 1996). A consagração do seminarista salesiano feita pela primeira vez, ao fim do noviciado, com a profissão religiosa, tornará para ele, por toda a sua trajetória, a “expressão mais significativa” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016) do *modos vivendi* pessoal e coletivo, devendo o segundo aspecto assumir a precedência. Prevalece aqui o comunitário em prol do objeto eleito: a missão salesiana.

A expressão identitária que se desdobra da consagração do sujeito feito salesiano é encontrada nas dimensões laical e presbiteral. Podendo este optar, mediante sua inclinação vocacional, a ser salesiano presbítero ou salesiano coadjutor. Complementar às especificidades de cada modo de vida, é possível ainda que o

vocacionado ao laicato possa ajudar na desmitificação da “figura sacral ou cultural” do indivíduo padre (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016, p. 37).

A *Ratio fundamentalis institutionis et studiorum*, importante documento utilizado na formação inicial e permanente dos religiosos salesianos, considera estreita a “relação entre formação e identidade”, e como primordial a assimilação do “espírito do instituto”, sua “história e missão”, captados pelos indivíduos em formação, especialmente inicial, do “patrimônio espiritual” da Congregação, nomeado por “salesianidade” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016, p. 37).

As exigências apresentadas aos entrantes, cuja proposta seja a assimilação de um patrimônio que assume dimensão singular, apresentam-se como “intenso regime pedagógico e disciplinar” (REINHARDT, 2016). Essa pedagogia e disciplina é tratada por Reinhardt, em seu trabalho em Gana, na relação por ele acompanhada entre pastores pentecostais e evangelistas, em uma escola para pastores. O intenso regime observado em Gana, longe de ser rigorismo desnecessário, mostra-se como condição *sine qua non* para a formação do sujeito religioso que almeja “capturar a unção” (REINHARDT, 2016, p. 10), adquirir ou lapidar o que dentro de si é latente para o fazer evangelizador.

Em se tratando da formação dispensada aos formandos salesianos, com base num carisma já consolidado, faz-se também importante capturar algo, tornar seu o que já fora tematizado por outros indivíduos, possibilitar que a espiritualidade que encantou predecessores seja redescoberta pelos jovens em formação.

3.3 O jeito salesiano de avaliar

Quando nos deparamos com as histórias de vida narradas e lidas no interior das instituições, é possível que não imaginemos, inicialmente, a trajetória empreendida pelos indivíduos, os apontamentos feitos em suas biografias, as marcações ordinárias e, por vezes, incompreendidas, satisfações e microinsatisfações sussurradas em suas memórias.

Do mesmo modo, pensamos ser possível interpretar as expectativas contidas nas narrativas institucionais. O que consta no interior dos espaços idealizados, nos anais das regras e constituições dos institutos e congregações deverá ser acolhido por indivíduos reais e contemporâneos. A instituição sendo atualizada no tempo e na história.

Ao falarmos do acolhimento da instituição salesiana e de seus buscadores, queremos entender o lugar dessa busca a partir dos sujeitos buscados. O jeito de contatar e estabelecer vínculos que pode ser entendido, nesse contexto, por pedagogia ou carisma.

O fundador dos salesianos, o padre João Bosco, deixa em suas lembranças, impressas nas memórias textuais e corporais, interações que parecem levar em conta as trajetórias feitas pelos indivíduos em construção. Encontrar-se com os jovens parecia ser, de fato, para João Bosco, rica oportunidade de interação formativa.

No dia anterior, uma família foi apresentada a ele (Dom Bosco), pai, mãe e filho, que teriam sido enviados por Monsenhor Zappata. Os pais disseram: “Este filho queria ser padre; ele prometeu tanto e agora não quer mais saber. Pobres de nós!”. Eles torturaram o pobre jovem para fazê-lo dizer sim. Dom Bosco os acolheu na presença do filho, dizendo-lhes: “Mas vocação não é algo que se imponha! Se ele sentir essa inclinação dentro de si, ele refletirá, orará e poderá decidir por si mesmo o que você deseja. Mas se ele não se sente inclinado a esse estado, não precisa ser empurrado de forma alguma”. Em seguida, ele falou confidencialmente com o jovem, que foi embora deixando-lhe uma esperança fundada (CERIA, 1931, p. 12).

A formação dos religiosos salesianos é norteada por documentos, princípios e orientações que buscam interagir com as pretensões internas, estabelecendo diálogo com as normativas da Igreja Católica.

A *Ratio fundamentalis* (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016), norteada pelas *Constituições e Regulamentos* (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2003), subsidia, com base na tradição e na ideologia, um itinerário. São eles: *A formação dos salesianos de Dom Bosco: princípios e normas*; e *Crítérios e normas de discernimento vocacional salesiano: admissões*.

Em sintonia com a Igreja, a formação salesiana adota as exortações *Dabo vobis: sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais* (JOÃO PAULO II, 1992) e *Vita consecrata: sobre a vida consagrada e a missão da Igreja no mundo* (JOÃO PAULO II, 1996). Existe também o Plano Inspetorial de Formação (PIF), que norteia a formação local para as fases iniciais e com propostas para a formação permanente dos religiosos (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016, p. 14).

3.3.1 O que os salesianos avaliam?

Discernir a vocação dos candidatos é a proposta das casas de formação e o propósito que estabelecem formadores e seminaristas durante os anos que são definidos como tempo de maturação. A vocação, entendida como “opção e escolha”, uma vez manifestada pelo vocacionado, deverá ser “verificada, motivada e amadurecida” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2000, p. 7), estabelecendo aqui intrínseca relação entre acompanhado e acompanhante. Relacionamento que nos parece ser de corresponsabilidade e compartilhamento de projeto de vida.

O que é imprescindível levar em conta na hora de avaliar perpassa pelas dimensões do corpo, do intelecto e do espírito. A observação se dá ainda com base nos “critérios positivos ou requisitos” e “critérios negativos ou contraindicações”. O bom senso de quem avalia deve considerar “a fase formativa na qual o candidato se encontra, a idade e o grau de maturidade do candidato” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2000, p. 19).

A seguir, no quadro 8, elencamos as dimensões avaliadas, com justificativas e critérios positivos e negativos, pela formação salesiana.

	Dimensão humana	Dimensão espiritual	Dimensão intelectual	Dimensão educativo-pastoral
	São avaliados a saúde física, o contexto familiar, o equilíbrio psíquico e a capacidade de relacionamento. E ainda, a maturidade afetivo-sexual.	Observa-se a vida cristã e caracterização salesiana, conselhos evangélicos (profissão dos votos), sinais de vocação específica (sacerdotal ou laical), motivações e reta intenção.	Inteligência, capacidade de reflexão e de juízo; qualificação necessária.	São sinais de idoneidade a serem verificados e amadurecidos durante a formação, as qualidades próprias do educador-pastor salesiano.
Justificativa	O salesiano deve estar pronto para o sacrifício e para a dureza da vida. Por outro lado, a boa saúde favorece a harmonia entre as dimensões da pessoa.	Disposições, atitudes, condições que permitam avaliar a idoneidade espiritual dos candidatos à vida religiosa salesiana. Seu desenvolvimento depende da ação do Espírito e de um constante empenho formativo: vida cristã e caracterização salesiana, vida comunitária, conselhos evangélicos, sinais de vocação específica.	A capacidade intelectual não é um elemento isolado da personalidade. Está inserida em contextos de temperamento, orientação mental, fatores ambientais. Em tais contextos, deve ser avaliada. Não se trata da capacidade de acumular conhecimentos, mas sim de um sadio critério para pensar e discernir, e competência para realizar a missão.	Predileção pelos jovens pobres e abandonados e pelos ambientes populares; a solidariedade, a capacidade de manter contato com os contextos juvenis e encarnar-se em contextos diferentes do próprio. [...]

(continua)

(continuação)

	Dimensão humana	Dimensão espiritual	Dimensão intelectual	Dimensão educativo-pastoral
Aspectos a serem considerados	<p>Contraindicações absolutas: Síndromes graves, doenças crônicas graves, grandes ou totais deficiências físicas.</p> <p>Contraindicações relativas: Deficiências físicas parciais. Habitual abuso de substâncias que alteram a psique (drogas, álcool).</p>	<p>Motivação inadequada: Baseada em valores sadios e pertencentes à vocação, mas não fundantes e, em certo sentido, marginais ou periféricos (gratificação pelo sucesso na educação, alegria no trabalho juvenil, satisfação em expressar de modo significativo os próprios recursos, promoção dos jovens, gosto pelo serviço social, paixão pelo estudo, prazer de uma vida de amizade), sendo apresentadas como dominantes, isentas de correções e integrações sobrenaturais, mesmo se válidas em si mesmas, não são suficientes para dar razão à vida consagrada e sustentar a fidelidade. Acabam se não tiverem raízes sólidas e definitivas no sentir-se chamados a testemunhar o primado de Deus e acolher a Cristo como centro da existência.</p> <p>Motivação inválida: Externalidade religiosa, baseada sobre necessidades e interesses subjetivos múltiplos, como necessidade de segurança, afirmação de si, busca de afeto, não permite o sustento da opção vocacional e a perseverança.</p>	<p>Deve-se verificar se a inteligência do candidato é suficiente e integrada com o resto de sua personalidade, se o faz reconhecer os próprios limites, remediar as próprias lacunas mediante a informação e a qualificação. Deve-se constatar se o interessado sabe raciocinar para confrontar-se e acolher aspectos novos e decidir concretamente. Verificar se se trata de uma inteligência hábil na elaboração do pensamento e à altura de estabelecer relações. Seja a inteligência proporcionada e relativa à missão educativa e pastoral. Considerar que a incapacidade de aprender com a vida como também o fechamento mental e a falta de honestidade diante da verdade são sinais que podem exprimir problemáticas psicológicas: medos, angústias e vários outros comportamentos de defesa que impedem a abertura aos outros e, por isso, podem tornar a pessoa incapaz de viver a vocação salesiana.</p>	<p>Predileção pelos destinatários preferenciais e ambientes populares; solidariedade, capacidade de conexão; aptidão para receber e estimar os valores do próprio tempo; capacidade de compreensão crítica das linguagens da comunicação social, de confronto com as situações culturais, de abertura à informação; capacidade de desenvolver a missão salesiana. Assimilação do Sistema Preventivo como método e espiritualidade; atenção aos problemas educativos, às diversas formas de comunicação e às novas mensagens para o anúncio da Palavra aos jovens; capacidade de animar e acompanhar pessoas e grupos; hábito reflexivo sobre a prática, com base nos estímulos e orientações da Igreja; viver a missão como caminho de formação.</p>

(conclusão)

Dimensão humana	Dimensão espiritual	Dimensão intelectual	Dimensão educativo-pastoral
<p>Importante Antes ou durante o pré-noviciado, deve haver um controle médico e um exame psicológico que certifique a existência de um bom nível geral de saúde e a ausência dos problemas físicos enumerados nas contraindicações.</p>	<p>Motivação autêntica, adequada e válida: É aquela fundada sobre valores essencialmente religiosos. O amor de Deus e ao próximo consegue orientar para metas, as energias do sujeito. Reconhecida pela coerência entre os valores proclamados e a vida vivida, pela serenidade e alegria com a qual o candidato vive o cotidiano. É a motivação específica que coincide com a “reta intenção”: motivação fundamental que toca a essência da vocação. O discernimento e o trabalho formativo devem verificar se a motivação autêntica está presente no candidato ou se ele a pode conseguir com um normal processo formativo.</p>	<p>A capacidade intelectual do salesiano deve ser suficiente para completar os estudos que correspondem aos compromissos futuros e justo conhecimento da natureza da vocação e de suas exigências. Devem incluir a capacidade reflexiva e de juízo própria de quem é educador e pastor, necessária para cultivar uma sensibilidade cultural, formativa e pastoral que permita viver atento aos sinais dos tempos, discernir a voz do Espírito e adquirir a capacidade de aprender com a vida.</p>	<p>Contraindicações a serem avaliadas: Pouca sensibilidade e interesse pelos destinatários específicos; fraca atenção pela cultura local/territorial; superficialidade, execução das tarefas sem reflexão; desatenção com orientações pastorais da Igreja e da Congregação; dificuldade em encarnar o Sistema Preventivo; individualismo apostólico, fraca inserção na comunidade educativo-pastoral; descompromisso com a própria qualificação.</p>

Quadro 8. As dimensões avaliadas, suas justificativas e critérios negativos e positivos.

Fonte: Sociedade de São Francisco de Sales, 2000, p. 39-74 (texto selecionado do original eleito para nossa abordagem).

3.3.2 Um instrumento de avaliação: o escrutínio

O escrutínio é um instrumento previsto pelo Código de Direito Canônico (SANTA SÉ, 2017) e tem como finalidade a avaliação do sujeito aspirante à vida sacerdotal. Para tanto, a orientação ao pessoal da formação em seminário se dá:

No concernente ao escrutínio relativo às qualidades requeridas no ordinando, observem-se as prescrições seguintes: obtenha-se o testemunho do reitor do seminário ou casa de formação sobre as qualidades requeridas para a recepção da ordem, a saber: reta doutrina, piedade genuína, bons costumes, aptidão para exercer o ministério; e bem assim, depois de feitas as investigações convenientes, acerca do seu estado de saúde física e psíquica (cânone 1051).

O escrutínio é ainda orientado como instrumento a ser recorrido no momento de aceitação e ingresso ao seminário. A avaliação obedecerá ordinariamente à observação em âmbito físico, psíquico e espiritual, devendo tais requisitos dialogarem com a capacidade dos sujeitos interagirem com o escopo da instituição por ele almejada.

O itinerário da formação salesiana prescreve o uso dessa ferramenta avaliativa no interstício de três meses e, ou, ao fim de cada fase formativa, como requisito, condição ou *feedback*.

Os formadores escutados nesta pesquisa elegem o escrutínio como oportuna “ferramenta de devolução ou *feedback*” na interação estabelecida entre eles e os formandos. Acreditam que o instrumento possa ser efetivo mediante interação e conhecimento da comunidade que forma e o sujeito por ela avaliado.

A “ineficácia” do instrumento é também considerada como possibilidade “quando visto como ameaça por parte do seminarista”, ou seja, quando se torna uma reunião de provas contra o avaliado.¹⁷

Em uma pesquisa desenvolvida pelos setores de formação e pastoral juvenil da Congregação Salesiana, foi possível escutar especialmente os formandos no que diz respeito ao acompanhamento recebido, à relação estabelecida e aos instrumentos de avaliação utilizados pela instituição. Na relação estabelecida entre formadores e seminaristas, os últimos disseram sentir-se mais observados e controlados do que de fato acompanhados. E, quando perguntados sobre as conversas regulares tidas com os formadores, os colóquios, revelam que o fazem mais

¹⁷ Parecer dos formadores das fases de pré-noviciado e teologia, em resposta ao questionário semiestruturado. Resposta à pergunta sobre o escrutínio.

por dever do que pela partilha (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2019, p. 51).

3.4 O diagnóstico de Goffman

A julgar pela idade cronológica de um sujeito adulto que inicia sua “carreira institucional” (GOFFMAN, 1974), não fica difícil imaginar o quão desafiadora seja sua submissão à nova forma de vida ofertada. O seminarista que entra numa casa de formação o faz sob a condição de aspirante. Para este é pensado um programa de estudos, calendário e trabalhos, tudo feito a partir de uma inaugural lógica comunitária. “Os resultados singulares são esquecidos” (GOFFMAN, 1974). O coletivo assume a precedência.

Desde sua invenção, o seminário identitariamente reconhecido como o lugar que recolhe indivíduos masculinos do “mundo”, reunindo-os em seu interior, pode ser tomado por “instituição total” (GOFFMAN, 1974). Entendido ainda como “refúgio do mundo”, o ambiente religioso pode prestar-se como espaço privilegiado para o exercício de uma nova identidade do indivíduo que está em busca. Essa busca empreendida pelos indivíduos tem aspectos particulares e coletivos visto que se colocam sob uma lógica institucional; aqui, as vozes individuais reverberam um imaginário coletivo.

As relações estabelecidas no interior dos seminários podem ser entendidas a partir da compreensão de uma “vigilância hierárquica” (FOUCAULT, 1987), identificadas como relações de poder e observadas no cotidiano: da estruturação dos espaços, da organização dos horários, no controle do tempo, especialmente o “livre”, e a consentida abordagem às consciências, no trato entre formador e formando. Essa relação faz da casa de formação “observatórios”, podendo formatar os que propusera acompanhar, sendo possível ainda tornar “dóceis” seus “corpos” (FOUCAULT, 1987).

Em *Vigiar e punir*, Foucault (1987) refere-se ao funcionamento da vigilância hierárquica como uma “máquina”. O modelo piramidal nos parece oportuno e ilustra bem as relações desse ambiente. No entanto, em algum momento, é possível perceber que quem observa também é observado e que a emissão de um parecer tem, geralmente, raízes que extrapolam seu emissor.

A escolha pelo ambiente regulador e fechado em si mesmo, cujo conceito encontramos respaldo tanto em Foucault (1987), quando aborda as instituições de controle e docilização dos corpos, como em Goffman (1974), ao retratar conventos e

claustros como instituição total, pode nos ajudar com suposições a respeito das sociobiografias que aqui ilustramos mediante o instrumento de avaliação (o escrutínio).

O sujeito internado de Goffman pode ser entendido como aquele que é despedido de individualidades, cuja instituição acolhedora não se disponha a lidar com totalidades, buscando, assim, “reduções do eu” onde a “mortificação” seja “complementada pela automortificação” (GOFFMAN, 1974, p. 47). O acolhimento desses sujeitos acaba por torná-los parte do ambiente, possibilitando certa embrionagem entre abrigo e abrigado, deixando iminente uma nova carreira moral ou certa conformação ao *status* institucionalizado.

Estando conformado à instituição, o indivíduo tende a sentir-se rebaixado, tendo sua nova condição comparada à vida experimentada em sua carreira, no mundo externo. Esse processo de “despojamento de si” cria um “fracasso pessoal”.

A organização dos espaços na instituição total, segundo Goffman, bem como o controle destes, pode fragilizar os indivíduos, impondo sobre estes cargas e tensões contra as quais, estando confinados, poderão não acessar mecanismos de suporte e subterfúgios próprios dos ambientes externos, escassos nos espaços de confinamento.

O sujeito admitido numa instituição total é levado a optar por ela, aderir a suas regras, assumir seu discurso. Esse movimento de adaptação deverá conduzir o recrutado a uma significativa mudança de hábitos e, quiçá, à transformação num novo sujeito. Contrariamente a essa metamorfose, o risco é o de viver num mundo dentro de outro, cujas condições sejam desfavoráveis à escolha madura por um deles.

3.5 A pluralidade do ator, de Lahire

A compreensão dos indivíduos sociais, sob a consideração de que são atravessados por vários outros, mostra-se desafiadora, incitando à mudança de comportamento e compreensão teórica desses personagens. Comumente, suas ações bem como ideias e produções tendem a ser interpretadas isoladamente, descontextualizadas do meio social que as produz.

A contribuição que o sociólogo francês Bernard Lahire apresenta com a ciência sociológica se dá pela observação feita aos atores sociais, buscando entendê-los, portanto, com base numa “sociologia psicológica” (LAHIRE, 2002), estudando a realidade social sob sua forma individualizada. Negligenciar o estudo de atores, suas

“práticas” e o próprio “campo”, tomando-os como singulares é, para Lahire, o mesmo que negligenciar ou praticar “economia com as lógicas sociais individualizadas” (LAHIRE, 2002, p. 185).

Compreender esses atores como plurais é percebê-los interagindo com os espaços em que são submetidos ou se submetem; a “incorporação” de “disposições sociais” bem como gestos, práticas, ideias e raciocínio acaba por contribuir com o “estoque de hábitos incorporados”, enriquecendo, assim, os atores que não passam por experiências sem se afetarem; antes, apropriam-se e transformam.

Considerando a interação de atores e seu campo de ação, é possível analisá-los mediante a absorção das disposições sociais que serão assimiladas com maior ou menor esforço. A assimilação não se dá, portanto, das

Estruturas sociais, mas hábitos corporais, cognitivos, avaliadores, apreciativos, etc., isto é, esquemas de ação, maneiras de fazer, de pensar, de sentir e de dizer adaptadas, e às vezes limitadas, a contextos sociais específicos. Interiorizam modos de ação, de interação, de reação, de apreciação, de orientação, de percepção, de categorização, etc. (LAHIRE, 2002, p. 169.)

Para a assimilação desses hábitos, Lahire analisa os atores inseridos em dois momentos de sua socialização. A etapa vivenciada na infância é tida por “primeira socialização”. Nesta, a incorporação se dá pelo afeto, possibilitando o que podemos chamar de assimilação de valores, comportamentos e crenças que perpassam o grupo familiar ou que se perpetua como “patrimônio cultural” (LAHIRE, 2002).

A “segunda socialização” ocorre quando os atores passam do “homogêneo”, do “submundo familiar”, ao “heterogêneo”, a múltiplos “subuniversos”, interagindo com demais “campos, instituições e grupos sociais”; os valores ou disposições que a eles se apresentarem, de maneira inaugural, interpondo-se aos “naturalmente” assimilados poderão encontrar resistência (LAHIRE, 2002, p. 30).

A justificativa, portanto, da complexidade no ator individual é porque “nele se encontram dimensões, lógicas ou processos variados” (LAHIRE, 2002, p. 193). Sendo esses sujeitos ordinariamente compreendidos dentro de uma dimensão ampliada, ou de uma macrossociologia, como nos diz Lahire, o estudo deles deve se dar pela consideração de “papéis”, “eus”, “relatos de si”, ou seja, de uma microsociologia.

Contrariamente a essa compreensão ou consideração das realidades micros, ignorando as configurações que os atores atravessam, tenderemos a nos deparar e, conseqüentemente, lidar com atores portadores de “biografias oficiais” que se apresentam ou são requisitados a se mostrarem com os *curriculum vitae*: racionais,

técnicos, portadores de “sínteses parciais”. As biografias que aqui pretendemos estudar são parte desses universos plurais em que histórias de vida são escritas nas diferentes sociedades e campos que atuaram. Compreender esses atores é entender sobretudo os contextos em que eles se fizeram, as relações que estabeleceram.

A seguir, acessaremos as trajetórias pelos escrutínios elaborados mediante a interativa relação dos formadores salesianos e os seminaristas acompanhados na primeira fase, o pré-noviciado. O acompanhamento desses sujeitos vocacionados à vida sacerdotal ou religiosa parece ser, portanto, o ato de acolher sujeitos plurais em suas experiências de estranhamento e, até certo ponto, desenraizamento de sua primeira socialização.

Em sua exortação apostólica *Christus vivit*, o Papa Francisco, ao tratar sobre discernimento vocacional e acompanhamento, pondera:

Sendo o tempo superior ao espaço, devemos suscitar e acompanhar processos, não impor percursos. Trata-se de processos de pessoas, que sempre são únicas e livres. Por isso é difícil elaborar receituários, mesmo quando todos os sinais forem positivos, porque tem-se de submeter os próprios fatores positivos a um atento discernimento, para que não se isolem uns dos outros, nem entrem em oposição entre si, absolutizando-se e combatendo-se mutuamente. O mesmo se diga dos fatores negativos: não são de rejeitar em bloco e sem distinções, porque em cada um deles pode ocultar-se algum valor que espera ser liberto e reconduzido à sua verdade plena (FRANCISCO, 2018, p. 91).

Estudar as biografias impressas nos escrutínios dos aspirantes à vida religiosa salesiana será oportuna ação etnográfica em direção a uma possível escuta da versão institucional acerca dos indivíduos e, por parte destes, a verbalização intercortada de sujeitos múltiplos, mas cindidos no início de sua segunda socialização. A rejeição “em bloco” de “defeitos” iniciais, ou até mesmo a negligência deles, poderá não ser a melhor escolha.

Iniciaremos a leitura e apreciação dos escrutínios de dois seminaristas que deixaram a instituição religiosa salesiana, mais especificamente a Inspetoria São João Bosco. Com as inferências possíveis, buscaremos marcar textualmente nossa passagem para o capítulo seguinte desta pesquisa.

3.6 O sujeito escrutinado que não permaneceu

Ao falarmos sobre o processo avaliativo, falamos inevitavelmente do modo como os sujeitos acolhidos por determinados grupos são tratados, considerados em suas disposições e em suas trajetórias. Ao ser diagnosticado, o sujeito passa pelo crivo institucional, “O território do seu eu é violado” (GOFFMAN, 1974, p. 31), e o acesso à sua intimidade tacitamente acordado.

A subjetividade nesse terreno de “biografias oficiais” (LAHIRE, 2002) cede espaço exterior e interior a seus corpos às relações normativas e equalizadoras. Mesclar-se ao grupo cujas propostas se apresentam comunitárias poderá facilitar o trabalho institucional de avaliação, no entanto, para os indivíduos, poderá representar gradual perecimento de singularidade.

A avaliação dos comportamentos e atitudes de sujeitos agrupados podem deixar de ser “relatos de si” (LAHIRE, 2002), passando a ser interpretações acerca daqueles que foram ajuntados, destituídos biograficamente. Compreender o interior dos indivíduos é, para Lahire, tarefa que somente se torna possível mediante o “estudo mais exato, mais circunstanciado e mais sistemático possível do ‘exterior’” (LAHIRE, 2002, p. 194). A compreensão dos microuniversos, mediante o macro que os produz, induz e, por vezes, dispõe a entendê-los em suas parcialidades, apresenta-se como real desafio também para a instituição seminário.

Na busca pelo entendimento de trajetórias empreendidas por seminaristas que deixaram a instituição, analisaremos, de forma cartográfica, os apontamentos contidos no escrutínio salesiano. Essa ferramenta é utilizada para avaliação e denúncia dos comportamentos e manifestações do aspirante a religioso. O diagnóstico elaborado pela instituição cumpre função marcadora, apontando avanços e limites do sujeito em formação, e, não poucas vezes, suscitando adoecimentos até então desconhecidos pelos próprios indivíduos.

A seguir, apresentamos os escrutínios de dois seminaristas que deixaram a casa de formação na etapa inicial, o pré-noviciado. As observações partem sempre das análises recorrentes às quatro dimensões: humana, espiritual, intelectual e educativo-pastoral. O olhar dos avaliadores deve, portanto, refinar-se para perceber faculdades e patologias manifestas e, ou, adormecidas no interior dos jovens formandos.

A análise que faremos será, portanto, com base no que pensa e, ou, explicita a instituição, o seminário salesiano. Juntamente ao escrutínio, elaboramos

um quadro expondo reclamações e avanços feitos pela comunidade formadora. A esse demonstrativo chamamos de “quadro comparativo de reclamações e avanços”. Em seguida, expomos a síntese do trimestre, com parecer final da casa de formação.

O primeiro escrutínio apresentado se trata da trajetória do seminarista a quem denominamos “ator 1”. A experiência desse nosso analisado teve a duração de dois anos na fase inicial. Ao fim do primeiro ano, o seminarista recebeu parecer contrário da comunidade, que o impediu de ser admitido ao noviciado, sendo orientado a repetir o pré-noviciado.

A seguir, os instrumentos de avaliação: os escrutínios.

Dimensão humana

Em geral tem uma boa convivência com os pré-noviços; boa saúde; é responsável. *Deve ser mais gentil no tratamento com os irmãos; deve evitar brincadeiras grosseiras.*

Tem-se empenhado no crescimento pessoal e interpessoal; é pontual nos horários comunitários; *precisa aprender a respeitar as opiniões e ideias diferentes das suas. Muito rígido no tratamento com as pessoas.* Parece fazer as coisas mecanicamente, sem assumir a responsabilidade final do que está sendo feito. *Precisa alimentar-se melhor, pois se alimenta muito pouco, principalmente no almoço e no jantar.*

Dimensão espiritual

Leva a sério a oração pessoal e comunitária; cultiva o acompanhamento espiritual; pode ser mais simples ao fazer as orações, principalmente ao rezar pelas comunidades. Usa um tom de voz muito solene. É empenhado no seu discernimento vocacional; *precisa viver a espiritualidade com mais naturalidade, e de forma mais simples.*

Dimensão intelectual

Tem uma boa participação nas aulas. Tem-se dedicado às leituras de bibliografias salesianas; *precisa dedicar mais tempo ao estudo pessoal; precisa equilibrar o tempo de uso da informática; precisa melhorar a escrita (quase não se entende o que escreve).* Tem *dificuldade em concentrar-se.*

Dimensão educativo-pastoral

Parece ser responsável nas tarefas que executa; parece ter uma boa motivação para os trabalhos pastorais; transmite segurança no que faz de forma rígida; tem uma boa proximidade com os leigos e oratorianos; tem *pouca capacidade de iniciativa; precisa ser mais educado no trato com as pessoas. Tem uma postura muito rígida.* A rigidez pode ser fruto da insegurança. *Precisa ser mais flexível com as pessoas.*

Observação do formando: _____

Quadro 9. Ator 1: maio de 2013. Avaliação trimestral: observação dos formadores.

Fonte: Comunidade formadora do pré-noviciado, 2020 (grifos nossos).

Aspectos avaliados negativamente: 1º escrutínio, maio de 2013	Avanços
<p data-bbox="229 338 507 376">Dimensão humana</p> <p data-bbox="229 409 833 678">Deve ser mais gentil no tratamento com os irmãos; deve evitar brincadeiras grosseiras; precisa aprender a respeitar as opiniões e ideias diferentes. Muito rígido no tratamento com as pessoas. Parece fazer as coisas mecanicamente, não assume a responsabilidade final no que faz; precisa alimentar-se melhor.</p> <p data-bbox="229 712 523 750">Dimensão espiritual</p> <p data-bbox="229 779 833 882">Pode ser mais simples ao fazer as orações; precisa viver a espiritualidade com mais naturalidade e de forma mais simples.</p> <p data-bbox="229 913 539 952">Dimensão intelectual</p> <p data-bbox="229 981 833 1151">Precisa dedicar mais tempo ao estudo pessoal; precisa equilibrar o tempo de uso da informática; precisa melhorar a escrita (quase não se entende o que escreve). Tem dificuldade em concentrar-se.</p> <p data-bbox="229 1182 657 1220">Dimensão educativo-pastoral</p> <p data-bbox="229 1249 833 1420">Transmite segurança no que faz de forma rígida; tem pouca capacidade de iniciativa; precisa ser mais educado no trato com as pessoas. Tem uma postura muito rígida. Precisa ser mais flexível com as pessoas.</p>	

Quadro 10. Comparativo de reclamações e avanços: ator 1.

Organização nossa para melhor exposição dos pontos avaliados nos escrutínios.

Dimensão humana

Em geral, tem uma boa convivência com os salesianos e pré-noviços; demonstra ter uma boa saúde, embora apresente ter deficiência na audição e na visão; é responsável; tem sido mais gentil no tratamento com os irmãos; tem-se empenhado no crescimento pessoal e interpessoal; precisa ser mais pontual nos horários comunitários; demonstra empenho para respeitar as opiniões e ideias diferentes das suas. Demonstra maior flexibilidade no tratamento com as pessoas. A perspectiva é de crescimento tanto humano quanto espiritual.

Dimensão espiritual

Leva a sério a oração comunitária; cultiva o acompanhamento espiritual; é empenhado no seu discernimento vocacional; tem vivido a espiritualidade com mais naturalidade e de forma simples. Precisa cultivar com maior frequência a oração pessoal. *Uma preocupação: a perspectiva da espiritualidade salesiana não é tão visível nas suas atitudes, e menos ainda no seu estilo de ser.*

Dimensão intelectual

Tem uma boa participação nas aulas. Apresenta algumas dificuldades de entendimento e compreensão nas aulas de Bíblia. Tem-se dedicado às leituras de bibliografias salesianas; demonstra muito interesse para a animação missionária da Congregação e também nos assuntos sobre a Liturgia; *precisa dedicar mais tempo ao estudo pessoal* e desenvolver o hábito para a leitura; *precisa equilibrar o tempo de uso da informática; precisa melhorar a escrita* (quase não se entende o que escreve). Tem dificuldade em concentrar-se (ponto a observar).

Dimensão educativo-pastoral

É responsável nas tarefas que executa, mas precisa ter um planejamento das atividades e do material necessário para tal fim; tem boa motivação para os trabalhos pastorais; tem boa proximidade com os leigos e oratorianos; tem desenvolvido a sua capacidade de iniciativa. Tem pulso firme no que lhe é confiado.

Observação do formando: _____

Quadro 11. Ator 1: outubro de 2013. Avaliação trimestral: observação dos formadores.

Fonte: Comunidade formadora do pré-noviciado, 2020 (grifos nossos).

Aspectos avaliados negativamente: 2º escrutínio, outubro de 2013	Avanços
<p>Dimensão humana</p> <p>Apresenta deficiência na audição e na visão; precisa ser mais pontual nos horários comunitários.</p>	<p>Dimensão humana</p> <p>É responsável; tem sido mais gentil no tratamento com os irmãos; tem se empenhado no crescimento pessoal e interpessoal.</p> <p>Demonstra empenho para respeitar as opiniões e ideias diferentes das suas. Demonstra maior flexibilidade no tratamento com as pessoas. A perspectiva é de crescimento tanto humano quanto espiritual.</p>
<p>Dimensão espiritual</p> <p>Precisa cultivar com maior frequência a oração pessoal. Uma preocupação: a perspectiva da espiritualidade salesiana não é tão visível nas suas atitudes, e menos ainda no seu estilo de ser.</p>	<p>Dimensão espiritual</p> <p>Leva a sério a oração comunitária; cultiva o acompanhamento espiritual; é empenhado no seu discernimento vocacional; tem vivido a espiritualidade com mais naturalidade, e de forma simples.</p>
<p>Dimensão intelectual</p> <p>Apresenta algumas dificuldades de entendimento e compreensão nas aulas de Bíblia. Precisa dedicar mais tempo ao estudo pessoal e desenvolver o hábito para a leitura; precisa equilibrar o tempo de uso da informática; precisa melhorar a escrita (quase não se entende o que escreve). Tem dificuldade em concentrar-se (ponto a observar).</p>	<p>Dimensão intelectual</p> <p>Tem se dedicado às leituras de bibliografias salesianas; demonstra muito interesse para a animação missionária da Congregação e também nos assuntos sobre a Liturgia.</p>
<p>Dimensão educativo-pastoral</p> <p>Precisa ter um planejamento das atividades e do material necessário para tal fim.</p>	<p>Dimensão educativo-pastoral</p> <p>Tem boa proximidade com os leigos e oratorianos; tem desenvolvido capacidade de iniciativa. Tem pulso firme no que lhe é confiado. Boa motivação para os trabalhos pastorais.</p>

Quadro 12. Comparativo de reclamações e avanços: ator 1. Ano de experiência: 2013.

Organização nossa para melhor exposição dos pontos avaliados nos escrutínios.

A seguir, evidenciamos os avanços empreendidos pelo ator 1, entre os meses de maio e outubro de 2013, e explicitamos nossa interpretação acerca do diagnóstico recebido.

Constatamos, no referido período vivenciado pelo ator 1, relevantes modificações nas queixas apontadas pela comunidade formadora e observadas pelo seminarista. No quesito dimensão humana, este reage positivamente às observações recebidas. Denominamos como avanço o apontamento “perspectiva de crescimento humano e espiritual”, feito pelos formadores. Em espiritualidade, o relatado é de que “tem vivido a espiritualidade com mais naturalidade, e de forma simples”. Nas dimensões intelectual e educativo-pastoral, é observada maior dedicação à bibliografia salesiana e desenvolvimento na capacidade de empreender iniciativa.

Ainda que o crescimento tenha sido constatado e registrado na documentação institucional, temos, a seguir, no relatório de experiência, diferenciado desdobramento.

Ator 1: Ata do Conselho, dezembro de 2013

Decisão da comunidade formadora sobre mudança de fase do **ator 1**

Assunto: admissão ao **NOVICIADO**.

Foram feitas as seguintes **observações**:

Não está apto para ser admitido ao noviciado: o processo de discernimento para a vida salesiana não é claro; a motivação para a vida salesiana é muito fraca. Houve pouco crescimento pessoal, interpessoal e comunitário. É misterioso, não se permitiu trabalhar com o acompanhamento psicológico as áreas obscuras e complexas de sua vida, principalmente a familiar.

Parecer: desfavorável.

Votos positivos: **01**

Votos negativos: **03**

Orientação: Repetir a fase de formação.¹⁸

Quadro 13. Relatório de experiência formativa. Ator 1 (conclusão da etapa formativa).

Fonte: Comunidade formadora do pré-noviciado, 2020.

Os escrutínios a seguir tratam do segundo ano de experiência vivido pelo ator 1, na mesma fase e comunidade formadora: o pré-noviciado.

¹⁸ Acréscimo nosso.

Dimensão humana

Boas condições de saúde física e mental. Tem desenvolvido um bom relacionamento com a comunidade; tem boa pontualidade nos momentos comunitários; demonstra equilíbrio na vivência da afetividade e sexualidade; tem-se empenhado nas práticas esportivas; tem procurado ouvir mais e não criticar os outros; desempenha bem as funções que lhe são confiadas; tem uma vida austera e simples; tem um senso crítico aguçado; tem amadurecido pessoalmente e na convivência com os irmãos; é dedicado, criativo e organizado.

Dimensão espiritual

Demonstra ter um contato com Deus através da oração pessoal e comunitária; é empenhado e interessado no acompanhamento espiritual; busca, quando necessário, o sacramento da reconciliação; tem zelo pela liturgia e prepara bem as orações comunitárias, porém *precisa ter maior participação nestas orações*.

Dimensão intelectual

É uma pessoa interessada nas aulas; está sempre atualizado com os acontecimentos mundiais; prepara bem os trabalhos que lhe são solicitados; demonstra grande interesse pelos ensinamentos da Igreja e por bibliografias salesianas; aproveita os momentos de estudo pessoal; lê bem, porém *precisa ter mais atenção ao que está lendo; precisa se empenhar mais na escrita e na ortografia*.

Dimensão educativo-pastoral

Tem se empenhado para ter um bom contato com os jovens no pátio; conhece e vive bem a espiritualidade salesiana; tem espírito de iniciativa; desempenha uma boa assistência-presença.

Observações do formando: _____

Quadro 14. Ator 1: julho de 2014. Segundo ano do pré-noviciado. Avaliação trimestral: observação dos formadores.

Fonte: Comunidade formadora do pré-noviciado, 2020 (grifos nossos).

Dimensão humana

Boas condições de saúde física e mental. Tem um bom relacionamento com a comunidade, mas precisa melhorar o tratamento com alguns irmãos. Demonstra equilíbrio na vivência da afetividade e sexualidade; tem adquirido muito interesse pelas práticas esportivas; desempenha bem as funções que lhe são confiadas; tem uma vida austera e simples; é dedicado, criativo e organizado; *demonstra ter dificuldade na execução dos trabalhos externos (jardim, horta).*

Dimensão espiritual

Cultiva momentos de oração pessoal. É empenhado e interessado no acompanhamento espiritual; tem-se esforçado para participar melhor das orações comunitárias. *Demonstra ter uma vivência da espiritualidade salesiana, mas precisa se aprofundar mais.*

Dimensão intelectual

É uma pessoa inteligente; está sempre atualizado com os acontecimentos mundiais no que tange aos meios políticos, econômicos e eclesiais. Busca sempre fazer leitura dos jornais e acompanhar os telejornais (Bom Dia Brasil, Jornal Nacional). Prepara bem e com muito zelo os trabalhos que lhe são solicitados; é interessado pelos ensinamentos da Igreja e por bibliografias salesianas; tem-se empenhado na ortografia, *mas precisa melhorar a escrita.* Tem uma boa capacidade de síntese.

Dimensão educativo-pastoral

Tem se empenhado para ter um bom contato com os jovens no pátio; conhece e se esforça para viver bem a espiritualidade salesiana junto aos educandos; tem bom espírito de iniciativa, é muito esperto em dar o primeiro passo, *mas precisa ficar atento para não ser grosseiro com as pessoas com a sua atitude.*

Desempenha uma boa assistência-presença; tem um dinamismo juvenil muito bom.

Observações do formando: _____

Quadro 15. Ator 1: outubro de 2014. Segundo ano da primeira fase. Avaliação trimestral: observação dos formadores.

Fonte: Comunidade formadora do pré-noviciado, 2020 (grifos nossos).

Aspectos avaliados negativamente: 1º escrutínio, julho de 2014	Avanços
<p>Dimensão humana</p>	<p>Dimensão humana Tem desenvolvido bom relacionamento com a comunidade; tem boa pontualidade nos momentos comunitários; demonstra equilíbrio na vivência da afetividade e sexualidade; tem se empenhado nas práticas esportivas; tem procurado ouvir mais e não criticar os outros; tem amadurecido pessoalmente e na convivência com os irmãos.</p>
<p>Dimensão espiritual Precisa ter maior participação nestas orações (<i>as que ele prepara</i>).</p>	<p>Dimensão espiritual Tem se esforçado para participar melhor das orações comunitárias. Demonstra ter uma vivência da espiritualidade salesiana, mas precisa se aprofundar mais.</p>
<p>Dimensão intelectual Precisa ter mais atenção ao que está lendo; precisa se empenhar mais na escrita e na ortografia.</p>	<p>Dimensão intelectual Tem se empenhado na ortografia, mas precisa melhorar a escrita. Tem boa capacidade de síntese.</p>
<p>Dimensão educativo-pastoral</p>	<p>Dimensão educativo-pastoral Tem se empenhado para ter um bom contato com os jovens no pátio; conhece e vive bem a espiritualidade salesiana.</p>

Quadro 16. Comparativo de reclamações e avanços: ator 1. Ano de experiência: 2014.

Organização nossa para melhor exposição dos pontos avaliados nos escrutínios.

Aspectos avaliados negativamente: 2º escrutínio, outubro de 2014	Avanços
<p>Dimensão humana Precisa melhorar o tratamento com alguns irmãos. Demonstra ter dificuldade na execução dos trabalhos externos (jardim, horta).</p>	<p>Dimensão humana Demonstra equilíbrio na vivência da afetividade e sexualidade; tem adquirido muito interesse pelas práticas esportivas.</p>
<p>Dimensão espiritual Precisa se aprofundar mais.</p>	<p>Dimensão espiritual Cultiva momentos de oração pessoal; tem se esforçado para participar melhor das orações comunitárias. Demonstra ter uma vivência da espiritualidade salesiana.</p>
<p>Dimensão intelectual</p>	<p>Dimensão intelectual Tem-se empenhado na ortografia, mas precisa melhorar a escrita. Tem uma boa capacidade de síntese.</p>
<p>Dimensão educativo-pastoral Precisa ficar atento para não ser grosseiro com as pessoas com a sua atitude.</p>	<p>Dimensão educativo-pastoral Tem se empenhado para ter um bom contato com os jovens no pátio; conhece e se esforça para viver bem a espiritualidade salesiana junto aos educandos; desempenha uma boa assistência-presença; tem um dinamismo juvenil muito bom.</p>

Quadro 17. Quadro comparativo de reclamações e avanços: ator 1. Ano de experiência: 2014.

A seguir, demonstramos o progresso do ator 1 em seu segundo ano de experiência de pré-noviciado, entre os meses de julho e outubro de 2014. Nesse período, o ator 1 demonstrou, segundo a comunidade formadora, acentuado crescimento em todas as dimensões avaliadas. Na dimensão humana, por exemplo, tornou-se mais pontual nos momentos comunitários, ou seja, nos horários preestabelecidos para todos, evidenciou acentuado crescimento na capacidade de escuta e relacionamento interpessoal.

A vivência equilibrada da afetividade e sexualidade também apareceu como item inaugural. Quanto à incapacidade de receber críticas, demonstrou melhoria bem como interesse pelas práticas esportivas. Na dimensão espiritual, ao vivenciar e explicitar satisfatoriamente a espiritualidade salesiana, conseguiu estancar uma preocupação da comunidade.

Intelectualmente, o relato foi de aproveitamento dos momentos de estudos e de boa leitura, sendo capaz de fazer síntese, ainda que persistisse a necessidade

de melhoraria na caligrafia. Quanto à dimensão educativo-pastoral, o reconhecimento de esforços foi para o contato com os jovens, especialmente no momento do pátio e o trato com educadores, demonstrando que o espírito salesiano é reconhecido especialmente na informalidade do pátio, segundo a compreensão institucional.

O fim do segundo ano de experiência do ator 1, transcorrido em 2014, revelou curiosa novidade para os religiosos que o acompanharam. Dessa vez, foi o próprio seminarista quem deu o parecer sobre si mesmo e sua experiência formativa.

Relatório final de experiência	Formando	Período de formação	Motivação da saída	Observação dos formadores	Período da avaliação
Encerramento do processo formativo	Ator 1	Dois anos: 2013 e 2014	O próprio ator solicita saída do processo formativo, alegando motivação pessoal, para a resolução de questões particulares. Solicita acompanhamento externo e não mais como seminarista.	No decorrer do processo formativo, foi solicitada avaliação psicológica, tendo diagnóstico favorável ao esperado de uma condição psíquica saudável.	Fim de 2014

Quadro 18. Relatório de encerramento de experiência do ator 1. Fim de 2014.

Fonte: Comunidade formadora do pré-noviciado, 2020 (adaptado).

A partir daqui, veremos a experiência empreendida pelo segundo seminarista escrutinado entre os meses de maio e setembro de 2016, tendo sido avaliado pela comunidade formadora no fim do mesmo ano. A ele chamaremos de ator 2.

3.7 Avaliação trimestral: observação dos formadores

Dimensão humana

Boa saúde física e mental; tem uma boa convivência com todos, mas *é preciso ficar atento para não sobrepor à cultura do outro*; é zeloso, dedicado, criativo e esforçado com as tarefas que lhe são confiadas. Executa as tarefas com muito zelo. Tem disponibilidade, é trabalhador e responsável. Comunicativo, de fácil entrosamento, tem espírito de iniciativa. É alegre, animado, extrovertido no dia a dia. Tem facilidade para trabalhar em equipe, é líder, porém, *quando as suas ideias ou sugestões não são acolhidas pelos colegas, se frustra e fica chateado. Deve ter discernimento mais apurado das coisas que lhe são ditas pelos colegas.*

Dimensão espiritual

É piedoso. Cultiva a devoção mariana; participa bem dos momentos oracionais e celebrações eucarísticas; cultiva momentos de oração pessoal a fim de aprofundar o seu discernimento vocacional à luz da Palavra de Deus; tem um bom zelo pelo espaço litúrgico, demonstrando-se muito interessado pela liturgia.

Dimensão intelectual

Demonstra interesse por bibliografias salesianas. Procura estar sempre atualizado do que acontece em âmbito nacional e mundial. Tem uma boa escrita, boa leitura, é bem objetivo na sua fala. Demonstra ser muito prático e menos teórico. *Precisa aproveitar mais o tempo de estudo pessoal; demonstra dificuldade no aprendizado de instrumento musical.*

Dimensão educativo-pastoral

A perspectiva é de abertura, crescimento e amadurecimento na Pedagogia Salesiana. Demonstra-se feliz e animado nas atividades pastorais que temos. É muito grato pelo acompanhamento educativo e vocacional recebido.

Observações do formando: _____

Quadro 19. Ator 2: maio de 2016.

Fonte: Comunidade formadora do pré-noviciado, 2020 (grifos nossos).

3.8 Avaliação trimestral: observação dos formadores

Dimensão humana

Boa saúde física e mental; extrovertido; demonstra muitas habilidades para fazer as coisas, principalmente na culinária. É criativo, trabalhador e disponível. Demonstra-se aberto e transparente no processo formativo. Tem boa convivência com os colegas e com os salesianos. Está muito empenhado para um melhor conhecimento de si. *Em alguns momentos, é muito impulsivo nas suas ações.* Ponto a melhorar: *precisa se empenhar para adquirir uma constância maior nos seus propósitos de vida, a fim de amadurecer ainda mais como pessoa e como cristão.*

Dimensão espiritual

Demonstra um crescimento significativo na oração pessoal e comunitária. Demonstra muito entusiasmo na oração da Liturgia das Horas. Participa muito bem de todos os momentos comunitários. É assíduo no acompanhamento espiritual, sempre buscando crescer e amadurecer vocacionalmente. Demonstra-se empenhado e muito motivado pela vida consagrada salesiana.

Dimensão intelectual

Está mais empenhado no estudo pessoal. Tem boa organização. Está sempre atento às aulas. Demonstra muito empenho nas leituras na área da formação humana e da área da salesianidade. Prepara muito bem os trabalhos para serem apresentados. É criativo e dinâmico para transmitir o conteúdo.

Dimensão educativo-pastoral

Prepara muito bem os momentos de *boa-tarde*. É sempre muito dinâmico. Tem feito boa assistência-presença junto aos educandos. Tem muita facilidade para se aproximar de todos, especialmente dos jovens. Demonstra-se dedicado nas atividades pastorais que lhe são confiadas.

Observações do formando: _____

Quadro 20. Ator 2: setembro de 2016.

Fonte: Comunidade formadora do pré-noviciado, 2020 (grifos nossos).

Aspectos avaliados negativamente: 1º escrutínio, maio de 2016

Avanços

Dimensão humana

É preciso ficar atento para não sobrepor à cultura do outro. Quando as suas ideias ou sugestões não são acolhidas pelos colegas, se frustra e fica chateado. Deve ter discernimento mais apurado das coisas que lhe são ditas pelos colegas.

Dimensão espiritual

Dimensão intelectual

Precisa aproveitar mais o tempo de estudo pessoal;

Dimensão educativo-pastoral

Quadro 21. Comparativo de reclamações e avanços: ator 2. Ano de experiência: 2016.

Aspectos avaliados negativamente: 2º escrutínio, setembro de 2016	Avanços
<p data-bbox="405 286 671 320">Dimensão humana</p> <p data-bbox="237 331 834 528">Em alguns momentos, é muito impulsivo nas suas ações. Ponto a melhorar: precisa se empenhar para adquirir uma constância maior em seus propósitos de vida a fim de amadurecer ainda mais como pessoa e como cristão.</p>	<p data-bbox="1011 286 1278 320">Dimensão humana</p> <p data-bbox="863 331 1434 499">Demonstra-se aberto e transparente no processo formativo. Tem boa convivência com os colegas e com os salesianos. Está muito empenhado para um melhor conhecimento de si.</p>
<p data-bbox="397 551 679 584">Dimensão espiritual</p>	<p data-bbox="1003 551 1289 584">Dimensão espiritual</p> <p data-bbox="863 595 1434 898">Demonstra crescimento significativo na oração pessoal e comunitária. Demonstra-se muito entusiasmado na oração da Liturgia das Horas. Participa muito bem de todos os momentos comunitários. É assíduo no acompanhamento espiritual, sempre buscando crescer e amadurecer. Demonstra-se empenhado e motivado pela vida consagrada salesiana.</p>
<p data-bbox="389 927 687 960">Dimensão intelectual</p>	<p data-bbox="995 927 1297 960">Dimensão intelectual</p> <p data-bbox="863 972 1434 1133">Está mais empenhado no estudo pessoal. Tem boa organização. Está sempre atento às aulas. Demonstra muito empenho nas leituras na área da formação humana e da área da salesianidade.</p>
<p data-bbox="331 1160 745 1193">Dimensão educativo-pastoral</p>	<p data-bbox="938 1160 1351 1193">Dimensão educativo-pastoral</p> <p data-bbox="863 1205 1434 1366">Tem feito uma boa assistência-presença junto aos educandos. Tem muita facilidade para se aproximar de todos, especialmente dos jovens. Demonstra-se dedicado nas atividades pastorais que lhe são confiadas.</p>

Quadro 22. Comparativo de reclamações e avanços: ator 2. Ano de experiência: 2016.

O segundo escrutínio por nós analisado, cuja biografia atribuímos ao ator 2, parece-nos ter percorrido por um prosaico ano de experiência seminarística. A julgar pela ferramenta de análise comportamental, o escrutínio, em nosso quadro comparativo, vemos gradual crescimento nos quesitos a que foi submetido. Salientamos a dimensão humana, cujo apontamento narra impulsividade no trato com as pessoas, tendo recebido, como diagnóstico da equipe formadora, “maior constância no propósito de vida”. Ao que parece, o ator 2, de forma empreendedora, empenhou-se significativamente para “um melhor conhecimento de si”.

Essa experiência, em particular, revelou surpresas na análise conclusiva, acompanhada por justificativas e decisão pela dispensa do ator 2, por parte da

comunidade formadora. Não se pode deixar de notar tópicos que irrompem a síntese de finalização da etapa, trazendo aspectos não antes mencionados, consequentemente não tematizado na relação formador e formando.

Em meio aos vários tópicos que justificariam a interrupção da experiência formativa, caso tivessem sido abordados, encontramos uma ação empreendida pelo ator 2 classificada como “falta grave de ética na comunidade”.

Conferimos, a seguir, o documento de encerramento do processo seletivo. Os dados foram modificados para resguardo de identidade.

Documento/ síntese	Formando	Período	Motivações da saída	Observação da instituição
Encerramento do processo formativo	Ator 2	Fim de 2016	Dispensado pela comunidade formadora	<p>Parecer contrário à continuidade do seminarista.</p> <p>Falta de crescimento e transparência no segundo semestre, fechamento aos colóquios (conversas com o diretor); fechamento em pequenos grupos; ainda que se mostre animado com o trabalho pastoral.</p> <p>Confuso psiquicamente; demonstração de fragilidade quando interpelado. Motivação vocacional frágil; dificuldade com observações feitas pela formação; acentuado sentimento de culpa por tudo; age sempre sem pensar; excessiva ansiedade diante de conflitos interpessoais; instabilidade na demonstração da vida afetivo-sexual.</p> <p>Falta grave de ética na comunidade.</p>

Quadro 23. Relatório de encerramento de experiência do ator 2. Fim de 2016.

Fonte: Comunidade formadora do pré-noviciado, 2020 (adaptado).

Ao analisarmos o sujeito que se encontra na instituição seminário, aqui identificado como total, podemos entender esse lugar, com base em Lahire (2002, p. 23), como sendo “um mundo que se apresenta como total e único no âmbito de uma sociedade diferenciada”. Imersos nessa diferença, podemos identificar o seminarista como sendo, ele mesmo, uma microssociedade.

O jovem que se torna seminarista acaba por abrir uma nova carreira, experimentando uma “ruptura biográfica” (LAHIRE, 2002), demandando mudança de comportamento e atitudes que condigam com o lugar seminário e com as expectativas de seus avaliadores. O novo contexto sendo pensado e organizado para tal fim tenderá a agir sobre os indivíduos, facilitando ou não suas experiências. Segundo Lahire (2002, p. 57), quando “mudamos de contexto, mudam as forças que agem sobre nós”.

Decidir-se por trilhar inabitual caminho pode suscitar nos sujeitos mistos sentimentos de “(in)definição e incertezas”, experiência de “prova”, situações de “provação” diante da nova vida que certamente trará desafios. Essa ocasião significativa na vida pode funcionar como “momento crítico” “em que os atores (re)experimentam e (re)definem a si próprios, os outros e o mundo” (CORRÊA, 2016, p. 17). Sendo, portanto, um inegável tempo de transformação, um espaço favorável à mudança, ao confronto.

As biografias contidas no espaço do seminário são alteradas, certamente, visto que se confrontam mutuamente nas relações estabelecidas entre os pares, incluindo os formadores que exercem sobre os formandos inegável poder. Essas histórias de vida irrompem como “movimentos de liberdade” que não sucumbem facilmente diante de interposições cirúrgicas às suas primeiras socializações. “Sempre que se impõem mundos, se criam submundos” (GOFFMAN, 1974, p. 246).

Nossa análise do instrumento de avaliação dos religiosos salesianos, o escrutínio, ainda que concordemos que nenhum instrumental seja capaz de abarcar toda a experiência vivida pelos indivíduos avaliados, leva-nos a considerá-lo demasiadamente frágil diante de propósitos amplos e metodologia igualmente fugaz, com abordagens pouco objetivas, beirando a superficialidade.

Ajuizar dimensões inicialmente díspares, como corporal, intelectual, arriscando-se a interpretar as moções do espírito demonstradas em atitudes pastorais, poderá ser tarefa audaciosa demais para o preestabelecido tempo de formação e transformações expectadas.

O indivíduo extraído do “mundo” para o seminário é um portador da pluralidade inerente a todos os atores. O tempo para maturação inegavelmente poderá exceder ao que cronologicamente tenha sido programado pela formação. Reconhecer as diferenças reunidas nesse espaço bem como questionar o próprio acolhimento poderá incidir positivamente sobre as biografias individuais e

institucionais. Reconhecimento mais que oportuno para nossa análise e audacioso por parte da instituição salesiana ao dizer que:

A distância abissal que se percebe entre a formação e a missão salesiana é, sem dúvida, para nós um grande desafio. Talvez essa distância se deva à grande diferença existente entre a realidade das casas de formação inicial e a vida nas comunidades apostólicas (as comunidades ordinárias de todas as Inspetorias); talvez o fenômeno dependa também do fato de a formação nem sempre conseguir chegar ao coração do jovem Salesiano em formação; talvez no currículo formativo sejam transmitidos conhecimentos e informações que não conseguem tocar a vida e a missão salesiana (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2020a, p. 23).

Essa consideração foi feita pelo órgão máximo da Congregação dos religiosos salesianos, num evento, denominado Capítulo-Geral, que reúne representação do mundo salesiano. Nesse encontro, a preocupação latente foi sobretudo a necessidade de melhor diálogo com as novas gerações: “Quais salesianos para os jovens de hoje?”. Ainda sobre a formação, admitem falta de pessoal preparado no “âmbito da salesianidade”, lamentando o não aprofundamento no carisma da instituição (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2020a, p. 23).

Nossa suposição sobre as biografias interrompidas, ora pelos atores, ora pela própria instituição, é que o diálogo entre seminário e seminarista não ocorra de modo frutífero ou transparente. Também que o insistente resguardo de absolutizações *versus* relatividades acaba por expulsar sujeitos com processos inconclusos e histórias por contar, narrando memórias que não revelam atores reais, cujo descobrimento de si tenha sido apenas inaugurado nessa atual configuração.

Ainda que ambos, instituição e sujeitos, beneficiem-se, de alguma forma, desse encontro, poderá manter em seus históricos certas lacunas ou melancólicas recordações do que “não” se efetivou.

No próximo capítulo, vamos nos deter no acompanhamento biográfico do sujeito que permaneceu no seminário; portanto o escrutinado que foi aceito pela instituição e que, de alguma maneira ou por determinada motivação, decidiu por ficar.

4 O SEMINARISTA

“Viver e trabalhar juntos é para nós, salesianos, uma exigência fundamental e um caminho seguro para realizar a nossa vocação” (C. 49) (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2003).

4.1 O seminarista e o seminário

O seminarista pode surgir no cenário laico/clerical como figura mítica, desenraizado e desvinculado de um histórico familiar, abdicado de contextos juvenis, emasculado. Transeunte, migrante de uma instituição a outra, impulsionado por vozes entusiastas em aumentar o número de “trabalhadores” diante da necessidade da “colheita” (Mt 9,36).

Assumir um título é incorporar uma nova identidade, acolhendo, conscientemente ou não, os apelos demandados pela decisão. Para o entrante, o ingresso nas instituições será marcador de “despedida” e de “começo”, ponto intermediário de “nudez” (GOFFMAN, 1974). Despir-se dos hábitos mundanos, muitos deles rituais de passagem e de reconhecimento nos grupos de interesse, vai se tornar condição para o seminarista anelar-se ao universo sagrado.

O seminário é tido como “comunidade de discípulos”, o lugar da ajuda mútua de sujeitos que já fizeram ou iniciaram a “maturação humana” necessária para o serviço dos “mensageiros de Deus” (BENTO XVI, 2010). Uma vez que essa tarefa não é solitária, ela parece condição de possibilidade para o sujeito que requisita e elenca propósitos e a instituição que, ao acolhê-lo, analisa-o e o reconhece.

A instituição seminário assume, em nossa abordagem, a importância concedida a um lugar cujo *ethos* difere originalmente dos espaços e propósitos análogos. Entendemos, portanto, que a requisição dos sujeitos ao espaço seminarístico denota diferencial experiência por ele iniciada. Ao entrar para o seminário enamorado do objeto de sua atração, o sujeito efetiva sua resposta ao chamado à vida sacerdotal religiosa.

4.1.1 O seminarista, esse vocacionado

A conversão do sujeito seminarista será performada no interior do seminário ainda que a inquietação pela busca do objeto almejado tenha raízes fora do espaço sagrado. Ambientes múltiplos, com referenciais e interesses também diversos, cujo apelo somente será tematizado em discursos futuros. As narrativas pregressas desses indivíduos giram em torno de percepções de terceiros acerca de seu “zelo com as coisas de Deus”, o “jeitinho tranquilo de falar” e sua “cara de padre”. Ao falar desse fenômeno, o seminarista narra “histórias de vida individuais moldadas pela experiência pessoal e contexto sociocultural” (GOOREN, 2010, p. 15).

Gooren, em seu livro *Religious conversion and disaffiliation*, aponta que os indivíduos que fazem essa experiência “reconstroem suas vidas” e ressignificam, inclusive, “eventos antigos” (GOOREN, 2010, p. 15). O autor considera ainda que, para melhor compreensão desse feito na vida das pessoas, é necessário “ficar debaixo da pele dos informantes”. Pretender habitar o outro, no sentido sociointerativo, seguindo-o de perto, prestando ouvidos a seus relatos numa espécie de coparticipação na escrita biográfica, parece ser o almejado pela instituição seminarística e o esperado pelo indivíduo acolhido.

Converter-se ao objeto buscado pode justificar a entrada, trajetória e permanência dos sujeitos que demonstram inicialmente a busca por saciedade do (no) Sagrado. “O elemento mais importante no caminho para o sacerdócio e ao longo de toda a vida sacerdotal é a relação pessoal com Deus em Jesus Cristo” (BENTO XVI, 2010). Presumimos que a opção de vida do seminarista seja justificada pela escolha desse Objeto que o move, encoraja-o e o faz persistir.

Ao observar o seminarista, quase sempre, é identificada certa mudança de comportamento traduzida em “compromisso e consumação do processo de conversão” (GOOREN, 2010). Atitudes revertidas para a instituição seminário que, nesse tempo favorável, mostra-se para o sujeito como o lugar de manifestação e “aprendizado de um com o outro e um do outro” (BENTO XVI, 2010).

4.1.2 O seminarista e os ecos dos pares

A experiência do sujeito seminarista é feita, portanto, em ambiente próprio e com propostas igualmente estruturadas para a formação de aspirantes à vida religiosa, presbiteral. Viver em comunidade, cujo escopo é a inserção desses indivíduos em cenários compartilhados e contato com situações reais, também faz parte dessa estruturação. A aquisição de subsídios para os enfrentamentos com os interlocutores é favorecida pelas dimensões apregoadas pela *Ratio* salesiana (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2000). A explicitação das características humana, espiritual, intelectual e educativo-pastoral parece ser um movimento de internalização e externalização de potencialidades e descoberta de si mesmo e do outro.

Ser capaz de conviver é um requisito prévio para o sujeito que busca o estilo de vida religiosa salesiana, uma vez que “as relações interpessoais estão na base da missão educativa e pastoral do salesiano” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2000, p. 64). A interação com o outro, interpretado aqui como “microuniverso”, bem como a busca por entender seus comportamentos como produções mediadas pelo coletivo evidenciam esse sujeito que se faz “a partir das múltiplas experiências sociais” (LAHIRE, 2002, p. 193).

A convivência demasiado estreitada de sujeitos que se autodeclaram vocacionados a um inicial exigente e austero estilo de vida ganha contornos de similaridade quando essas pessoas dividem não somente o espaço físico, mas também o desejo de efetivação dessa vocação, desse chamado a ser padre. As escutas compartilhadas, as confidências entre os pares fazem, de indivíduos portadores de discurso coletivos, emissários de sussurros comunitários.

Corrêa (2015), em *Anjos de fuzil*, acentua a biografia de Charles, um de seus etnografados. O entendimento do contexto da favela é assimilado pelo autor mediante a leitura desse biografado. “Charles é, nesse sentido, um espelho do multiverso da favela e exprime de modo singular um ponto de vista sobre a totalidade da própria favela” (CORRÊA, 2015, p. 336). Aqui tomamos Amaral no mesmo termo: ele é um espelho do universo do seminário e exprime, de modo singular, o ponto de vista sobre a totalidade do seminário.

4.1.2.1 A personagem fictícia

As escutas que fizemos, ao dialogarmos com seminaristas, e o emprego de trabalhos empíricos da Congregação Salesiana que versam sobre a formação nos ajudaram a entender um pouco mais sobre a relação entre os pares bem como a interação destes com os religiosos formadores. Nosso acompanhamento intenta interagir com as “ações corriqueiras, transitórias, tanto as praticadas com atenção quanto as praticadas mecanicamente” (COUTINHO, 2015, p. 267).

Os atores que nos permitiram acessar suas vidas, ouvir suas histórias e, de forma corajosa, compartilharam conosco sua biografia terão a identidade preservada. Naturalmente, recebem de nós respeito a esse “chão sagrado” que é o mais íntimo de cada ser humano. Remontamos aqui nossa aproximação a cada história de vida, aproximando-as à experiência vivida por Moisés no monte Horeb. Na cena bíblica, ilustrada no Primeiro Testamento, o profeta escuta do próprio Deus: “Não te aproximes daqui! Tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é chão sagrado” (Ex 3,5).

Sabedores do quão difícil é relatar a própria vida, deixando emergir situações vivenciadas e desafios atuais, colocamo-nos nessa postura de descalçar-nos ao aproximarmos-nos dos entrevistados. Estabelecer confiança, extrapolando o inicial contrato entre pesquisador e pesquisado, pareceu-nos condição de possibilidade para que as escutas ocorressem de maneira transparente e sem filtro. De nossa parte, “tirar as sandálias” traduziu-se na aproximação desprovida de preconceitos e argumentações preestabelecidas que viessem antecipar conclusões e, ou, moralizar comportamentos relatados.

A entrevista, recurso por nós adotado,

E o trabalho sobre arquivos, podem ser reveladores, quando se é sensível tanto às diferenças quanto às constantes, de múltiplas pequenas contradições, de heterogeneidades comportamentais despercebidas pelos atores que amiúde tentam, ao contrário, manter a ilusão da coerência e da unidade de si mesmos (LAHIRE, 2002, p. 296).

Nossa interação cumpre, portanto, ainda que sem pretensão, certo efeito terapêutico ao demandar do entrevistado narrativa da própria vida que, a partir dela, avalia sua condição de sujeito “internado” (GOFFMAN, 1974), escuta o que tematizou e, possivelmente, retém o que, no próprio texto, é para ele revelação. A confiança aqui estabelecida nos pareceu que *insights* experimentados pelo ator fossem compartilhados conosco de maneira inaugural. A autoria dessas narrativas será atribuída ao personificado ator, Amaral.

4.2 Amaral, o nosso biografado

Nossa interpretação dos atores como seres plurais tem ancoragem em Lahire (2002), especialmente quando este busca “captar a pluralidade interna dotando-se de dispositivos metodológicos”.

Aproximarmo-nos de Amaral, nosso personagem de nome fictício, escritor da aqui exposta “biografia sociológica” (LAHIRE, 2010 *apud* COUTINHO, 2015, p. 14), possibilitou-nos ouvir as vozes ecoadas nos espaços litúrgicos do seminário salesiano. Encontrá-lo e com ele entabular diálogos possibilitou-nos acessar as biografias redigidas pelos corredores militarmente construídos e acessíveis à observação; dormitórios cuja disposição remontam ao despojo, ora bíblicamente justificado (Mt 8,20),¹⁹ ao imitarem o Cristo em sua pobreza material, outras vezes representantes da “violação de território do eu” (GOFFMAN, 1974, p. 16). Amaral nos faz ouvir uma voz que não é isolada, tampouco incrustada numa única e solitária história de vida, mas, como sujeito plural, traz consigo os seminaristas salesianos.

O primeiro contato com Amaral se deu via *WhatsApp*, mediante uma solicitação para falarmos pelo telefone. Explicar a motivação de nossa conversa, justificar nosso interesse por sua trajetória não nos pareceu causar espanto ou desconfiança ao seminarista. Esclarecermos as dúvidas, especialmente sobre a confidencialidade das informações a que tínhamos acesso, foi importante acordo para iniciarmos uma relação de confiança. Combinamos de nos encontrar semanalmente, de modo que déssemos continuidade a um processo de desvelamento biográfico.

As conversas com Amaral tiveram um misto de retrospectiva, ao retomarmos as fases de formação por ele vivenciadas, e, visivelmente, de “ressignificação das memórias” (COUTINHO, 2015). Falar desse tempo como “compositor de destinos” (VELOSO, 1979) pareceu-nos funcionar, para o biografado, como um autoelogio, uma espécie de reconhecimento a si mesmo pela bravura empreendida ao longo de mais de uma década de formação. Tempo que exigiu resignação e “acordos” e, por ser fugidio, lucidez. Amaral demonstra, com seus relatos, ter entendido que “adaptar-se ao real é a única forma de sobreviver a ele” (COUTINHO, 2015, p. 267).

¹⁹ “Jesus lhe respondeu: as raposas têm tocas e os pássaros do céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça” (Mt 8,20).

4.2.1 O sujeito Amaral: o início de uma carreira

O início da trajetória vocacional de nosso biografado é marcado pelas descobertas de si mesmo, da percepção do chão que pisava e de sua interação com as pessoas antes mesmo de ser aceito no seminário. O jovem que se considera vocacionado percorre um itinerário pela busca e discernimento vocacional. A essa oferta, as congregações religiosas e dioceses chamam de “acompanhamento” e, ou, “estágio vocacional”. Esse primeiro contato pode ser de curto e médio prazos, antes de o sujeito aspirante fazer a opção de entrada na instituição ou ser por ela dispensado. Amaral narra sua participação em um estágio vocacional antes de buscar pela Congregação Salesiana.

Nos três últimos encontros, ia uma psicóloga aplicar testes; as perguntas eram do tipo: do que você mais gosta? Fale sobre a sua experiência familiar. Fale sobre a sua experiência afetiva: quantas pessoas você já namorou? Já beijou? É virgem? Quantas experiências sexuais já teve?

Mediante as respostas dadas, Amaral, em análise futura, acredita ter dado provas de que depôs contra si mesmo, maculando a figura almejada por aquela instituição religiosa. O questionário que testaria as condições já presentes no indivíduo em busca teria revelado aos formadores ali presentes, chancelados pela estudiosa da psiquê humana, que Amaral “não tinha vocação”.

A prática de revelar e ocultar situações e posicionamentos nas narrativas parece fazer parte de um costumeiro filtro ativo nas relações estabelecidas; relacionamentos que se norteiam “manejando impressões” (GOFFMAN, 1959, *apud* GASTALDO, 2008). E o resultado dessa interação, ou retorno dessas escutas, dará seguimento à maior abertura ou fechamento dos indivíduos, estabelecendo (des)confiança entre os pares.

A não aceitação de Amaral por parte da primeira instituição por ele buscada parece ter-lhe oferecido duas fortes experiências: a necessidade de retomar o ponto de partida e a revisão de suas posturas.

Na conversa que tive ao final do estágio, ele (o padre formador) praticamente fechou as portas. Repetiu: “Você não tem vocação”. Para piorar, na saída, encontrei um vocacionado que tinha sido aprovado para ir para o encontro que me disse: “Olha, eu já sabia que você não seria aprovado. Você falava demais, se expunha demais, e não pode. Tem que esconder certas coisas”.

A necessidade de revisar-se surgiu na vida de nosso biografado como oportunidade não programada ou desejada de análise em seu projeto de vida. Item surpresa na escrita de sua carreira moral/vocacional. As experiências por ele

produzidas ou atravessadas mediante as relações estabelecidas, sobretudo familiares, fizeram emergir sua “problemática existencial” (LAHIRE, 2010 *apud* COUTINHO, 2015). A “questão matricial” (COUTINHO, 2015) da história de vida de Amaral começou a experimentar estranhamentos ao deparar-se com realidades que extrapolavam sua “primeira socialização” (LAHIRE, 2002).

A rejeição ou incompreensão sofrida fora do confortável ambiente familiar ou dos inquestionáveis grupos de interesse pode funcionar como uma espécie de inspeção alfandegária, uma parada obrigatória, uma valorização forçada à voz externa que repreende um desejo: “Você não tem vocação”; uma frase imperativa que o faria retroceder no que, interior e exteriormente, seguia projetando.

Essa voz, no entanto, poderia funcionar como uma reorganização, certo empreendimento de si mesmo. Para tanto, exigiria itinerários e estratégias ainda não experimentadas. O desejo incontido de se tornar padre funcionou para Amaral como catalisador de afirmativas vocacionais; o mesmo que perceber, em narrativas despretensiosas, apoio à sua causa: um texto bíblico, uma pregação imaginariamente feita para ele; um conselho demandado... Havia nascido para ser padre, pronto! Retomou o caminho, iniciou uma nova fase.

Antes de falarmos sobre o início da experiência seminarística de Amaral com os religiosos salesianos, falaremos de sua relação familiar, contexto em que os perfis são mais claramente percebidos nas atitudes e sentimentos manifestos, especialmente nos dele. Supomos que comportamentos e manifestações narradas, no contexto da última fase no seminário, encontram raízes no berço familiar e no modo como a educação foi ali produzida e reproduzida.

4.2.1.1 *A família de Amaral: contexto e perfis*

Falar dos laços familiares, em contextos de distanciamento e especialmente quando a narrativa do ator assume postura avaliativa, possibilita a percepção de avanços e pausas. Coutinho, em sua tese *“Meu sonho era maior que eu”: biografia sociológica de uma trãnsfuga de classe*, citando Clarice Lispector, nos diz que os “Fatos são sonoros, mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona” (LISPECTOR, 1988 *apud* COUTINHO, 2015, p. 46).

A trajetória familiar de Amaral sugere-nos o espaço propício para a manutenção das fragilidades estabelecidas pelo contrato de confiabilidade e certo impulso para o rompimento do estado de encapsulamento. Ver-se portador dos perfis

do pai e da mãe é um reconhecimento sussurrado de nosso biografado. “Às vezes, percebo que tenho certa dificuldade para pensar além. Acho que isso é reflexo do meu pai. Se me dá uma certa estabilidade, eu tenho dificuldade para pensar além disso”, diz.

O recato somado à prudência quase excessiva, a ausência de manifesto verbal de carinho, o temor em arriscar-se perfilavam a figura do provedor da casa, do homem acostumado a falar pouco e ser levado em conta, do sujeito adulto que seguia imprimindo no filho relevante aspecto que iria protegê-lo e limitá-lo num outro contexto de família, a religiosa.

Ao falar da mãe, Amaral reconhece o contraponto: “Com minha mãe, eu vejo que essa questão da sensibilidade é, às vezes, até demais”. Quando perguntamos sobre como esse aspecto era visto no seminário, respondeu: “De certo modo, essa questão da sensibilidade na vida fraterna é favorável, até nos atendimentos. De certa forma, essa sensibilidade me ajudou a ser mais humano e a levar isso para a pastoral”.

A migração feita de um contexto a outro faz deixar singularidades e reunir tantas outras para a sobrevivência em uma nova realidade. A trajetória empreendida por Amaral, desde sua tentativa de ingresso na primeira instituição religiosa, a decisão pelo enfrentamento dos próprios medos e da recusa dos pais o fizeram, por motivos inicialmente desconhecidos, seguir em frente:

A saída de casa foi terrível. Eu não conseguia dormir. Mas, como nunca tinha saído de casa, pensei: estou livre. Ao mesmo tempo em que era doloroso deixar os pais, dava um toque de aventura, era gostoso. Mas isso passou depois, com o tempo. De repente, no ônibus, sozinho, pensei: o que estou fazendo de minha vida, que loucura é essa?

Sozinho no ônibus, avaliando como loucura e aventura a saída da casa dos pais para entrar para o seminário, Amaral iniciou novo percurso “em busca de sentido” (FRANKL, 2014), parecendo perseguir as próprias indagações para o enunciado “Você não tem vocação” (?).

4.3 Amaral, o seminarista salesiano e os contextos de pandemias

Nossos encontros com Amaral, como mencionado, ocorreram semanalmente, com dia da semana e horário estabelecidos entre nós. Entender a organização da instituição seminário e como os atores dispõem desse tempo ajudou-nos a flexibilizar duplamente nossa agenda. O período em que nos encontramos foram dos meses de maio a outubro de 2020, somando 21 encontros, pela modalidade webconferência. O recurso encontrado para a realização da pesquisa foi avaliado por nós como oportuno e conveniente, uma vez que não notamos prejuízo no objetivo dos encontros, tampouco na abertura dos envolvidos, mesmo a distância.

O cenário externo mundial que nos envolveu foi de exigência de distanciamento social, por conta do adoecimento coletivo devido à covid-19, constatado desde fim de dezembro de 2019, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).²⁰ Nosso contato de pesquisador e pesquisado foi estabelecido e estreitado nesse cenário que, apesar de sua exigência e desafio, possibilitou-nos inesperada oportunidade de visitação interior. Diminuídas as interações externas e encontros presenciais, fomos levados a estabelecer ou estreitar laços com os sujeitos que dividiam conosco os espaços, mas nem sempre os assuntos diários e as preocupações que pairavam sob o teto e rondavam nossas cabeças. O seminário não ficou ausente das consequências e exigências que a pandemia estabeleceu. Buscando a proteção da comunidade religiosa e de seus familiares, o grupo decidiu permanecer junto e não viajar até suas famílias. Não quiseram ser os portadores do vírus que, embora invisível, fazia adoecer e desfalecer os corpos.

Mesmo no seminário, o tempo pandêmico fez emergir adoecimentos já diagnosticados, mas negligenciados em seu tratamento. As incumbências diárias, os horários marcados, a liturgia programada, mesmo centrada na vida comum, pareceu ceder aos apelos do vírus e revelar enfraquecimento.

Nesta pandemia, a gente tem percebido algo para além da preocupação, da interação, um movimento maior. Outros meios para ficar mais próximo; coisas sem serem marcadas acontecem com certa naturalidade. Foi um movimento pequeno, mas foi um passo grande. É desafiador! A gente vive, mas não se dá conta de estar com todo mundo.

²⁰ A confirmação inicial dos casos de infecção pelo novo coronavírus se deu na cidade Wuhan, Província de Hubei, República Popular da China. O vírus causador das infecções e mortes é identificado inicialmente como “2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2. Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença covid-19”. Até 17 de dezembro de 2020, os números de pessoas mortas no mundo, vítimas do vírus, somavam 1.643.339. No Brasil, até 28 de dezembro desse mesmo ano, as vítimas eram 191.570 pessoas. Dados disponíveis em: <https://www.paho.org/pt/covid19> e <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 28 dez. 2020.

A reorganização do espaço e do tempo fez não somente o seminário reposicionar-se em suas práticas e comportamentos, mas levou nosso biografado a escutar as vozes que, por algum motivo, tinham sido silenciadas por ele mesmo ou “descuidadamente” abafadas pela rotina. Amaral “costurava sua narrativa” e “organizava a subjetividade” (COUTINHO, 2015) de uma maneira sinuosa, fazendo de sua biografia um texto instigante e curiosamente leve; criando expectativa para um novo encontro. A construção textual que presentifica as fases da formação vividas em anos passados pareciam atualizar não somente os dados, mas as emoções que acompanharam cada experiência e as lágrimas contidas e incontidas de um seminarista em retrospectiva.

4.4 Amaral: da teologia ao aspirantado, as memórias de cada fase

A presumida conversão ao Sagrado que levou Amaral a experimentar o modo de vida no seminário, decidindo-se em meio à sua interpretação de “loucura” e “aventura”, parece ter sido não somente por enxergá-lo como “o caminho, mas o melhor dos caminhos possíveis” (CORRÊA, 2015, p. 258).

De alguma maneira, a negativa recebida no início de sua carreira (“Você não tem vocação”) parece-nos ter funcionado como “ponto de inflexão” (CORRÊA, 2015, p. 258), uma provocação ao ator, exigindo dele mudança de estratégia e comportamentos diferenciados daqueles que o conduziram em sua tentativa de acessar o seminário anterior ao salesiano.

A personalidade antes desmedida, com interação franca e narrativas de igual interpretação, parece ter assumido uma nova persona. O silenciamento e a desconfiança somaram-se às novas características do mais novo seminarista salesiano.

No primeiro dia do aspirantado, tinha um banquete esperando a gente. O padre [...] nos recebeu. Levei minhas coisas para o quarto e desci para o almoço. Depois do almoço, voltei para o quarto para arrumar as coisas e caí a ficha. Pensei na loucura que estava fazendo. Chorei muito e dormi. Acordei, liguei uma música e “fiquei de boa”.

O choro, a música para “ficar de boa” parecem ter assumido o lugar da catarse que a escuta e o acompanhamento propostos pelo seminário não ocupariam tão facilmente na vida de Amaral.

Não tinha coragem de partilhar o que estava sentindo. Estava ansioso, com medo de não dar conta. Acabava que não tinha ninguém para conversar

sobre o que estava acontecendo. [...] Nesse primeiro momento do aspirantado, sofri muito, perdi peso, ansioso. Tinha, de 15 em 15 dias, um psicólogo que ia nos ouvir, mas não conseguia encontrar confiança. Pensava: se eu falar que estou sentindo tudo isso, vão me mandar embora. Se não for do jeito que achava que tinha que ser, pensava, não vai dar certo.

O período de aspirantado trouxe para Amaral uma experiência mesclada de desmistificação do espaço religioso, da figura do padre e do término da angelical compreensão de que, em casa de padres, não existem problemas. Possibilitou ainda a inserção no trabalho direto com o objeto carismático da Congregação: os jovens. O seminarista que ora estava em crise, ora ia “se identificando com as coisas da Congregação”, concluiu um ano de aspirantado “com vontade de querer continuar”.

4.4.1 O pré-noviciado

Efetivamente, a primeira fase da formação salesiana inaugurou, na vida de Amaral, um tempo de oportunidades para confronto consigo mesmo e maior contato com a figura do Cristo. O reconhecimento pelo zeloso acompanhamento recebido, especialmente pela direção formadora, e a mesma percepção nos demais religiosos denotavam que sua avaliação parecia encontrar respaldo num real projeto de formação para a fase.

O trabalho pastoral ganhou destaque nas descrições do biografado, ao reconhecer a exigência que a atividade demandava emocional e fisicamente. Os fins de semana eram tomados pela participação no oratório festivo, cuja organização ocorria de segunda a sexta-feira. As atribuições da casa e da própria formação eram cumpridas religiosamente, no duplo sentido da expressão.

O empenho com a própria formação humana e o despertar para a experiência mística pareciam marcar, de uma maneira positiva e redentora, essa fase do aspirantado. Amaral retomou os atendimentos terapêuticos, acentuando: “Dessa vez, a gente ia até o consultório; o atendimento era fora da comunidade”. Esse dado, ainda que irrisório, demonstra ter contribuído para que analista e analisando estabelecessem, de fato, um processo terapêutico.

Poderia parecer redundância acentuar que, em uma casa de religiosos, um dos atores evidencia, valoriza e apresenta como importante sua aproximação do Sagrado. Avaliar a rotina e o exercício pastoral como “exigente e demandante”, ainda que salutar vocacionalmente, poderia ser aqui ausência do equilíbrio de prioridades. “As liturgias fazem de nós um certo tipo de pessoa, e o que nos define é aquilo que amamos” (SMITH, 2018, p. 36).

No pré-noviciado, o principal na missão era Jesus Cristo. Os formadores diziam: primeiro foca em Jesus Cristo, as outras coisas, a gente vai dialogando. Isso foi muito bom. Como comecei a trabalhar as coisas pessoais na terapia, muitas dessas coisas foram entrando em choque com a antiga imagem que tinha de Deus. Fui percebendo um outro Jesus Cristo. Isso me ajudou muito, no ponto de vista humano, a entender meus conflitos e, principalmente, minhas questões vocacionais.

4.4.2 O noviciado

Segundo Amaral, esse era o período ao qual as pessoas se referiam como sendo o “tempo da graça”, em que os seminaristas, ao serem chamados de noviços, eram conformados à fase que, por tradição institucional, deviam recolher-se ainda mais das coisas do mundo para terem “como objetivo principal a iniciação ao mistério de Cristo” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016, p. 333). Essa experiência relatada por nosso biografado assume contornos que sugerem diálogo com a realidade ou, se podemos dizer, estranhamento entre teoria e prática. “As pessoas que nos visitavam se referiam ao noviciado como casa de gente santa, dizendo, ‘aqui todo mundo é santo’. Isso me irritava. Não tinha ninguém santo ali.”

A rotina para os noviços seguia basicamente a vivenciada na última fase, o pré-noviciado. A etapa deveria salvaguardar o que prescreve a *Ratio* salesiana, com os conteúdos das referidas dimensões humana, espiritual, intelectual e educativo-pastoral, assumindo o que era próprio da fase, habitado ao menos no imaginário coletivo dos saudosos ex-noviços.

A liberdade de ir e vir desacompanhado da comunidade religiosa, a temática mundanizada no currículo oculto das disciplinas trabalhadas, sem contar as discussões sem censura geradas pelos filmes comunitários, causaram, em nosso biografado, inicial inquietação e desconforto com itens que, posteriormente, avaliou como “cedo demais para serem trabalhados”. Amaral registrou ainda, em seu diário de noviço salesiano, acentuada crise familiar cuja entrada os muros do seminário não conseguiam impedir. Afetar-se ou não pelas demandas da família não era para ele opcional.

Um mestre de “cabeça aberta”: foi como Amaral adjetivou seu formador. O ambiente especialmente pelo religioso possibilitado favoreceu o trabalho individual, mas também coletivo, ainda que, para alguns, tal liberdade de ação pudesse ser prematura, como considerou nosso pesquisado. E era nesse lugar que, para ele, fatos antigos e novos emergiam como crise. “Os momentos de crise são aqueles em que se procura curar essa falta por meio do investimento em outros alvos, em novas

estipulações de metas, em recriações de objetos de desejo” (COUTINHO, 2015, p. 235).

A profissão temporária que consiste na promessa feita pelos noviços, ao fim do noviciado, de viverem obedientes, pobres e castos, foi tematizada por Amaral e tida como ponto relevante da crise vocacional. No entanto, ele afirmou:

Os votos não devem ser vistos como opressão, amarra. E que é importante olhar por um lado mais humano da situação, não achar que você é um anjo e que, depois da profissão, vai estar tudo resolvido. O segredo é saber o que você vai fazer com isso.

Em uma etnografia, o sujeito pesquisado “Não nos diz tudo, e esse tudo inclui tanto questões corriqueiras que prefere omitir quanto questões íntimas que podem ser desconhecidas até mesmo para ele” (COUTINHO, 2015, p. 37). O tempo vivenciado no noviciado nos parece ter sido, para Amaral, experiência semelhante ao de um relaxamento possibilitado pelo pátio que, por não focar nas regras, fez do jogo agradável entretenimento. E, por estar relaxado, abriu brechas para que eclodissem os antigos desafetos familiares. As promessas dos votos religiosos surgiram ali como uma nova entrevista de fim de estágio. Desta vez, Amaral reinterpretou: “Não são amarras, você não é anjo”.

4.4.3 O pós-noviciado

“Fase de amadurecimento” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016, p. 234), é também tempo de estudo. Aqui as dimensões da formação apresentadas desde a primeira fase juntam-se à teórica e crítica filosofia, “devendo levar o seminarista a um sólido e coerente conhecimento da pessoa e de Deus” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016, p. 238), ciente de que “A fé cristã possui uma dimensão racional e intelectual, que lhe é essencial. Sem tal dimensão, a fé deixaria de ser ela mesma” (BENTO XVI, 2010, p. 3).

Os anos correspondentes ao contato com a Filosofia foi, na vida de Amaral, um divisor de águas, inaugurando protagonismo e autonomia. Adentrou-se num desbravador universo de sua *polis* particular. Com a liberdade que é própria desse período de formação, o nosso biografado percebeu e lançou-se nas possibilidades que o período formativo oferecia e as suas inquietações demandavam.

Por organização institucional, o curso foi, nesse tempo, oferecido em duas instituições de ensino, em diferentes lugares do País. Amaral experimentou desde as escolhas e abordagens dos teóricos da Filosofia, com base nas concepções

institucionais, ao modo salesiano de se expressar das comunidades religiosas que o receberam. Sem contar ainda com as experiências afetivo-sexuais que o provocavam em sua carreira de jovem religioso.

Se você não tem a cabeça no lugar, para se perder, é muito fácil. Porque são muitas oportunidades, são muitas situações, e aqui não digo somente no campo sexual. Falo de modo geral, perfis, ideias de vida. Tem os riscos, mas vejo mais como potencialidades que problemas.

A primeira experiência feita por Amaral incluindo instituição de ensino e comunidade religiosa foi por ele avaliada como sendo de grande importância para o amadurecimento humano. A Filosofia, cujo *télos* é o questionamento de verdades absolutas, subsidiou nosso pesquisado a um itinerário cuja iluminação parecia ter sido adquirida.

Amaral retomou ao vivido na comunidade religiosa como inegavelmente nunca experimentado e seguramente, em sua opinião, ideal.

Essa experiência foi totalmente diferente: leveza de comunidade, responsabilidade comunitária, sem precisar ficar criando muita coisa. Dava gosto ir para as liturgias. Dava gosto rezar a *lectio divina*. As coisas que os formadores falavam sem recorrer à titulação própria de formadores. Todos nós podíamos falar, expressar, colocar as opiniões; em nenhuma outra casa, vi isso. Essa experiência dava segurança inclusive para estudar. Éramos muito incentivados intelectualmente. A pastoral, apesar do desafio, foi de crescimento muito profundo. A equipe comunitária dava assessoria para a gente, foi a melhor experiência que tive até agora.

Smith, estendendo o conceito de liturgia, reflete sobre as “práticas materiais encarnadas” que, segundo o autor, “direcionam ou apontam (o amor dos indivíduos) para concepções definitivas da prosperidade humana” (SMITH, 2018, p. 216). A essas práticas e rituais ele denomina “liturgias”.

A narrativa de Amaral, sobre o gosto pela frequência aos momentos de oração ou “práticas litúrgicas”, resultava, segundo ele, em maior atuação no exercício pastoral e melhor desempenho no fazer intelectual. Corroborando o autor, percebemos, nas narrativas de nosso biografado, que o desafio de aproximar o “*Ora et labora*”²¹ poderia ser considerável ganho quando as duas dimensões fossem apresentadas com seus níveis de importância, resguardadas suas peculiaridades. Ainda, segundo Amaral, na formação salesiana, o desafio intensificou-se diante da constatada, descontínua e interrupta maneira de ofertá-la.

²¹ “Ora e trabalha”, lema atribuído a São Bento e difundido pelos monges beneditinos. Disponível em: <https://www.mosteirosdaobentorio.org.br/files/Os-monges-benedictinos.pdf>. Acesso em: 24 set. 2020.

A segunda metade da etapa de formação ocorre, como já mencionado, em outra instituição de ensino filosófico e, conseqüentemente, com outra composição de comunidade religiosa, mudança que Amaral não só desaprovava como lamentava. De estilo tradicional e grade curricular mais exigente, o segundo período vivido na mesma fase de formação, o pós-noviciado, ofereceu ao biografado desafios tidos como desnecessários e questionamentos pontuais sobre o processo formativo dos padres salesianos.

Com o número de membros significativamente estendido, muitas atribuições a serem cumpridas dentro e fora da comunidade religiosa, a escolha pelo que é essencial na vida do seminarista poderia exigir critérios e “fidelidade” a propósitos feitos no início de sua carreira. A rotina intensa dentro do espaço seminarístico bem como a importância dada ao exercício acadêmico, a dedicação à prática pastoral e o cuidado com os ambientes comuns podiam fazer negligenciar o que, em discursos convincentes, surgia como valioso, desvelando que, “Às vezes, falar de Deus é um alibi para não se falar com Deus” (BOFF, 2015, p. 25).

A avaliação feita pelo biografado, nesse segundo ano de pós-noviciado, foi de convivência tranquila. Ainda que a interação com a maioria não ocorresse de forma “ideal”, o serviço pastoral seguiu sendo avaliado positivamente desafiador e propício ao crescimento humano. As terapias eram oferecidas pela casa, podendo ser individuais, mas também comunitárias (as dinâmicas de grupo). Amaral fez uma escolha clara de sua prioridade nesse tempo de formação: “Eu ia às dinâmicas de grupo, mas confesso que ficava doído para terminar, para eu voltar logo para os estudos. Era muita coisa para dar conta”.

4.4.4 O tirocínio

O período do tirocínio ou assistência, termo que faz jus à dedicação do seminarista ao campo de trabalho a que foi destinado, ocorre no interstício entre as formações filosófica e teológica. O envio do religioso em formação respeita as aptidões que este tem e o escopo da obra que demanda sua presença. Nesse período, o seminarista “amadurece uma mentalidade de consagrado, aprofundando as motivações da missão e testemunhando sua vocação entre os jovens” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016, p. 250). A fase tem a duração de dois anos e não necessariamente é vivida numa única obra; situação ocorrida com Amaral.

O primeiro ano de dedicação laboral de nosso pesquisado e “testemunho entre os jovens” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016, p. 250) ocorreu em uma casa de formação. O seu trabalho seria, nesse período, contribuir com a instrução dos jovens iniciantes, fase que experimentara pouco tempo antes. Amaral faria parte, nesse ano singular de sua vida, da comunidade formadora. Como demandas, teria de lecionar aos novatos, acompanhá-los em suas práticas pastorais e cuidados com os ambientes comunitários, animá-los e corrigi-los quando necessário. E, de foro íntimo, prestar-lhes os ouvidos de quem tinha mais experiência, sendo ele, na verdade, um formando entre formandos.

Perguntamos a Amaral sobre essa experiência em particular e de como se sentiu.

Não me senti preparado. Eu é que fui me construindo mesmo, até porque as minhas experiências com assistentes foram muito pequenas. Foram muito distantes. Pensei, como posso fazer e o que posso fazer para ser um bom assistente? E eu conversava muito com o diretor, e ele me ajudava bastante.

O tirocínio é, de fato, “o tempo em que enviado a uma comunidade, o tirocinante assume a missão e o projeto segundo a realidade específica da obra e insere-se nela conforme o encargo e as tarefas que lhe são atribuídos” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016, p. 251).

O período para o tirocinante, ainda que esteja ele em formação, é do possível desafio de não ser visto como formando, uma vez que já assume as demandas que são próprias da comunidade que o recebe, acompanha e emite parecer sobre os novos atores. Amaral já era solicitado a “pensar com o diretor o itinerário de formação da casa”. O que até então recebia pronto da comunidade formadora, teria agora a oportunidade de deixar pronto para os formandos que iniciavam a formação salesiana ou, poderíamos dizer, seus novos pares. “Aqui não penso só na minha formação, a casa não estava voltada para meu acompanhamento; eu ajudo a acompanhar outras pessoas”.

Amaral não era efetivamente um formador, não pertencia mais à categoria dos “novatos”, mas recebia da instituição “a autoridade do auxiliar para utilização de seu sistema de controle” (GOFFMAN, 1974, p. 53).

Goffman (1974), em sua obra *Manicômios, prisões e conventos*, ao mencionar a condição dos internados e a relação estabelecida com a instituição total, fala dos níveis desses indivíduos, adquiridos ou concedidos. O auxiliar é trazido como sujeito dotado de “privilégios”, beneficiário de “um pouco mais de intimidade do que o paciente médio” (GOFFMAN, 1974, p. 53).

A narrativa de Amaral sobre a relação estabelecida com a comunidade formadora, especialmente com o diretor, e seu trabalho com os novos seminaristas aproximou-nos de Goffman e de sua abordagem sobre as instituições de confinamento.

Uma coisa que, desde o início, o diretor me falava era o seguinte: “Olha, você vai ajudar a cuidar [...], mas não deixe de cuidar de você”. Ele batia muito nessa tecla: “Cuide de você. Os seminaristas não são os seus amigos”. Isso era muito falado, para não misturar as relações. “Mas a gente precisa ter amigos”, dizia o diretor. “Sai, aproveite! Se precisar de uns dias... Tire um dia para você.” E isso me ajudava, me dava segurança.

O primeiro ano de tirocínio concluiu-se para nosso pesquisado de forma satisfatória e positiva, embora Amaral avaliasse como podendo ter abordado as situações de maneira diferente, propondo outras discussões, especialmente nas aulas. Ao falar sobre aspecto marcador da experiência, Amaral admitiu: “Foi um ano em que experimentei muito a solidão, já não tinha mais a minha turma”.

4.4.4.1 O segundo ano de tirocínio

O segundo ano de tirocínio de nosso biografado ocorreu em ambiente destinado à educação formal, a escola salesiana. Amaral se sentiu intimamente implicado e provocado por gostar e perceber grandes possibilidades nesse espaço. A escola era o lugar da diferença, e a experiência acumulada ou o “patrimônio cultural”, para retomarmos Lahire (2002), trazido pelo pesquisado possibilitou-lhe transitar com desenvoltura e contribuir com a produção do conhecimento.

O trabalho desenvolvido pelo tirocinante deve estar ligado à dimensão pedagógica pastoral, “torna-se educador da fé” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016). Espera-se do seminarista, nesse período e nesse ambiente em particular, que consiga contribuir com a comunidade escolar que educa, com o serviço de “evangelização”, sintonizado à prática formal do ensino/aprendizagem. É chamado ainda a testemunhar vocacionalmente sua vida e escolha de carreira às “novas gerações, sabendo entusiasamá-las, testemunhando valores da vocação de consagrado e desfrutando essa experiência” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016, p. 251).

Ser capaz de acolher o que lhe é estranho teológica e culturalmente é, sem dúvida, oportunidade de crescimento humano e abertura à novidade que interpela. Amaral enxergava no contato estabelecido com os alunos, especialmente os de diferente orientação religiosa, com destaque aos não cristãos, um exercício para o

respeito e interação com o que lhe era diferente. A aproximação de nosso pesquisado com a equipe gestora da escola foi descrita como sendo uma experiência de particular desafio. Aproximar-se de “quem sabe mais” poderia ser um misto de oportuno acúmulo de conhecimento, de contato com situações e encaminhamentos reais, embasados na prática, mas poderia ser desafiante confronto com autoridades autorizadas institucionalmente e ancoradas em oxidantes egos inflados que poderiam fazer naufragar projetos e sufocar pessoas.

Nosso biografado avaliou como “enriquecedora” sua experiência como tirocinante de uma unidade escolar. Os dois anos de trabalho pastoral do assistente ou “auxiliar” Amaral parecem tê-lo feito conhecer de perto o que tantas vezes ouvira ou ensinara em aulas formais ou interações no pátio. A “existência de uma moralidade ‘real’ e ‘autêntica’ do self” de Amaral (CORRÊA, 2015, p. 334) pode se apresentar a nós como questionável, insegura, ou em construção, se assumirmos postura humanizadora da leitura de um ator e suas “questões problemáticas, variações intensivas de seu eu profundo e decorrentes dilemas existenciais”. Um indivíduo que “permanentemente” se “faz e refaz” (CORRÊA, 2015, p. 334).

4.4.5 A teologia: lugar de chegada e de retrospectiva

O espaço teológico foi, para nós, pesquisadores e pesquisado, local de encontro em que especialmente Amaral pôde “explicitar as suas ambiguidades que todos carregamos” (COUTINHO, 2015, p. 50). Em suas narrativas, embora não tivesse essa intenção, o biografado usou da fala cuja cadência inaugurava um lugar terapêutico não acordado explicitamente por nós.

E é da teologia, ou da casa de estudos teológicos, última fase da formação salesiana, que Amaral aceitou mirar sua história vocacional egressa, “possibilitando-nos compreender as articulações entre macro e microcontextos, disposições, afetos e emoções por meio de (sua/s) trajetória(s) individual(is)” (COUTINHO, 2015, p. 14). Chegar à etapa final de um processo em que os resultados dependeriam da particular imersão do sujeito e, à espera deles, expectativa de terceiros, ou de uma instituição, fazia desses sujeitos “os frutos e portadores de todas as experiências, nem sempre compatíveis, nem sempre acumuláveis e, às vezes, altamente contraditórias que viveram em múltiplos contextos” (LAHIRE, 2002, p. 193). Assim, podemos dizer que Amaral, em fase de conclusão do processo formativo dos religiosos salesianos, pôde ter chegado menos ele mesmo e mais fruto da expectativa institucional.

No quadro a seguir, transcrevemos o que de forma mais evidente emergiu dos relatos de Amaral, reaparecendo, com relativa frequência, na retrospectiva das fases de formação:

Período	Frase ou expressão	Contexto
Maio de 2020	Condenavam o <i>homossexualismo</i> e outras coisas... O discurso era moralista. As pregações eram do tipo: DEUS TE FEZ HOMEM; DEUS TE FEZ MULHER...	Anterior aos salesianos
Maio de 2020	Você não tem vocação!	Anterior aos salesianos
Junho de 2020	Queria viver uma experiência tranquila; minha <i>família</i> não me dava essa <i>tranquilidade</i> .	Saída da família para o seminário
Junho de 2020	Loucura, <i>confusão</i> , aventura.	Vocação
Julho de 2020	De repente, <i>you are evaluated</i> como (?) se você vai à oração no horário correto, se você está indo à missa, sabe!	Avaliação
Agosto de 2020	Para meu pai, <i>stability is very important</i> . Minha mãe é mais sentimento; tem necessidade de falar dela e de receber atenção.	Perfil dos pais
Agosto de 2020	Em relação à minha mãe, vejo que é essa questão da sensibilidade; às vezes, até demais. Mas, quando <i>penso na Congregação</i> , essa <i>questão da estabilidade</i> , aí vem o meu pai.	Semelhança com os pais

(continua)

(conclusão)

Período	Frases ou expressões	Contexto
Agosto de 2020	<i>Não conseguia confiar.</i> Pensava: se eu falar que estou sentindo tudo isso, vão me mandar embora. Se não for do jeito que achava que tinha que ser, não vai dar certo.	(Des)confiança
Agosto de 2020	Quando se percebe que <i>não há um ambiente de confiança</i> , é pensar bem o que você vai dizer, os exemplos que você vai utilizar e o que a pessoa quer ouvir.	(des)confiança: terapias na casa de formação
Setembro de 2020	<i>Fui me identificando com as coisas da Congregação</i> , comecei a ver que a vida salesiana era boa, isso foi tirando a ideia centrada no padre. Essa questão do carisma, a vivência do carisma, foi mexendo comigo e dando vontade de querer continuar.	Identificação
Setembro de 2020	<i>Conviver com muita gente é ilusão</i> ; primeiro que depende muito da predisposição de as pessoas quererem interagir. Como é grande (a casa), cada um tem seu quarto, então ficam boa parte do tempo nele, quando aparecem nas orações, refeições, é nesses momentos que a gente consegue conversar.	Convivência comunitária
Outubro de 2020	O colóquio é feito e tem de ser feito, só que <i>nem sempre você quer falar com aquela pessoa ali</i> . Só que ela é o diretor, e você tem de falar. Quando o formador consegue desmistificar, tirar o peso institucional, as coisas fluem com mais facilidade.	Colóquio com o diretor
Outubro de 2020	Acho que o trabalho. O que gosto. Há uma força interior. Coisas que você vai percebendo: <i>como salesiano, posso ajudar bem mais</i> , ajudar outras pessoas com falas, instruções, encaminhamentos. Ter acesso a áreas tão sensíveis, isso, para mim, mexe, mexe muito comigo.	Permanência na vida religiosa
Outubro de 2020	Fui percebendo que a vida religiosa não pode ser um peso. O diferencial é como eu lido com tudo isso. Para renovar (os votos), fui percebendo: aqui tenho mais dificuldade, beleza! Então vou trabalhar, ali sei que estou crescendo, <i>estou evoluindo</i> .	Permanência na vida religiosa
Outubro de 2020	Colocando essas coisas na balança, pensava: <i>dá para continuar, dá para ir em frente</i> . Foi mais ou menos desse jeito. O que estou conseguindo e o que está difícil... E pensava: até aqui, dá pra continuar.	Permanência na vida religiosa

Quadro 24. Retrospectiva das fases de formação.

Fonte: Arquivo do autor (grifo nosso).

O estudante de Teologia que aspira ao presbiterado, portanto o “futuro sacerdote, esforça-se por refletir, na medida do possível, a perfeição humana que vê brilhar em Jesus Cristo e admira em Dom Bosco” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016, p. 265). Nesse sentido, o aspirante a “pastor de almas” (Hb 13,17) busca, no espaço teológico, o enamoramento ao sujeito da Teologia, pois “a teologia não trata de algo, mas de Alguém: Alguém que fala à sua criatura para lhe revelar seu amor e salvá-la” (BOFF, 2015, p. 17). Assim, o que busca o seminarista estudante de Teologia parece ser, na verdade, estreitar sua intimidade com o Sagrado e dele se tornar testemunha.

A fase da teologia é um período que chegou sem “suspenses” para Amaral, pois todo seminarista em fase imediatamente anterior a esta sabia aonde iria e “como funcionavam as estruturas física e humanas”. As inspetorias salesianas do Brasil acordaram, a partir de 2013, uma formação conjunta, otimizando recursos financeiros e humanos ao destinarem a um único espaço físico os seminaristas “candidatos ao ministério presbiteral” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016, p. p. 263).

A Comunidade educativa pastoral da casa de formação teológica é uma realidade interinspetorial, onde se realiza a experiência do pós-tirocínio aos aspirantes à vida salesiana presbiteral. É animada por 40 salesianos de Dom Bosco, sendo 9 formadores e 31 formandos, provenientes das 6 inspetorias salesianas brasileiras (COMUNIDADE SANTO TOMÁS DE AQUINO, 2019, p. 4).

Nossa trajetória foi construída com nosso pesquisado a partir das leituras feitas de suas narrativas e impressões dos espaços internos que marcaram essas experiências, norteando suas interações. A casa destinada à formação dos seminaristas salesianos é anexa ao *campus* da faculdade de Teologia, onde não somente seminaristas salesianos estudam, mas também estudantes de outras congregações religiosas, inclusive femininas; seminaristas diocesanos do entorno do bairro da Lapa, na capital paulista, e ainda discentes leigos. Funciona também uma casa destinada a encontros, como retiros espirituais seminários ou convenções.

4.5 Os espaços da teologia: função e ocupação

Os espaços comuns cumprem, em geral, a função de fazer encontrar e socializar as pessoas. Lugares que, como as relações, norteiam o objetivo pelo qual surgiram ou foram provocados. A grandiosa comunidade de estudantes de Teologia parece não promover o encontro despretensioso que o amplo espaço físico facilita e que, ao contrário, segundo Amaral, dispersa e camufla.

Conviver com 40 pessoas é ilusão. Primeiro que depende muito da predisposição de as pessoas quererem interagir. Como é grande, cada um tem o seu quarto, então ficam boa parte do tempo nele. Quando aparecem nas orações, refeições, é nesses momentos que a gente consegue conversar.

O seminário ou “instituição total é um híbrido social constituído parcialmente como grupo residencial e, parcialmente, como organização formal, sendo um viveiro ou uma estufa que funciona como instrumento para modelar, mudar e transformar pessoas” (BENELLI, 2006 p. 7).

A possível modelagem, segundo Benelli (2006), parece ser realmente pensada na estruturação dos espaços físicos, onde a individualidade e a reserva encontram-se sempre sob ameaças. Assim, os atores buscarão sempre um lugar para a manifestação subjetiva.

4.5.1 O quarto, lugar da individualidade

Meu quarto é muito simples: mesa para estudar, a cama, armário, uma poltrona e uma janela. Dela tenho uma visão bonita para os fundos, isso me faz bem. O meu quarto é o local, o meu canto, mas é fraterno. De toda a casa, aqui eu deixo do meu jeito.

A seguir, a foto de um dos corredores da casa de teologia que separam os quartos dos estudantes, à direita e à esquerda.

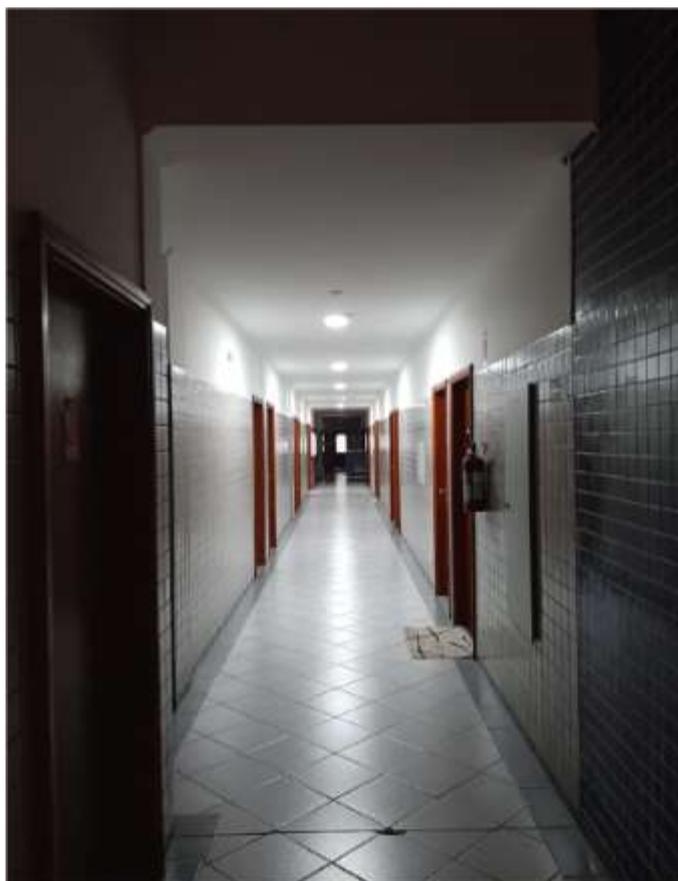


Figura 7. Corredor entre os quartos dos estudantes da Teologia.

Fonte: imagem cedida pela comunidade formadora da teologia, 2020.

O quarto de Amaral parece realmente ser o lugar do refúgio. O “canto” que segrega propositalmente dos espaços comuns e de suas liturgias; uma fenda no longo e seletivo corredor. Um lugar incomum que as relações que realmente importam são selecionadas e nutridas.

O quarto, tento deixá-lo também como lugar de acolhida, interajo na verdade com dois irmãos, um de minha inspetoria e outro de outra. Com eles, consigo ser eu mesmo. No ano passado, houve pessoas que se eu conversei três, quatro vezes, foi muito.

4.5.2 Capela, o espaço de oração comum

A capela é, em geral, o lugar do encontro com o Sagrado, a experiência suposta na relação do seminarista como sujeito “seduzido pelo Criador”.²² Dessa relação íntima com a razão última de sua experiência vocacional, o estudante de Teologia extrapola as ideias teológicas, buscando entender que “não há teologia espiritual sem experiência espiritual. Portanto, nenhuma teologia será espiritual se, primeiro, o próprio teólogo não se espiritualizar, ou seja, se não se esforçar por ser um ‘homem de Deus’” (BOFF, 2015, p. 24).

Sendo a capela também o espaço comunitário para o encontro com os pares, funciona certamente como lugar de visibilização, da prática explícita e visível da fé. Segundo Amaral, esse recurso é utilizado pela comunidade formadora para medir o grau de comprometimento dos seminaristas com sua “configuração total com Cristo” (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2016, p. 266).

De repente você é avaliado como? Se você está chegando na oração no horário correto, se você está indo à missa, sabe! Muita gente junta (quantidade). Às vezes, as coisas são mais de aparência. Se você aparenta bem, se está bem, pronto! Tudo certo.

Para o nosso biografado, esse tipo de relação estabelecida estava ligado ao não acompanhamento personalizado e imprescindível na carreira do sujeito que se preparava para ser padre. O contrário do estreitamento de laços acabava por criar relações distanciadas, em que era negligenciada a confiança em falar o que realmente se pensava sobre o processo formativo e suas deficiências. Outrossim era a manifestação dos seminaristas em espaços e recursos alternativos. “Observo ‘recados’ nas pequenas coisas: nas falas, novenas, celebrações, textos produzidos pelos formandos; muitos contrapõem ao ensinado nas aulas. Por isso que digo que muitos apenas passam pela teologia.”

A seguir, a foto da capela da comunidade, onde formadores e seminaristas se reúnem para as práticas litúrgicas comunitárias e individuais. Comumente, o encontro comunitário na capela se dá nos horários norteados pela Liturgia das Horas: *laudes* pela manhã, *vésperas* ao fim do dia, e *completas* à noite. A celebração da missa é, em geral, seguida das *laudes*, pela manhã.

²² “Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir! Foste mais forte do que eu e me subjugaste!” (Jr 20,7).



Figura 8. Celebração da missa.

Fonte: imagem cedida pela comunidade formadora da teologia, 2020.

4.5.3 O refeitório comunitário

O refeitório é também o espaço em que, inevitavelmente, a comunidade se encontra em espírito de família, como propriamente as famílias tradicionais se reúnem em torno da mesa e partilham, além do alimento, a vida. Assim também devem os salesianos, “como Dom Bosco queria que em seus ambientes cada qual se sentisse em casa” (CR 16) (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 2003).

O tempo destinado à refeição é, em geral, oportuno à interação e diálogo que normalmente é facilitado pela proximidade espacial que os comensais se encontram. Amaral destaca maior aproximação tendo o refeitório como espaço de encontro, no período de pandemia, que, como já dissemos, modificou também no seminário práticas e comportamentos, “oportunizando coisas sem serem marcadas, que acontecem com certa naturalidade”.



Figura 9. Refeitório da comunidade da teologia.

Fonte: imagem cedida pela comunidade formadora da teologia, 2020.

4.6 Amaral: permanecer e buscar pelo amor

Nossos encontros com Amaral provocaram, sem dúvida, um movimento de revisita interior a partir de sua retomada vocacional, de sua organização mental com as narrativas, e a seleção das falas que imaginou publicáveis, “suprimindo atitudes e sentimentos menos nobres” (COUTINHO, 2015, p. 32). Acreditamos que suas partilhas tenham sido frutos de um movimento algumas vezes consciente, outras tantas de “traição” do subconsciente, e esses lapsos, “seguidos de uma justificativa, cabe (a nós) ao analista interpretar a tentativa sistemática de justificá-los” (COUTINHO, 2015, p. 32).

A retrospectiva feita pelo pesquisado, colocando-se ora como protagonista de sua história, ora como participante de um experimento que distanciava teoria de prática, revelou o irregular movimento de sujeito e instituição concomitantemente fragilizados em seus itinerários,

A execução que se dá aqui nas práticas não é o que a gente vai ter numa comunidade normal. Há um abismo muito grande. A ideia da formação é legal, boa, positiva, mas a forma como é executada no dia a dia, não vejo que favoreça.

A narrativa construída por Amaral e o que podemos chamar de pensamento em voz alta antecipam uma pergunta imaginária: “Bom, você poderia me perguntar: ‘Nossa! Com tantos problemas, vale a pena continuar? Não valeria a pena procurar uma outra coisa?’”.

Diante, possivelmente, das próprias provocações, nosso biografado ofereceu, como resposta à sua pergunta, a resiliência que, de algum modo, obteve em sua trajetória. Amaral resgatou, em suas últimas falas, a poesia própria contida no linguajar e no diálogo do amante e do amado, quase incompreendida aos ouvintes externos. Retoma, com o romance do Cântico dos Cânticos, o que vivera na primeira etapa da formação salesiana, o pré-noviciado, o aproximar-se do Cristo:

Em meu leito, durante a noite, procurei o amado de minha alma. Procurei-o e não o encontrei. Vou, pois, levantar-me e percorrer a cidade, pelas ruas e pelas praças, procurando o amado de minha alma. Procurei-o e não o encontrei. Encontraram-me os guardas que faziam a ronda pela cidade: “Acaso vistes vós, o amado de minha alma?”. Pouco depois de ter passado por eles, encontrei, afinal, o amado de minha alma. Segurei-o e não o soltarei, até que o introduza na casa de minha mãe, no aposento daquela que me concebeu (Ct 3,1-4).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso, nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro” (Carta a Tania Kaufmann. LISPECTOR, 2002).

Responder à pergunta elaborada para esta pesquisa se tornou uma demanda que, certamente, extrapolou as inquietações de pesquisados e pesquisador. Falar da biografia dos seminaristas salesianos e entender suas trajetórias foi importante movimento de aproximação daquilo que suas histórias egressas trouxeram na bagagem para a instituição seminário.

Ao refletirmos que os “atores são plurais”, temos o importante dado sobre a multiplicidade existente e apreendida por eles em sua “primeira socialização”, na família. Entendemos que, inevitavelmente, o “capital cultural” (LAHIRE, 2002) trazido para o seminário e utilizado pelos atores incide em suas relações, seu modo de interpretar o novo cenário, subsidiando suas respostas sobre seguir ou partir dessa nova instituição.

A aproximação foi feita ainda da instituição que acolheu esses sujeitos, o seminário salesiano. Aqui pudemos entendê-lo ao ler seus instrumentais, investigar suas práticas e acessar sua bibliografia, como instituição de hábitos totais; muito similares aos elencados por Goffman (1974) cuja obra adotamos na pesquisa, mas também abrindo brechas para outras interpretações.

O caminho por nós percorrido, as interações estabelecidas e, de modo especial, as escutas à trajetória empreendida por nosso personagem denominado Amaral conduziram o pesquisador a suas próprias construções como seminarista salesiano que foi. Ouvir as experiências bem como as estratégias encontradas para superação dos limites, em que o pesquisado se percebe crítico consigo mesmo e com a instituição envolvida, foi, muitas vezes, oportunidade de revisita à própria história vocacional do autor.

Dessa forma, não pretendemos simplificar ou negligenciar resultados que entendemos como implicados em discussões que extrapolam o propósito desta pesquisa. No entanto, apresentamos o que nos possibilitou a leitura dos dados gerados na interação com os atores e o diálogo com os autores trazidos para a interlocução.

Nossa suposição sobre a saída dos seminaristas, a partir das ferramentas obtidas, os escrutínios, bem como nossa interpretação de sua estrutura fragilizada é

que essa mesma condição acabou por se estabelecer na interação de seminaristas e formadores. O embasamento no robusto, completo e racional documento institucional, a *Ratio* salesiana, pareceu-nos não fazer transposição para realidades concretas de seminaristas reais, provindos de núcleos familiares sempre mais plurais.

A avaliação feita pelas comunidades formadoras parece dissociar-se daquilo que foi ouvido no elementar colóquio com o diretor, das observações despretensiosas, mas falantes dos momentos informais em que os seminaristas são muito mais eles mesmos. Junto a isso, o caráter de vigilância soldadesca que assumem a partir do diretor a seu “auxiliar”, o assistente. Ser verdadeiro não parece um bom negócio a quem deseja permanecer no seminário.

Se o seminarista chega ao seminário desprovido demais de valores que deveria trazer de casa, não parece ser essa instituição o lugar para adquirir essa formação basilar. De outra forma, parece não ser também o lugar para desapegar-se de contravalores, pois, nesse espaço, o tempo é demarcado e não coaduna com biografias individuais.

Para nós, os seminaristas convidados a se retirarem dessa instituição total ou que dela se despedem, em sua maioria, são aqueles que não conseguiram aparar arestas particulares trazidas ou adquiridas no seminário, cujo tempo a eles concedido para tal não foi suficiente. A moldagem exigida pelo espaço seminarístico ou o formato não alcançado pelos seminaristas mais exigentes os expeliu dessa instituição idealizada.

Quanto aos candidatos que permanecem na instituição, perguntamo-nos sobre seu estado, a condição em que se encontram após longo e exigente percurso, com apelos ao desprendimento, sobretudo de si mesmos.

Das escutas que fizemos de nosso biografado, do resgate de seu histórico familiar até os dias em que se encontra, última fase da formação salesiana, questionamo-nos sobre as fragilidades que foram sendo endurecidas, ou quais temáticas foram selecionadas para serem ditas no terceirizado espaço terapêutico com quem aprendeu a selecionar para agradar, ou ainda, para negociar a sua permanência. Disse-nos Amaral: “Meu temor é não ser feliz; de alguma forma chegar lá na frente e olhar para trás e dizer: poxa, podia ter feito outra coisa! Não conseguir uma realização humana, não valer a pena. Tenho medo de me frustrar”.

O temor de Amaral é, possivelmente, o mesmo que sentem centenas de outros jovens confrontados pelo resultado do vestibular, do iminente fracasso profissional ou decepção amorosa. A possível diferença entre ele e os jovens de sua

idade talvez seja que, ao optarem pelo “mundo”, esses seguem sendo provocados a reinventar-se diante das próprias misérias e fracassos perante possíveis frustrações acumuladas por demandas pessoais ou ausência de reconhecimento de ordem familiar ou governamental, estando suas dificuldades ligadas ao poder do Estado; aí então desprovidos de suportes institucionais. Esses sujeitos não se seguraram à estabilidade.

Eu também me pergunto: se eu sáísse hoje, o que faria? Quais opções eu teria? É uma mudança brusca! Não digo que não teria sofrimento [...]. Você sair de um ambiente de estabilidade, porque aqui tem estabilidade, para uma coisa que você vai ter que lutar novamente, vai ter que correr atrás novamente.

“Correr atrás novamente” é recomeçar, olhar para outra direção, enamorar-se de outro objeto em que valha a pena investir esforços e, quem sabe, a própria vida. Assim, parece que, às vezes, a melhor escolha é permanecer.

Não sem razão, remontamos a carreira do seminarista pela compreensão bíblica, como chamamento e mistério. E, oportunamente, relembramos a ação invisível do Divino que recobre de vida seres ressequidos, a exemplo dos ossos que retomam os movimentos, na profecia de Ezequiel: “E profetizei como Ele me deu ordem. Então o espírito entrou neles, e viveram, e se puseram em pé, um exército grande em extremo” (Ez 37,10).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Altíssima pobreza**: regras monásticas e forma de vida. São Paulo: Boitempo, 2014.

BENELLI, Sílvio José. O seminário católico e a formação sacerdotal: um estudo psicossocial. Instituto de Psicologia-USP. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 145-182. 145, set. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000300011>. Acesso em: 20 out. 2020.

BENTO XVI. (Papa). **Carta do Papa Bento XVI aos seminaristas**. Vaticano: Livraria Editora Vaticana, 2010. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2010/documents/hf_ben-xvi_let_20101018_seminaristi.html. Acesso em: 21 out. 2020.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. 7. ed. Brasília: Edições CNBB, 2008.

BOFF, Clodovis. Teologia e espiritualidade: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração. **Revista Pistis Praxis**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 112-141, set. 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/12986>. Acesso em: 19 out. 2020.

CERIA, Eugenio (Ed.). **Memorie biografiche di San Giovanni Bosco**: raccolte da sacerdote salesiano Giovanni Battista Lemoyne. (vol. 12). Torino: SDB, 1931. Disponível em: https://www.sdb.org/pt/Dom_Bosco/Biografiche/Memorias_Biograficas/Memorie_Biografiche_vol_12. Acesso em: 28 out. 2020.

COMUNIDADE SALESIANA MARIA AUXILIADORA. **Pré-noviciado**: plano de ação 2020. Pará de Minas: Comunidade Salesiana Maria Auxiliadora, 2020. (Documento de veiculação interna.)

COMUNIDADE SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Teologia**: projeto de vida da comunidade salesiana 2019/2020. São Paulo: Comunidade Santo Tomás de Aquino, 2019. (Documento de veiculação interna.)

CORRÊA, Diogo Silva. **Anjos de fuzil**: uma etnografia das relações entre igreja e tráfico na Cidade de Deus. 2015. 401 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://152.92.4.120:8080/bitstream/1/15519/1/tese%20Diogo%20Silva%20Correa.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.

CORREA, Diogo Silva; DIAS, Rodrigues de Castro. A crítica e os momentos críticos: *de la justification* e a guinada pragmática na sociologia francesa. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 67-99, abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-93132016v22n1p067>. Acesso em: 18 nov. 2020.

COUTINHO, Priscila de Oliveira. **“Meu sonho era maior que eu”**: biografia sociológica de uma trãnsfuga de classe. 2015. 300 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCISCO. (Papa). **Exortação apostólica pós-sinodal *Cristo vivit*, do Santo Padre Francisco aos jovens e a todo o povo de Deus**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Vaticano: Livraria Editora Vaticana, 1996. Acesso em: 21 out. 2020.

FRANKL, Viktor E. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. 11. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

GASTALDO, Édison. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 68, p. 149-153, out. 2008. <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n68/v23n68a13.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2020.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOOREN, Henri. **Religious conversion and disaffiliation: tracing patterns of change in faith practices**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

GUERRA, Lemuel Dourado. **Mercado religioso no Brasil: competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião**. 2000. 223 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO. **Distribuição territorial**. Disponível em: <http://acaosocial.salesianos.br/Institucional>. Acesso em: 28 abr. 2020.

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO. Dom Bosco aqui. **Inspetorias salesianas no Brasil**. Elaboração: Gleuso Damasceno Duarte. Arte: Bruno de Castro. Belo Horizonte: ISJB, s.d. Disponível em: <http://www.domboscoaquai.com.br/inspetoria-sao-joao-bosco/>. Acesso em: 28 abr. 2020.

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO. Sistema Salesiano de Escolas. **Sobre nós**. Belo Horizonte: ISJB, 2021. Disponível em: <http://escolas.salesianos.br/Institucional>. Acesso em: 3 jan. 2021.

INSTITUTO HISTÓRICO SALESIANO. **Dom Bosco e sua obra: coletânea ontológica**. Brasília: EDB, 2015. (Fontes Salesianas, 1.)

INSTITUTO SÃO VICENTE. **Pós-noviciado: projeto de vida comunitário salesiano 2020**. Campo Grande: Instituto São Vicente, 2020. (Documento de veiculação interna.)

JOÃO PAULO II. (Papa). **Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis*, de Sua Santidade João Paulo II, ao episcopado, ao clero e aos fiéis, sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais**. Vaticano: Livraria Editora Vaticana, 1992. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis.html. Acesso em: 25 maio 2020.

JOÃO PAULO II. (Papa). **Exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata*, do Santo Padre João Paulo II ao episcopado e ao clero, às ordens e congregações religiosas, às sociedades de vida apostólica, aos institutos seculares e a todos os fiéis sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo.**

Vaticano: Livraria Editora Vaticana, 1996. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html. Acesso em: 21 out. 2020.

KOLLER, Felipe. Quais são as maiores ordens e congregações católicas do mundo? **Gazeta do Povo**, Curitiba, 6 out. 2017, Caderno Sempre Família. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/blogs/acreditamosnoamor/quais-sao-as-maiores-ordens-e-congregacoes-catolicas-do-mundo>. Acesso em: 30 abr. 2020.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2002.

LENTI, Arthur J. **Dom Bosco**: história e carisma: expansão de Valdocco a Roma (1850-1875) (vol. 2.). Brasília: EDB, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Correspondências**. Compilado por Teresa Montero. São Paulo: Rocco, 2002.

NOVICIADO SALESIANO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Noviciado**: projeto formativo e comunitário 2020. Barbacena: Noviciado Salesiano Sagrado Coração de Jesus, 2020. (Documento de veiculação interna.)

PAULA, Antônio Pacheco de. **Inspetoria São João Bosco**: salesianos e colaboradores realizando a missão do fundador. Belo Horizonte: Cesap, 2003.

REINHARDT, Bruno. De epifania a método: a teopolítica do testemunho em um seminário pentecostal em Gana. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 44-70, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rs/v36n2/0100-8587-rs-36-2-00044.pdf>. Acesso em: 23 out. 2020.

SANTA SÉ. **Código de Direito Canônico**. Promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Notas, comentários e índice analítico de Pe. Jesus Hortal, SJ. São Paulo: Loyola, 2017.

SEIDL, Ernesto. Sociologia da vocação religiosa: reprodução familiar e reprodução da igreja. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 14, v. 14, n. 29, p. 1-33, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/26373>. Acesso em: 15 set. 2020.

SMITH, James K. A. **Desejando o Reino**: culto, cosmovisão e formação cultural. São Paulo: Vida Nova, 2018.

SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES. **Constituições e regulamentos**. 2. ed. Roma: CR, 2003.

SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES. Dicastério para a Formação. **A formação dos salesianos de Dom Bosco**: princípios e normas: ratio fundamentalis institutionis et studiorum. 3. ed. Roma: Salesiana, 2000. Disponível em: https://www.sdb.org/pt/Conselho_Recursos/Forma%C3%A7%C3%A3o/Documentos/

critérios_e_normas_de_discernimento_vocacional_salesiano_2000. Acesso em: 28 out. 2020.

SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES. Dicastério para a Formação. Dicastério para a Pastoral Juvenil. **Jovens salesianos e acompanhamento:** orientações e diretrizes. Roma: Sociedade de São Francisco de Sales, 2019.

SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES. Direção-Geral. Obras de Dom Bosco. “Quais Salesianos para os jovens de hoje?”: reflexão pós-capitular da Sociedade de São Francisco de Sales. Tradução de P. José Antenor Velho. **Atos do Conselho-Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco**, Brasília, a. 102, n. 433, set. 2020a. Disponível em: [https://archive.sdb.org/PR/Documenti/2020/pdf/ACG433_\(CG28\)_pt.pdf](https://archive.sdb.org/PR/Documenti/2020/pdf/ACG433_(CG28)_pt.pdf). Acesso em: 21 out. 2020.

SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES. Mapa salesiano. Roma: Sociedade de São Francisco de Sales, 2020b. Disponível em: <https://www.sdb.org/pt/Mapa/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES. **Ratio fundamentalis institutionis et studiorum:** a formação dos salesianos de Dom Bosco: princípios e normas. 4. ed. Roma: Sociedade de São Francisco de Sales, 2016.

VELOSO, Caetano. **Oração ao tempo**. Universal Music, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HQap2iglhxA>. Acesso em: 21 out. 2020.